**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS EM INGLÊS**

NARJARA FERREIRA MITSUOKA

**O trabalho voluntário de tradução e
suas implicações socioculturais**

**São Paulo
2012**

NARJARA FERREIRA MITSUOKA

**O trabalho voluntário de tradução e
suas implicações socioculturais**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos e Literários em inglês do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Estudos da Tradução

Orientador: Prof. Dr. John Milton

**São Paulo
2012**

Para minha mãe, Irene, pelo apoio
incondicional em todos os momentos.

Agradecimentos

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq pela concessão de Bolsa de Mestrado, possibilitando a dedicação à pesquisa e a conclusão desta dissertação.

Ao Prof. Dr. John Milton por acreditar no projeto e orientar a pesquisa, simplificando os caminhos.

Ao Prof. Dr. Francis Aubert e à Prof^a Dr^a Lenita Rimoli Esteves pelas sugestões no Exame de Qualificação.

Aos colegas Adriano e Ana Tereza pelo apoio e compreensão.

À amiga Luana Rapoport Furtado, companheira de todos os momentos.

Às amigas Carla Godinho e Ivete Ribeiro pelas palavras de sabedoria e incentivo durante esse trabalho.

Ao querido Marcelo Souza Miguel pelo carinho e companheirismo.

Aos meus pais, Irene e Antonio, por proporcionarem condições para a realização desse projeto.

A minha querida sobrinha, Brenda, pelo amor incondicional e a alegria de todos os dias.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para essa pesquisa.

Resumo: Este trabalho pretende analisar os aspectos do trabalho voluntário de tradução e, em qual medida, ele interfere nas relações socioculturais e sociedade. Para tanto, tomaremos como objeto de estudo um grupo de tradutores voluntários que atuam na Organização Não-Governamental *Soka Gakkai Internacional*. Como se pretende estudar os agentes que participam desse processo, como parte de uma estrutura social, utilizaremos a teoria de *actor-network* de Bruno Latour (2005). Com o intuito de analisar a função e o desenvolvimento dos tradutores voluntários envolvidos no processo, sua experiência pessoal e profissional e suas relações socioculturais, utilizaremos a noção de *habitus* discutida por Pierre Bourdieu (1972; 1990; 2003). Com base nos estudos preliminares, pressupõe-se que os atores que desenvolvem esse trabalho voluntário de tradução compartilham princípios e disposições semelhantes, ou seja, possuem basicamente os mesmos *habitus* e negociam as regras que regem o seu trabalho de acordo com a prática, e não partindo da teoria. Finalmente, busca-se confirmar a premissa de que, para o grupo em questão, os valores que permeiam o seu trabalho, a despeito da recompensa financeira, agregam novas características ao trabalho de tradução, sob uma concepção mais humanista e social.

Palavras-chave: tradução, trabalho voluntário, sociocultural, *habitus*, teoria de *actor-network*, Organização Não-Governamental.

Abstract: This article aims to analyze translation as volunteering work as long as to what extent it influences socio-cultural relations and society. Thus, the object of our study is a group of volunteers who work as translators for the Non-Governmental Organization *Soka Gakkai International*. As we intend to study the agents who participate in this process, considering them to be part of a social structure, the empirical data are discussed against the background of the *Actor-Network-Theory* by Bruno Latour (2005). We also intend to analyze the role and development of the volunteering translators involved in the process, their background and socio-cultural relations, which will be framed in terms of Pierre Bourdieu's concept of *habitus* (1972; 1990; 2003). Based on preliminary studies, we may argue that the actors who take part in this translation volunteering work share similar principles and dispositions, that is, they have the same *habitus* and their starting point is not the theory, but they negotiate the rules of translation according to their practice. Finally, we intend to confirm the hypothesis that, for this group, the value of their job is beyond the financial reward, and bring new characteristics to translation.

Key words: translation, volunteering work, socio-cultural, *habitus*, *Actor-Network-Theory*, Non-Governmental Organization.

Sumário

Introdução	8
1 BSGI: uma associação de voluntários	13
1.1 Delineando o <i>habitus</i> da SGI.....	15
1.2 Os tradutores e a expansão das religiões.....	17
1.3 A herança oriental: prestígio e a honra	18
1.4 Os tradutores voluntários no espaço social da SGI	20
1.5 Críticas: ONG ou religião?.....	24
2 O trabalho voluntário na sociedade contemporânea	26
2.1 A etnografia como ponto de partida para traçar as motivações do trabalho voluntário.....	28
2.2 O trabalho voluntário e a sociologia de Bourdieu	31
2.3 As estratégias de reconhecimento.....	33
2.4 O <i>habitus</i> do tradutor voluntário	35
2.5 A trajetória do tradutor voluntário	38
2.6 A rede de tradutores voluntários.....	43
3 A rede de tradutores voluntários e o lucro simbólico	46
3.1 Formas de recompensa: o <i>capital simbólico</i> e o <i>capital social</i>	46
3.2 O papel dos tradutores e intérpretes voluntários: limitações.....	49
3.3 Tradutores e intérpretes voluntários: mediação e acúmulo de capital simbólico ...	55
3.4 Tradução, Trabalho Voluntário e Transformação	62
3.5 A formação do <i>habitus</i> do tradutor no trabalho voluntário.....	67
3.6 Novas regras do jogo social.....	70
Conclusão	75

Referências	77
Apêndices	83
Anexos	113

Introdução

Nos últimos anos, o papel da tradução nas relações internacionais e na solução de conflitos mundiais tornou-se fundamental. Seja no contexto de guerras mundiais, ou no pós-guerra, o apaziguamento nas relações entre diversos povos do mundo inteiro contou com a tradução como mediadora. Atualmente, além do caráter político, a tradução contribui para diversas áreas como economia, literatura, sociologia e para o mundo acadêmico em geral, visto que muitas publicações são traduzidas para inúmeros idiomas.

O período após a Segunda Guerra Mundial foi caracterizado por diversos problemas de cunho político e social: o surgimento de dois pólos hegemônicos, culminando com a Guerra Fria, a fome, a pobreza e, conseqüentemente, as revoltas, as disparidades sociais e as ditaduras militares em diversos países, ocasionando movimentos sociais anti-repressão e o exílio de centenas de civis. Nesse contexto, estabeleceu-se a Organização das Nações Unidas, em 24 de outubro de 1945, com o propósito de “manter a paz e a segurança no mundo, fomentar relações cordiais entre as nações, promover progresso social, melhores padrões de vida e direitos humanos”.¹ Seguiu-se a fundação de outras organizações não-governamentais com propósitos semelhantes e, desse modo, houve um aumento significativo da demanda de tradutores para os diferentes idiomas. Além disso, os estudos de tradução foram incorporados e passaram a ser reconhecidos como uma disciplina acadêmica, suscitando a expansão de sua pesquisa (TYMOCZKO, 2006, p. 18).

Entre as inúmeras organizações ou associações que surgiram para preencher a lacuna conseqüente do pós-guerra no Japão destacamos a *Soka Gakkai* que,

¹ Disponível em:< http://www.onu-brasil.org.br/conheca_onu.php> Acesso em: 04 de outubro de 2008.

posteriormente, filiar-se-ia a ONU assumindo a denominação de *Soka Gakkai International* e expandindo-se para o ocidente. Para viabilizar essa expansão alcançando 192 países e difundir seus valores, a *Soka Gakkai* contou com a colaboração de tradutores e intérpretes voluntários. Certamente, esse movimento apresenta múltiplas possibilidades de análise em diversas áreas do conhecimento, como nos estudos da religião (BORNHOLDT, 2007; 2009; CLARKE, 2008). Entretanto, considerando os tradutores que contribuíram para sua expansão optamos por analisar esse viés. A escolha desse processo como objeto de estudo culminou com várias indagações acerca das justificativas para trabalho voluntário de tradução e sua influência no espaço social, assim como sobre a criação, o desenvolvimento e a troca de conhecimento e reconhecimento dessa rede de tradutores.

Nesse sentido, consideramos de suma importância refletir sobre o amplo significado do processo tradutório para uma sociedade, considerando os indivíduos que participam desse processo nos mais diversos campos. Nas últimas duas décadas houve uma considerável expansão nas pesquisas que abordam os tradutores, e não somente a tradução, conforme cita Anthony Pym na introdução de *Sociocultural Aspects of Translating and Interpreting*. (PYM et al., 2006).

A tradução, como uma importante ferramenta de relações socioculturais, ainda tem como principal agente o ser humano, apesar das abundantes ferramentas tecnológicas das quais dispomos atualmente. Entre as diversas categorias de tradutores e intérpretes – amadores, profissionais, bem ou mal remunerados – há pessoas que prestam serviços gratuitamente. Quem são esses tradutores voluntários? Quais motivos os levam a realizar um trabalho não-remunerado, o qual implica em comprometimento com normas e tantos outros fatores complexos pertinentes à tradução? Como se dá a interação entre esses voluntários? Quais são os pontos de convergência e divergência

com relação à tradução como trabalho remunerado? Essas são algumas das principais questões que permeiam nossa pesquisa.

Considerando esse contexto de voluntariado e associações, faz-se necessária uma análise sociológica que compreenda os princípios geradores dessa prática, os participantes que constituem essa rede e suas consequências no espaço social. Sob a perspectiva dos estudos da tradução, pretende-se desvendar as características de um tradutor voluntário e sua trajetória social. Essa investigação encontrou respaldo, sobretudo, nas premissas do sociólogo Pierre Bourdieu e do antropólogo Bruno Latour. Milton e Bandia (2008), em *Agents of Translation*, enfatizam a crescente importância de Bourdieu para a análise do papel desempenhado por um agente de tradução e citam alguns dos estudos nos quais foi utilizado como embasamento teórico. Daniel Simeoni em seu artigo “*The Pivotal Status of the Translator’s Habitus*”, publicado na revista *Target* (SIMEONI 1998), foi um dos pioneiros a relacionar Bourdieu aos estudos da tradução. Simeoni busca investigar como um falante bilíngue pode adquirir um *habitus* tradutório e acrescenta que ser um tradutor significa refinar um *habitus* social, tornando-o um *habitus* especial.

Uma edição especial de *The Translator* (Volume 11, Número 2, 2005) foi dedicada à contribuição de Bourdieu aos estudos da tradução. Em um desses artigos, Meylaerts cita uma das raras menções de Bourdieu à tradução (BOURDIEU 1978 *apud* MEYLAERTS 2005), no qual afirma que a significância de um texto original pode mudar de acordo com o campo de recepção e que essa transferência cultural é ditada por diversas operações sociais. Nesse caso, os materiais a serem traduzidos, os agentes e os interesses constituem o “processo de seleção”, isto é, uma das operações.

Entre outras pesquisas pertinentes ao tema, Hélène Buzelin (2005) amplia a fundamentação teórica da sociologia aplicada aos estudos da tradução ao passo que

extrapola Bourdieu e incorpora a teoria de *actor-network* de Bruno Latour aos estudos da tradução. Sua pesquisa junto a editoras independentes no Canadá será analisada mais adiante.

Wolf e Fukari (2007) reúnem artigos dos autores citados anteriormente, entre outros, em *Constructing a Sociology of Translation*, no sentido de delinear uma espécie de alicerce da sociologia da tradução. Wolf apresenta o tema destacando o papel dos agentes envolvidos sob o prisma da tradução como uma prática social e produto cultural. Para tanto, cita as diversas contribuições da sociologia de Bourdieu e da crescente referência a Latour. Embora Bourdieu tenha sido mais associado aos estudos da tradução, a presença de Latour tem sido cada vez mais recorrente nesse campo e oferece inúmeras possibilidades.

Assim, o trabalho insere-se em um contexto interdisciplinar, no qual a fundamentação teórica recorreu aos estudos da tradução, da sociologia, da antropologia e dos estudos da religião.

Com relação à metodologia, a dissertação está dividida em três partes. No primeiro capítulo, apresentamos a associação Brasil SGI com um breve panorama desde sua fundação no sentido de situar os tradutores voluntários, objeto de nossa pesquisa. Partimos, portanto, da macro abordagem para chegar ao recorte da pesquisa, uma vez que para compreender as motivações para esse trabalho voluntário faz-se necessário analisar os pontos de interseção entre o discurso institucional e o discurso do voluntário, incluindo críticas a esse respeito (BORNHOLDT, 2007, 2009). Para delimitar esse perfil, recorreremos aos conceitos de *habitus*, *campo*, *illusio*, *capital social*, *capital simbólico* e *capital cultural* discutidos por Bourdieu (1983, 1989, 1990, 1998, 2003a, 2003b, 2007). Discorreremos também sobre as estratégias de consagração traçando um

paralelo com a pesquisa de Setton (2004) sobre o associativismo voluntário do *Rotary Club*.

No segundo capítulo, contextualizamos o trabalho voluntário na sociedade, incluindo críticas e limitações no âmbito da tradução. Na sequência, apresentamos o perfil dos tradutores traçado a partir do modelo de pesquisa etnográfica realizado por Koskinen (2008) com tradutores da União Europeia, complementado pela pesquisa supra-citada de Setton (2004). Discorreremos sobre a trajetória do tradutor voluntário e a formação de seu *habitus primário* com base nos dados coletados no decorrer do trabalho.

No terceiro capítulo, enfatizamos a formação do *habitus secundário* dos tradutores voluntários por meio da rede formada pelo grupo. Analogamente, discutimos o trabalho do tradutor voluntário como modo de transformação social, nos termos de Latour.

Finalizamos o estudo com a conclusão e, posteriormente, as referências.

1 BSGI: Uma associação de voluntários

O trabalho de tradução de um grupo de tradutores voluntários da Organização Não-Governamental ² *Soka Gakkai International* (doravante denominada SGI), “uma associação que visa à promoção de valores como a paz e o respeito humano [...] inspirados na filosofia humanística do Budismo de Nitiren Daishonin.” ³, constitui-se no objeto de nosso estudo e reflexão.

Os principais conceitos filosóficos dessa Organização Não-Governamental (doravante denominada ONG) são:

A dignidade e a igualdade inerentes em todos os seres humanos; a unidade da vida e seu meio ambiente; o inter-relacionamento das pessoas que fazem do altruísmo o caminho viável para a felicidade pessoal; o potencial ilimitado de cada pessoa para a criatividade, e o direito fundamental de cultivar o autodesenvolvimento por meio de um processo de reforma automotivada chamada ‘revolução humana’.⁴

A SGI está presente em 192 países e territórios com mais de doze milhões de associados no mundo ⁵. No Brasil é representada pela Associação Brasil SGI (ou simplesmente BSGI), a qual promove e participa de diversos eventos sociais com base em seus princípios de “paz, cultura e educação”.

De acordo com o seu departamento de relações públicas obtemos a informação que, nos termos da lei, a BSGI constitui uma organização religiosa e, como tal, é considerada pessoa jurídica de direito privado sem fins lucrativos.

² “A SGI é oficialmente registrada como ONG no Conselho Econômico e Social das Nações Unidas (Ecosoc), no Alto-Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (Acnur), no Departamento de Informações Públicas das Nações Unidas (UNDPI) e na Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). Também integra a Federação Mundial das Associações das Nações Unidas (WFUNA).” (Apresentação da Proposta de Paz 2010 [IKEDA: 2010])

³ Associação Brasil SGI. Atualizado em outubro de 2008. Disponível em: <<http://www.bsgi.org.br/sgi.htm>>. Acesso em: 04 de outubro de 2008.

⁴ Ibid.

⁵ Número fornecido pelo Departamento de Relações Públicas da BSGI.

As Organizações religiosas foram incluídas como pessoas jurídicas pela Lei nº 10.825, de 22/12/2003. A partir de então a Associação Brasil SGI é reconhecida nos termos da Lei como uma Organização Religiosa. No entanto, pela sua constituição no estatuto, a BSGI realiza diversas atividades da principal (religiosa) em prol da sociedade nas áreas da educação, cultura e paz, onde em sentido amplo é considerada uma ONG, como também a SGI.⁶

O grupo de tradutores voluntários que analisamos é composto por uma média de sete tradutoras voluntárias e um coordenador do projeto, funcionário da editora Brasil Seikyo. Os principais materiais traduzidos são os artigos da revista *SGI Quarterly*⁷, disponível também na versão eletrônica em inglês⁸, publicada trimestralmente pela SGI, os quais o mesmo grupo traduz desde meados de 2005, e o romance *Nova Revolução Humana*, traduzido por esse grupo desde 2008, e publicado no periódico semanal da organização. A primeira publicação é institucional, distribuída gratuitamente para instituições acadêmicas, governamentais e não-governamentais, públicas e privadas, conforme o tema de cada edição. Quanto ao jornal, é veiculado principalmente entre os associados, por meio de assinaturas, também disponível na versão on-line e na livraria da BSGI. Importante ressaltar que a maioria das participantes desse projeto, incluindo as pessoas responsáveis pela revisão, traduzem continuamente desde o ano de 2005, e duas delas integraram o grupo mais recentemente, no início do ano de 2009. Assim, pode-se dizer que se tem observado o mesmo grupo desde o início do estudo, com algumas variáveis que são igualmente relevantes para a análise, visto que o tempo de interação e suas implicações também constituem dados importantes.

Nossa pesquisa investiga os fatores determinantes para o comprometimento desses tradutores, incluindo seus coordenadores, com o trabalho voluntário, assim como as implicações desta prática no âmbito cognitivo e social. Dentre esses fatores, podemos

⁶ M.S., Informação pessoal recebida em outubro de 2010.

⁷ SGI Quarterly. 2007. Atualizado em set. 2007. Disponível em: http://www.bsgi.org.br/publicacoes_quarterly.htm. Acesso em: 25 jul. 2008.

⁸⁸ SGI Quarterly Magazine. 2008. Atualizado em jul. 2008. Apresenta informações sobre as atividades da SGI no mundo de acordo com suas perspectivas e iniciativas sobre paz, cultura e educação. Disponível em: <<http://www.sgiquarterly.org>>. Acesso em: 25 jul. 2008.

mentar a motivação, a experiência, o desenvolvimento cognitivo, as relações de trabalho (neste caso, voluntário), o papel do agente tradutor no processo e quais são as relações socioculturais articuladas nessa prática.

Outro aspecto fundamental é a distinção entre o trabalho voluntário e o trabalho remunerado, uma vez que o capital em questão não é financeiro, e quais as normas envolvidas neste processo.

1.1 Delineando o *habitus* da SGI

A Soka Gakkai, fundada em 1930 no Japão, foi originalmente denominada *Soka Kyoiku Gakkai* (Sociedade Educacional de Criação de Valores). Seu fundador, o educador Tsunessaburo Makiguti, juntamente com Jossei Toda que se tornaria o segundo presidente mais tarde, publicam o livro *Soka Kyoikugaku Taikei* (Sistema Pedagógico de Criação de Valores) de autoria do primeiro. Por não aceitarem o talismã xintoísta em obediência ao autoritarismo militar japonês, são presos sob a acusação de violarem as leis de Preservação da Paz e de Segurança Nacional. Em 1944, Makiguti falece na prisão. No ano seguinte, Jossei Toda e inicia a reconstrução da organização. Somente em 1946 seu nome muda para Soka Gakkai (Sociedade de Criação de Valores). Em 3 de maio de 1960, Daisaku Ikeda toma posse como terceiro presidente da Soka Gakkai, posteriormente fundando a Associação de Concertos Min-On, o Museu de Arte Fuji, as Escolas Soka, a Universidade Soka no Japão e na América. Em 26 de janeiro de 1975, acontece a fundação da Soka Gakkai Internacional (SGI) na Ilha de Guam, no Oceano Pacífico (Revista Terceira Civilização, edição 447). Desde sua fundação, a SGI tem se expandido continuamente, com iniciativas sociais reconhecidas em diversos países.

Atualmente, a Associação Soka Gakkai Internacional (SGI), é constituída por 12 milhões de associados unidos por ideais em comum. De acordo com informações obtidas no Departamento de Relações públicas da BSGI, “A SGI é reconhecida sim como uma ONG na ONU no Alto Comissariado para Refugiados (1981), no Departamento de Informações Públicas (1981), no Conselho Social e Econômico (1983) e na UNESCO (1989)”. “A Associação Brasil SGI (BSGI) realiza diversas atividades da principal (religiosa) em prol da sociedade nas áreas da educação, cultura e paz, onde em sentido amplo é considerada uma ONG, como também a SGI.”⁹ A partir das informações prestadas, nota-se recorrente o termo “organização”, em detrimento de “associação”. Além disso, há uma nítida dualidade no discurso dos representantes de relações públicas e dos participantes, cujas nomes são abreviados por suas iniciais, no que tange ao emprego do termo ONG. Enquanto os primeiros parecem evitar o termo, os últimos empregam-no constantemente com naturalidade.

<i>Descreva a Soka Gakkai em poucas palavras.</i>
A.O.: É uma ONG que tem como foco evidenciar o potencial do ser humano com base na filosofia do budismo.
R.T.: É uma ONG com registro na ONU e em algumas agências da ONU que desenvolve trabalhos em prol da paz, cultura e educação (...) com base no budismo.
G.N.: É uma organização que, de um lado é uma religião budista, mas ao mesmo tempo difere de outras organizações religiosas por ter como foco a criação de valores humanos. Não é a religião o seu foco, a religião é a base filosófica para o seu movimento.
A.T.: A Soka Gakkai seria uma ONG que se baseia na filosofia do Budismo de Nitiren Daishonin que visa concretizar a paz mundial por meio dessa filosofia. Entre várias diretrizes, vários meios para isso ela foca na questão da revolução humana que é as pessoas se pensarem como agentes de mudança.

Quadro 1 – Definição da Soka Gakkai por seus associados

⁹ M.S., Informação pessoal recebida em outubro de 2010.

Em uma das entrevistas consta que “A Soka Gakkai é a representação japonesa, existe um âmbito maior da Soka Gakkai que é a SGI, presente em 192 países e territórios [...] da qual o Brasil também faz parte.” Seja qual for a denominação, seus associados, representados pelo grupo de voluntários nesta pesquisa, justificam seu voluntariado com base na filosofia budista. Afirmam que a remuneração por trabalhos realizados na sociedade, embora relevante, é ínfima diante da gratificação de “ajudar outras pessoas”. Paralelamente, a doação espontânea do tempo e do conhecimento implica em uma forma de gratidão por todas as conquistas oriundas da prática budista, conforme cita uma das entrevistadas.

1.2 Os tradutores e a expansão das religiões

A atuação de tradutores como fator determinante na expansão de movimentos religiosos ou revolucionários através de fronteiras data de longa data. No caso do budismo, base filosófica da *Soka Gakkai*, o grande erudito indiano Kumarajiva (350-410), responsável por introduzir um novo sistema de tradução das escrituras budistas do sânscrito para o chinês no início do século quinto, tornando-as mais compreensíveis e legíveis por meio da introdução de uma terminologia mais ampla e da substituição de termos taoístas usados anteriormente (DESLILE, J.; WOODSWORTH, J., 1995). Ele dedicou a vida à pesquisa e tradução dos textos budistas e, engajou muitos monges nesse trabalho. Desse modo, Kumarajiva foi um dos tradutores que mais contribuiu para a expansão do budismo da Índia para a China e, posteriormente, para o Japão e para o restante do mundo.

De modo semelhante, a *Soka Gakkai*, fundada no Japão, contou com a contribuição de tradutores e intérpretes para sua expansão global, sem os quais esse

movimento não teria ocorrido em um período consideravelmente curto. Em outubro de 1960, era fundado o distrito Brasil, o primeiro fora do Japão.

1.3 A herança oriental: prestígio e a honra

No sentido de compreender as premissas do trabalho voluntário de tradução na BSGI convém analisarmos suas origens. Por ter sido fundada no Japão, muitos de seus associados no Brasil têm ascendência japonesa. Metade dos tradutores que acompanhamos no decorrer da pesquisa tem familiares orientais e, o conjunto de disposições adquiridas na família (*habitus* primário) juntamente como as disposições incorporadas pelo convívio social (*habitus* secundário), retomando as proposições de Bourdieu, estão incutidas de traços de niponicidade. Para tanto, referimo-nos à antropóloga cultural americana Ruth Benedict incumbida da tarefa de estudar o povo japonês, seus costumes, pensamentos e ideologias durante a Segunda Guerra Mundial. Em *O crisântemo e a espada*, Benedict (2011) utiliza a metáfora no título para resumir o alicerce que constitui o pensamento japonês, na qual o “crisântemo” representa a arte e a “espada” a guerra.

Os japoneses atribuem grande valor ao prestígio e as honrarias prestadas aos artistas, expressando sua reverência à estética como se percebe não somente nas artes plásticas, mas também na culinária com a rebuscada apresentação de seus pratos (*Idem*, p. 10). De modo semelhante, se abordarmos a tradução como um trabalho artesanal, o tradutor é igualmente merecedor de alta estima. No grupo de voluntários da BSGI notamos que todos os tradutores, amadores ou profissionais, são prestigiados e reconhecidos como elementos essenciais para a subsistência da associação. Além disso, esses tradutores exprimem o orgulho de pertencer ao grupo e de realizar esse trabalho.

Em reunião registrada no decorrer da pesquisa, uma voluntária expressou com entusiasmo sua satisfação ao ver seu nome e das demais tradutoras nos créditos da revista: “Olha nosso nominho atrás [na revista]! Que legal!”. O comentário dessa voluntária que trabalha como secretária bilíngue em uma empresa e faz as traduções após o expediente, demonstra seu orgulho e senso de realização. Nesse sentido, as palavras de incentivo e publicação do nome nos créditos são formas de recompensa e reconhecimento que constituem bens simbólicos e motivam o trabalho voluntário, assegurando sua manutenção.

Nas reuniões do grupo e nas correspondências os agradecimentos e elogios são abundantes. Além do agradecimento verbal, há também constantes oferecimentos como chocolates e canetas, por exemplo. Como o projeto depende da disponibilidade de tempo dos agentes que geralmente dispõem do período noturno ou finais de semana, os coordenadores sempre reverenciam seus subordinados.

Essa estratégia de reconhecimento, na maioria dos casos inconsciente, revela outra característica de origem nipônica: os vínculos estabelecidos pela gratidão. Para os japoneses, prestar um favor desencadeia uma dívida de gratidão para com o credor. O agradecimento significa assumir uma dívida impagável e o esforço em retribuir o favor transforma-se em virtude (*Idem*, p. 92). A fidelidade, lealdade e gratidão ao imperador do Japão justificavam o orgulho do povo japonês em lutar na Segunda Guerra Mundial, mesmo em desvantagem. Até sua rendição foi considerada motivo de orgulho para o povo por ter correspondido ao direcionamento do imperador. Além do imperador, os japoneses exprimem gratidão especial pelo professor e pelo patrão (*Idem*, p. 89). Analogamente, conforme os questionários analisados na pesquisa com os tradutores voluntários, a gratidão e as oportunidades oferecidas pela SGI, representada pelo presidente Daisaku Ikeda, explicam o orgulho e a dedicação em retribuir por meio do

trabalho voluntário de tradução. Para eles, assim como para os japoneses, cumprir suas obrigações ou missão encerra o maior propósito da vida (*Idem*, p. 163). A virtude de servir, o respeito à hierarquia e o senso de responsabilidade são elementos que sustentam o êxito do trabalho voluntário. A importância das traduções dos voluntários e sua visibilidade favorecem a manutenção dessa dívida de gratidão e a continuidade das trocas simbólicas em longo prazo.

1.4 Os tradutores voluntários no espaço social da SGI

O conjunto de trocas simbólicas e reconhecimento partilhados por esses agentes é uma das principais premissas para a existência do grupo, seja entre eles ou deles com a instituição. Em todas as entrevistas é constante o comentário sobre a existência de muitas “oportunidades” oferecidas para os tradutores. Em suma, há uma troca de favores que implica no débito de gratidão pelo que foi ofertado (BOURDIEU, 1998, p.65). A rede de relações sociais solidificada no convívio com pessoas qualificadas resulta em acúmulo de *capital social*. Provavelmente, o capital econômico é o que está mais distante do capital social, embora as disposições de *habitus* daqueles que o detém tendem a se aproximar. De acordo com Marcel Mauss (1974) aquele que dá pode não ser rico economicamente, mas confere a outra pessoa uma série de benefícios e tem o poder de ampliar as relações. Segundo Mauss, a dádiva implica um compromisso de retribuições. Esse compromisso é explícito nas relações dos associados da SGI, seja entre eles ou com a sociedade.

Na linha de pesquisa explorada por Mona Baker (2007), o tradutor é um participante ativo na solução de conflitos, e suas decisões textuais refletem sua

ideologia e limitações políticas ¹⁰. Assim, parte-se do pressuposto de que a posição do tradutor, mesmo diante de um trabalho voluntário, jamais é neutra, mas reflete e, ao mesmo tempo, afeta o contexto sociocultural.

Concomitantemente, podemos afirmar que o tradutor não se posiciona de maneira imparcial em nenhum dos casos. Entretanto, no que se refere ao grupo de tradutores voluntários da BSGI, a anuência com a ideologia da organização parece ser muito mais significativa do que em instituições que empregam tradutores remunerados, como é o caso da União Européia. De acordo com o estudo de Koskinen (2008), os tradutores não revelam uma identidade com a instituição, cada qual destaca sua identidade com a cultura de seu próprio país. Entretanto, a Associação BSGI constitui-se de um grupo de pessoas que se identificam com a mesma crença, possivelmente devido ao fato de constituir uma organização de cunho religioso. Sendo assim, partilham do mesmo código de ética e conduta moral. Mesmo provenientes de diferentes classes sociais e níveis socioeconômicos, partilham do mesmo “*habitus* de classe ou de grupo” conforme a noção de Bourdieu (MICELI, 2007, p. 51).

Na pesquisa bibliográfica, utilizamos como referência o trabalho desenvolvido por Setton (2004) *Rotary Club: habitus, estilo de vida e sociabilidade*. Além de utilizar-se das noções de Bourdieu como embasamento teórico, encontramos outras similaridades com o nosso projeto. A primeira delas é que ambos tratam de organizações sociais ou associações. Setton (2004, p. 13) refere-se à tradição sociológica de *associativismo voluntário* para classificar esse tipo de associação. Outras semelhanças residem na análise do *habitus* dos associados e do *capital social* e *capital simbólico* que circulam entre eles. Entretanto, a maior diferença entre os dois grupos

¹⁰ Conferência proferida por Mona Baker no 2º Congresso Internacional de Tradução e Interpretação da ABRATES, no Rio de Janeiro, em setembro de 2007.

consiste no fundamento religioso explícito e imperante na SGI, tal como os a maioria dos participantes a descreve nas entrevistas.

Entre os entrevistados do grupo de tradutores voluntários que delimitamos na pesquisa, 50% enfatizaram o fato de que a SGI é uma organização de base religiosa, enquanto que a outra metade a descreveu como uma ONG dedicada ao aprimoramento do ser humano por meio de suas atividades de “paz, cultura e educação”.

Certamente, o associativismo do Rotary tem sua base filosófica e ideológica alicerçada em algum tipo de crença, porém de forma subjacente. Setton cita Max Weber que define as associações como uma forma de secularização e modernização das seitas protestantes no capitalismo (WEBER *Apud* SETTON, 2004, p. 29). Assim, pode-se inferir que a fundação do Rotary Internacional nos Estados Unidos é uma extensão dos princípios protestantes.

Contudo, no que tange à SGI, a religiosidade é um dado essencial e determinante no trabalho voluntário. Primeiramente, todos os participantes declaram-se budistas praticantes. Ademais, afirmam identificar-se fortemente com a filosofia da organização que, conforme já citado anteriormente, tem como base o budismo. Desse modo, tanto associados como associação partilham da mesma identidade filosófica.

Embora seja uma organização inserida no campo religioso, não temos a pretensão de nos aprofundar em uma análise desse campo neste momento. Todavia, não se pode ignorar tal fato. Conforme afirma Bourdieu, a religião, assim como a língua, integra um sistema simbólico que é veículo de poder e de política (MICELI, 2007, p. 31). Portanto, nosso interesse aqui é na função social desempenhada pela religião, que entendemos como um fator determinante para as decisões e práticas dos agentes que integram o grupo estudado. A crença e as ideologias incorporadas por uma pessoa são também disposições que colaboram para o seu modo de ser e de agir constituindo, desse

modo, o seu *habitus*. Dessa forma, pode-se dizer que os tradutores voluntários da BSGI compartilham de uma mesma ideologia política cujos princípios são alicerçados em valores descritos como “paz, cultura e educação” ¹¹. Não obstante terem sido entrevistados individualmente, no primeiro momento, sem acesso às perguntas ou respostas dos demais participantes, todos afirmam que a principal premissa da BSGI é o ser humano e sua “melhoria pessoal, social, [...] profissional e em todos os aspectos da vida.” ¹² Assim, reafirmam o papel da religião como provedora de justificativas para o posicionamento do ser humano no espaço social, e não apenas com uma visão simplista de solucionar a dicotomia vida e morte, conforme argumenta Bourdieu (MICELI, 2007, p. 48).

Em suma, ser um tradutor voluntário na BSGI não é uma prática circunscrita a um trabalho institucional, mas possui implicações intra e interpessoais, para o grupo e para o espaço social no qual esses agentes estão inseridos. Essa prática de voluntariado está fortemente relacionada a uma identidade, formada no decorrer de sua trajetória de vida, em interação com a família, com a sociedade e com a BSGI.

Soma-se a isso o fato de a organização estar presente em 192 países e territórios o que só é possível devido ao material textual publicado nos diversos idiomas, por meio do trabalho de tradutores. Importante observar, também, que a relação da SGI com as sociedades dos diversos países, instituições acadêmicas e governamentais nas quais promove eventos e parcerias foi viabilizada somente com a mediação de intérpretes.

O trabalho voluntário pode ser caracterizado pelo que Bourdieu chama de “ganho de distinção”:

[...] É o ganho proporcionado pela *diferença*, a distância que separa do comum. E este ganho direto é dobrado por um ganho suplementar, ao mesmo tempo subjetivo e objetivo, o ganho de desinteresse: o ganho que

¹¹ *Idem.*

¹² *Idem.*

há no fato de alguém se ver — e ser visto, como alguém que não procura o ganho, alguém totalmente desinteressado. (Bourdieu: 2003, p.12)

Portanto, é um traço de distinção, que distingue o voluntário por seu altruísmo pelo fato de que ele investe um de seus bens mais importantes — a disponibilidade de seu tempo — para agir em prol do outro. Além disso, há também o investimento financeiro na compra de materiais (livros, dicionários, etc.). No entanto, não se pode afirmar exatamente que se trata de uma ação totalmente desinteressada. De acordo com as entrevistas, o trabalho voluntário de tradução implica em “auto-aprimoramento, aperfeiçoamento não apenas na língua estrangeira, mas pessoalmente, gratidão por tudo o que já conquistei. É muito gratificante [...] ajudar as pessoas a entenderem”¹³, ou seja, além de contribuir para a compreensão daqueles que não têm acesso à língua estrangeira, o benefício é muito maior para quem o realiza em decorrência da oportunidade de aprendizado. Se investissem financeiramente em cursos de tradução, certamente seria muito mais dispendioso.

1.5 Críticas: ONG ou religião?

Há poucas pesquisas realizadas sobre a SGI. Uma delas, desenvolvida por Clarke (2008) aborda a SGI como um movimento religioso que prioriza o sincretismo, buscando adequar-se as padrões culturais do Brasil. O autor compara a SGI a outras religiões budistas, as quais denomina novas religiões japonesas. Nesse artigo, Clarke menciona o fato de a SGI exaltar a superioridade do Budismo Nitiren, sua base filosófica, em detrimento de outras religiões, porém como um movimento “engajado” na transformação da própria pessoa e da sociedade. Já Bornholdt (2007, 2009) critica a

¹³ Excertos de entrevistas pessoais gravadas em áudio.

dualidade do discurso da associação, afirmando que utilizam uma estratégia de autopromoção na sociedade ao se autodenominarem ONG e não assumir a identidade de religião.

De acordo com os representantes da editora e os tradutores voluntários, a justificativa dessa tradução é a divulgação da filosofia budista e dos ideais de “paz, cultura e educação”. De fato, essa prática consiste em uma “estratégia de marketing” da organização, voltando aos termos de Bornholdt (2007). A nova diretriz de tornar a revista mais “ocidental” está diretamente relacionada à postura a ser adotada e às decisões textuais dos tradutores, antes mesmo de considerar o layout. Essa nova postura certamente exigirá maior adequação dos tradutores aos valores culturais do público-alvo. Na tradução, um ponto de vista para essa estratégia é a “domesticação” que permite ao leitor “identificar valores domésticos” reconhecendo-se no texto à medida que esse texto se aproxima de sua cultura local (VENUTI, 2002, p. 148). Portanto, os tradutores voluntários são, em última instância, os responsáveis pelo êxito ou fracasso desse processo de ocidentalização, como também atuam como catalisadores do objetivo final do projeto como elementos centrais dessa rede de elementos simbólicos, materiais e sociais que coexistem e se complementam nesse ponto do espaço social.

2 O trabalho voluntário na sociedade contemporânea

Atualmente, o trabalho voluntário tem sido tema de discussão em diversas esferas de atuação, seja pelo reconhecimento de sua importância ou críticas a sua prática. Segundo a pesquisa realizada em conjunto pelo Programa de Pesquisa *The Independent Sector* e pelo Programa de Voluntários das Nações Unidas (UNV) (THE INDEPENDENT SECTOR 2001, p. 9; FERREIRA et al. 2008, p. 44), o voluntariado caracteriza-se pelo trabalho que não prioriza a obtenção de recompensa financeira, cuja atividade é de iniciativa própria e espontânea do indivíduo, e beneficia tanto quem o pratica como também terceiros, desde que não sejam familiares. Além disso, deve constituir um comprometimento em longo prazo, substancial e contínuo. O mesmo estudo apresenta algumas contradições relacionadas ao voluntariado. Uma delas é que nem sempre o trabalho voluntário é realmente espontâneo como, por exemplo, quando o governo oferece aos homens a dispensa do serviço militar em troca de serviços comunitários. Nesse caso, embora não seja um trabalho remunerado, não se pode considerá-lo realmente voluntário.

Embora haja diversos tipos de voluntariado, como o engajamento para reivindicar ou agir em prol de mudanças sociais, políticas ou ambientais, nosso estudo concentra-se na filantropia, isto é, na prestação de serviços à comunidade. No entanto, o UNV afirma que esse trabalho de voluntariado deve ser direcionado a um grupo ao qual o voluntário não está inserido, ou seja, um grupo ao qual ele não pertence.

Segundo Márcia Cunha (2005, p. 26) as ONGs originaram-se a partir de dois segmentos. O primeiro deles destaca as atividades filantrópicas e assistenciais que se desenvolveram e permaneceram. O outro partiu dos movimentos populares das décadas de 1970 e 1980. Assim, pode-se inferir que cada segmento origina categorias distintas

de trabalho voluntário. Enquanto o voluntariado filantrópico tem como principal premissa o auxílio ao outro, os movimentos populares visam à conquista de interesses próprios dos que se engajam neles.

A autora destaca ainda, que o termo ONG não existe juridicamente, e sim, *sociedade sem fins lucrativos (Idem, Ibidem)*.

De acordo com a Lei nº 10825 de 22 de dezembro de 2003 ¹⁴, as organizações religiosas, assim como as ONGs, são consideradas pessoas jurídicas de direito privado sem fins lucrativos.

Embora o enquadramento jurídico para as sociedades civis sem fins lucrativos e as associações seja o mesmo, ou seja, pessoas jurídicas de direito privado, há uma distinção entre as duas. Enquanto as sociedades civis são compostas por um pequeno número de pessoas cujos propósitos visam a terceiros, as associações englobam uma quantidade maior de pessoas cujos objetivos visam o próprio grupo ou seus interesses (*Idem, Ibidem*).

Nesse sentido, reconfirmamos a premissa de que a BSGI constitui uma organização religiosa e, por conseguinte, pessoa jurídica de direito privado, sem fins lucrativos. De acordo com a Lei nº 9.790, de 23 de março de 1999 (vide anexo 1), “a qualificação instituída por esta Lei [...] somente será conferida às pessoas jurídicas de direito privado, sem fins lucrativos”, sob a condição de que seus objetivos sociais promovam ao menos uma das finalidades citadas, entre as quais destacamos duas:

VI – promoção do voluntariado;

XI – promoção da ética, da paz, da cidadania, dos direitos humanos, da democracia e de outros valores universais.

¹⁴ Publicada no D.O.U. em 23 de dezembro de 2003.

Essas finalidades são expressas por meio do discurso da SGI. Entretanto, há também uma dualidade nesse discurso. Se por um lado o departamento de relações públicas apresenta essa denominação, reforçando a ideia de que se trata de uma organização religiosa, por outro, seus associados parecem desconhecer esses termos da lei ou hesitam em se posicionar assertivamente. O discurso dúbio confirma a crítica de Bornholdt (2009), uma vez que parece haver definições distintas de acordo com o público-alvo do discurso. Internamente, entre seus associados trata-se de uma organização religiosa e; externamente, na sociedade, a SGI é apresentada como uma “ONG”. Em ambos os casos, a contribuição de tradutores voluntários se faz presente – no sentido de propagar a filosofia ou a religião. Se analisarmos a propagação como finalidade última desse trabalho de tradução, é pertinente classificá-lo de voluntário nos termos do UNV, pois seria voltado a outras pessoas e não para seus próprios associados. Entretanto, não se pode reduzir esse trabalho voluntário de tradução a uma visão simplista de filantropia ou auxílio ao próximo, pois há diversos fatores socioculturais intrínsecos a essa prática.

2.1 A etnografia como ponto de partida para traçar as motivações do trabalho voluntário

Conforme afirma Koskinen em *Translating Institutions: An Ethnographic Study of EU Translation* (KOSKINEN, 2008, p. 72) a maior vantagem de aplicar a etnografia nos estudos de tradução deve-se ao seu poder de contextualização. Embora a tradução seja, aparentemente, um trabalho solitário, no caso de uma instituição como a que estudamos, trata-se de uma rede de conexões da qual fazem parte diversos elementos concretos e abstratos, humanos e não-humanos, textuais e extra-textuais. Desse modo, a

pesquisa etnográfica torna-se a mais adequada para incluir todos os elementos, sobretudo os socioculturais que compreendem nossa análise. Sem dúvida, nosso trabalho não tem a pretensão de ser classificado como uma pesquisa etnográfica, menos ainda se comparado à etnografia abrangente de Bourdieu. Entretanto, partimos dessa inspiração etnográfica para tentar traçar as características formadoras do *habitus* desse grupo, conceito empregado por Bourdieu (1990, 1996), assim como os princípios formadores de suas ideologias e práticas. O conceito de *habitus*, discutido e abordado por vários outros autores como Hegel, Husserl, Weber e Durkheim (BOURDIEU, 1990, p. 23), é empregado aqui como uma interpretação de Bourdieu para um antigo conceito aristotélico, mas que incorpora novas características e dimensões. Esse termo tem sido empregado por alguns autores nos estudos da tradução, com algumas ressalvas e, muitas vezes, circunscrito a abordagens restritas e pontuais, considerando-se que se trata de um conceito com múltiplas abrangências.

Um dos autores que fazem uso da noção de *habitus* na tradução é Daniel Simeoni (1998), conforme citado anteriormente. Simeoni refere-se ao termo *hexis* de Aristóteles como sendo “uma qualidade de ser ou ‘disposição’ caracterizada por estabilidade e permanência” expressa no estilo de falar da pessoa. Seguindo essa abordagem, Simeoni argumenta que as decisões textuais do tradutor estão relacionadas ao seu conjunto de experiências socioculturais e sua posição no espaço social. Ele acrescenta ainda que o *habitus* tradutório é resultado de anos de internalização e, não é, necessariamente, adquirido por meio de educação formal (SIMEONI, 1998).

Desse modo, sob o ponto de vista de Bourdieu (1996) não é a intenção momentânea, mas o conjunto de disposições adquiridas na trajetória da vida que levam a uma ação.

Com o intuito de traçar essas disposições inculcadas no grupo estudado na presente pesquisa, primeiramente, foi realizada uma exposição resumida do projeto de pesquisa para conhecimento dos participantes. O segundo passo foi o preenchimento da primeira série de questionários individualmente. Além de questões pessoais para definir o perfil de cada participante, tais como idade, profissão, escolaridade, estado civil, etc., incluímos questões abertas para tentar traçar a motivação para o trabalho voluntário, sua trajetória como tradutor, o posicionamento de cada pessoa diante da associação, sua interação com os outros voluntários e com a editora, assim como suas principais dificuldades, de modo muito similar à pesquisa de Koskinen com um grupo de tradutores da União Européia. Para identificar a origem social, práticas sociais e a formação escolar do grupo, baseamo-nos no questionário aplicado na pesquisa sobre o *Rotary Club* realizado por Setton (2004). Seguindo essa dinâmica, realizamos entrevistas individuais com duração média de quarenta minutos, gravadas em áudio com as tradutoras voluntárias, o coordenador do projeto que, na ocasião, integrava o quadro de funcionários da editora, uma tradutora, também funcionária, e com o então diretor-presidente da editora Brasil Seikyo, que mesmo aposentado permanece como coordenador-geral desse trabalho voluntário de tradução. Contamos também com o registro de reuniões e correspondências eletrônicas para complementar nossos materiais de análise. Além disso, foram observados outros aspectos que extrapolam a domínio da linguagem, em visitas e reuniões informais.

No primeiro questionário que aplicamos, uma das perguntas estava relacionada às motivações, conforme segue:

<i>Quais as suas motivações para a realização desse trabalho voluntário?</i>
--

A.T.: Manter contato com a língua e ajudar a disseminar informações.
--

C.V.: Estudar e praticar o altruísmo.
A.O.: Consciência de que sou a ponte que possibilita milhares de pessoas a terem acesso a esse conteúdo. Aprimoramento técnico e pessoal.
CV: Interesse em contribuir pelas causas da paz, cultura e educação.
G.B.: Aprimorar o idioma. Colaborar na difusão dos ideais da organização de paz, cultura e educação (sic).
L.B.: Ajudar as pessoas a compreender (sic).
T.B.: Auto-aprimoramento e desenvolvimento. Oportunidade de ajudar outras pessoas.

Quadro 2 – Motivações para o trabalho voluntário de tradução

Podemos notar que a maioria das respostas confirma que há uma dupla motivação para o trabalho voluntário de tradução: o “contribuir” e o “auto-aprimoramento”. Portanto, há por um lado, o discurso altruísta e, por outro, o vislumbre da oportunidade de aprendizado, troca de conhecimentos seja no âmbito pessoal ou técnico.

2.2 O trabalho voluntário e a sociologia de Bourdieu

Seguindo as proposições de Bourdieu que afirma sua intenção de romper com a ingenuidade da tradição socialista e sua semântica igualmente limitada, consideramos pertinente sua substituição dos termos motivação ou aspiração por interesse ou *illusio*. Segundo o autor, todo campo é condicionado por um conjunto de interesses específicos articulados por meio de investimentos econômicos e psicológicos que permeiam os seus agentes integrando o seu *habitus*. Assim como outros termos que empresta da economia, a *illusio* está diretamente relacionada ao investimento (BOURDIEU, 1990, p. 126). Desse modo, reformulamos nossa questão: Quais os interesses comuns desse

grupo de tradutores, ou de acordo com outro termo de Bourdieu, quais são suas afinidades objetivas? Sua crença na SGI constitui a base dessas afinidades objetivas. De fato, o grupo acredita na importância da associação e no valor de seu trabalho voluntário. Curioso notar que, mesmo tendo respondido às questões individualmente sem troca de informações, há ocorrência de muitas sinonímias nas respostas, confirmando a hipótese de que realmente existem afinidades objetivas compartilhadas pelo grupo. Há, portanto, uma convergência entre os interesses pessoais decorrentes das disposições individuais e os interesses coletivos provenientes de suas afinidades coletivas.

Embora seja mantido o discurso do desinteresse, conforme afirma Setton referindo-se ao associativismo voluntário do Rotary Club, há sempre interesses latentes. Mostrar-se desinteressado constitui uma estratégia de concorrência no mercado de bens simbólicos (*Ibid*, p. 103). Na SGI, o fortalecimento e a ampliação de sua rede social na sociedade caracterizam esse traço de distinção. De maneira semelhante, para seus tradutores voluntários, o trabalho que realizam os distingue dentro da organização e pode ser um diferencial na sociedade em geral, conforme suas habilidades tradutórias são aprimoradas.

Tanto na SGI como o Rotary Club, os trabalhos e contribuições em geral são realizados voluntariamente. Entretanto, no primeiro, diversas profissões coexistem sem que haja um trabalho em série, nem aperfeiçoamento em uma única prática em longo prazo, tal como na tradução do grupo da Soka Gakkai. Assim, uma contribuição voluntária pontual em determinado setor provavelmente não apresentará os mesmos impactos socioculturais que um trabalho voluntário em longo prazo. Além disso, poucas áreas possibilitariam o desenvolvimento de um trabalho contínuo que envolve basicamente os mesmos agentes (grupo de tradutores voluntários, revista SGI Quarterly,

romance Nova Revolução Humana, computadores, internet, Editora Brasil Seikyo, etc.) por um longo período. Possivelmente, apenas em um projeto de tradução tal feito seria possível e as estratégias de luta, conversão e reconversão de capital, segundo a terminologia de Bourdieu, seriam visíveis o suficiente para sustentar uma análise.

2.3 As estratégias de reconhecimento

Tal como Setton discorre sobre o Rotary Club (2004, p. 137), percebe-se entre os tradutores voluntários da BSGI um “sutil jogo da sociabilidade”. Nos dois casos há estratégias de conversão de capital e consagração. Entretanto, a diferença marcante está no fato de que o capital econômico e o capital cultural imperam no Rotary Club, ao passo que o capital cultural e o capital simbólico formam o alicerce dos tradutores voluntários da BSGI. Uma vez que o conhecimento intelectual, organizacional e religioso constitui pré-requisito para integrar o grupo de tradutores, assim como os certificados, títulos e formação escolar, considera-se esse o capital cultural segundo a terminologia de Bourdieu. Como já visto anteriormente, este é convertido em capital simbólico (prestígio e reconhecimento) e capital social (interação, amizade). O que muda nesse processo de conversão é que o conhecimento empírico e o treinamento adquirido na interação ator-rede (*actor-network*) entre todos os agentes participantes pode abrir precedentes para uma oportunidade de trabalho remunerado, transformando-se em capital econômico. Seja qual for o percurso de conversão, são utilizadas estratégias para a propagação do capital social e do capital simbólico.

Algumas dessas estratégias assemelham-se àquelas empregadas pelo Rotary Club, como a filantropia e a conquista de prestígio na sociedade (*Ibid*). A filantropia expressa por meio do altruísmo e da missão de contribuir para o bem-estar das pessoas

constitui uma estratégia de propagação e, paralelamente, garante a obtenção ou manutenção do capital social e do capital simbólico. Pode-se notar que em nível individual, a filantropia está na principal justificativa para o tradutor voluntário, enquanto que a conquista de prestígio ocorre mais sutilmente. No nível organizacional, a revista traduzida pelos voluntários, assim como outros materiais publicados pela Editora Brasil Seikyo, confere à BSGI o reconhecimento e prestígio que lhe asseguram seu desenvolvimento.

<i>Em que sentido a tradução realizada por este grupo é relevante?</i>
A.O.: Encaro como um aprimoramento técnico e pessoal, pois nos possibilita a contribuir para o bem das pessoas, levando informações que os incentivam a serem pessoas melhores e terem a consciência de que tudo é possível por meio da determinação e da ação.
A.T.: Essa tradução é publicada em meios de comunicação que atingem muitas pessoas.
G.B.: Colaborar na difusão dos ideais da organização supra-citada de Paz, Cultura e Educação aos associados e simpatizantes brasileiros.
C.V.: A tradução destes materiais são grandes insumos de incentivos, conhecimentos gerais e estímulo aos leitores.
L.G.: Justamente porque tem todo um sentido [...] de bem-estar individual e social.

Quadro 3 – Sobre a relevância do trabalho voluntário de tradução

A postura desses agentes diante da tradução, suas escolhas lexicais e ideologias podem ser compreendidas como um *habitus* secundário oriundo de sua posição no espaço social, nesse caso, delimitado pela BSGI. Esse comportamento produz valores e desenvolve-se na prática da tradução em todas as instâncias do processo, desde a “nomeação”, no decorrer das reuniões, nas trocas de mensagens e nas decisões tradutórias. Assim, o trabalho voluntário de tradução é resultado de uma prática social que remonta a história familiar, formação afetiva e cognitiva, ideias e sentimentos com

o poder de produzir conhecimentos. Pode-se abstrair a partir das respostas dos participantes que suas concepções a respeito do que é traduzir, o que é ser voluntário e qual seria a importância dessa prática expressam fortemente suas crenças e ideologias. Constantemente, há uma intersecção entre o discurso individual e o discurso institucional. Quando discorrem sobre a relevância da tradução citam: “contribuir para o bem das pessoas”, “incentivam as pessoas a serem melhores”, “conhecimentos gerais e estímulo aos leitores” e “colaborar na difusão dos ideais da organização”. Portanto, é explícito o propósito de traduzir para propagar e promover a SGI, reafirmando que o contexto de um projeto voluntário e continuado de tradução está circunscrito a suas ideologias e disposições. Pode-se compreender o trabalho voluntário dos tradutores como sendo também uma “estratégia de marketing”, referindo-se novamente à classificação de Bornholdt (2009, p.195), cuja finalidade última é difundir a organização.

Desse modo, as premissas do projeto de tradução como trabalho voluntário são reforçadas. Por um lado, aumenta-se o capital simbólico: é gratificante e recompensador receber o reconhecimento da editora. Além disso, o elogio serve também de estímulo e motivação para prosseguir com o voluntariado. Por outro lado, há também o ganho por parte da editora, que poupa tempo com a revisão, poupa capital financeiro ao passo que não necessita investir em profissionais contando com voluntários e, em última análise, reafirma seu papel de criar oportunidades de desenvolvimento pessoal no âmbito da filantropia da organização. Em suma, há lucro para ambas as partes.

2.4 O *habitus* do tradutor voluntário

Nossos dados revelam que predominam no grupo de tradutores voluntários jovens, entre 20 e 29 anos, do sexo feminino, solteiras, sem filhos, todas com curso superior completo ou em andamento, mas apenas uma delas na área de tradução. Além disso, tiveram a oportunidade de aprender um segundo idioma desde a infância e todas as voluntárias trabalham em áreas não-correlatas à tradução e residem com a família. Outro aspecto de suma relevância refere-se ao fato de que 60% dessas pessoas constituem a segunda geração de associados da BSGI, ou seja, quando nasceram seus pais já eram associados e, paralelamente, praticantes do budismo. Os outros 40% são associados há mais de sete anos juntamente com membros da família.

Desses pais, metade concluiu o ensino superior, 10% o ensino médio e 40% somente o ensino fundamental. Entre os avôs, a maioria não teve a oportunidade de estudar, sendo que 30% foram autodidatas e se auto-alfabetizaram, 5% são analfabetos e 65% cursaram somente os primeiros anos do ensino fundamental, ou apenas o suficiente para assinar o próprio nome, ler algumas palavras e fazer cálculos simples. Portanto, pode-se inferir que o grupo provém de origens humildes, cujos ascendentes tiveram de priorizar o trabalho e a subsistência em detrimento dos estudos. Vale ressaltar que 40% desses ascendentes são de origem japonesa. Por outro lado, os pais desses participantes avançaram um pouco mais nos estudos e, sobretudo, empenharam-se em priorizar os estudos dos filhos, já que 80% desses tradutores ingressaram no mercado de trabalho após os 18 anos, ou seja, ao término do ensino médio ou no início do ensino superior. Trata-se assim de um grupo de pessoas privilegiadas que, embora de origem humilde em sua maioria, tiveram a oportunidade de avançar até o ensino superior e estudar idiomas. Ademais, 60% do grupo já fizeram viagens a outros países.

A partir desses dados estatísticos podemos perceber as afinidades que constituem esse recorte de interação social e culminam com a prática tradutória do

grupo dentro da instituição. Para tanto, a noção de *habitus*, conforme o entendimento de Bourdieu, torna-se fundamental em nossa análise.

De acordo com a análise do grupo de tradutores voluntários, sua trajetória nesse trabalho voluntário no decorrer de dois a cinco anos, em média, confirma a hipótese de Simeoni que a educação formal não é requisito básico para o desenvolvimento do *habitus* tradutório, mas a prática, a interação social e a identificação com a ONG a qual pertencem são elementos fundamentais nesse sentido. Um exemplo que confirma essa premissa é o fato de três dos nossos entrevistados terem iniciado o trabalho voluntário como tradutores e, passaram a traduzir em tempo integral como funcionários da editora, sendo que apenas uma dessas pessoas estudou tradução posteriormente. Um deles tem formação em ciências exatas e, outro em jornalismo.

Portanto, no caso do voluntariado, há outros aspectos muito mais relevantes que determinam a sua prática. Um deles é o princípio de auto-aprimoramento que integra a missão da ONG, o qual os associados parecem compartilhar e buscar atribuir a sua própria vida como algo fundamental. Outro ponto é o altruísmo traduzido no que eles definem como "servir a um propósito maior para tornar o mundo melhor"¹⁵, conforme o excerto abaixo.

G.N. - Em toda profissão se a pessoa tiver algo de servir, de sentir... Nós falamos de missão: doar um pouco de si, não pelo financeiro, mas por um propósito mais humano, vamos dizer assim, ou um propósito maior, acho que o mundo fica melhor. Acho q a pessoa pode trabalhar com mais prazer.

Assim, pode-se afirmar que há uma identidade com o discurso institucional, do qual os participantes se sentem parte integrante. E, por outro lado, há também uma troca

¹⁵ Excerto de entrevista pessoal gravada em áudio.

– os tradutores colaboram e, paralelamente, aperfeiçoam-se de tal modo que se não fizessem parte do grupo dificilmente teriam uma oportunidade semelhante.

Isso nos remete a outro importante conceito de Bourdieu para nossa análise: o *capital*. Bourdieu empresta esse termo da economia como uma metáfora para justificar a distinção social, isto é, as diferentes posições no espaço social e o que está em disputa. Assim, os diferentes capitais servem como moeda de troca e podem converter-se entre si.

2.5 A trajetória do tradutor voluntário

Um dos veteranos do projeto aposentou-se recentemente. Entretanto, continua e traduzindo e coordenando alguns projetos. Descendente de japoneses, ele relata sua trajetória de tradutor voluntário:

GN - Quando era estudante não gostava das matérias que tinha que ler muito. Era mais da área de exatas. Comecei minha vida profissional na área técnica. [...] Ingressei na Soka Gakkai, ainda enquanto estudante. Nessa época havia muitos japoneses. [...] As reuniões eram geralmente em duas línguas. Falava-se japonês e traduzia-se para o português. Em uma dessas reuniões, ouvi uma senhora falando para mais de mil pessoas com um entusiasmo muito grande. Até então, nunca havia visto uma mulher falando com uma convicção tão forte. E essas palavras foram traduzidas para o português. Pensei: um dia gostaria de estar lá no palco fazendo isso também. [...] Desde criança, meus pais me colocaram na escola de japonês, aprendi a língua japonesa e continuei lendo japonês. Então, tinha um certo conhecimento da língua japonesa. Como na época eram poucas as pessoas que falavam as duas línguas, hoje também bem menos, então, cheguei a realizar [...] aquilo que tinha pensado. [...] Soube que o pessoal da redação do nosso jornal estava atrás de mim pedindo que eu colaborasse na tradução das matérias e foi a partir daí que comecei nessa área de escrever. Não gostava de ler, não gostava de escrever, mas por força dessa circunstância acabei entrando nessa área de tradução [...]. Eu acredito que a questão de gostar ou não gostar não era mais a questão principal, a questão era como transmitir aquilo que estava no japonês para os companheiros os membros os associados brasileiros para que eles pudessem entender e eu poderia ser esse canal, poderia contribuir para que essas pessoas pudessem conhecer um pouco mais sobre o budismo, sobre a filosofia budista sobre as orientações do presidente Ikeda. O

trabalho se tornou mais voltado a cumprir uma tarefa, cumprir uma missão. Isso se tornou maior que eu ter aptidão, gostar ou não gostar, querer ou não querer. Por força dessas circunstâncias entrei nessa área de tradução. Isso foi em 1970 por aí.

A partir desse depoimento podemos extrair algumas premissas. A primeira delas é que a tradução, compreendida como integrante um sistema simbólico, constitui um instrumento de poder. Como todos os sistemas simbólicos, incluindo-se as artes e a comunicação, a cultura integra uma *estrutura estruturante* à medida que estabelece uma distinção entre os agentes sociais de um determinado grupo, criando uma hierarquia de acordo com Bourdieu (SETTON, 2004). O domínio de uma língua estrangeira já seria um diferencial, colocando-o à frente de outros que não possuíam tal conhecimento. Ciente desse traço distintivo surgiu a aspiração de atuar como tradutor-intérprete. Finalmente, a concretização desse sonho trouxe-lhe honra e prestígio, isto é, capital simbólico e possibilitou o aumento de seu capital cultural. As trocas de conhecimento e favores decorrentes da ajuda mútua, visibilidade na prática de “cumprir a missão” conferiu-lhe também a multiplicação de seu capital social, culminando com a reconversão de todos esses capitais em capital econômico no momento em que foi admitido pela editora passando a exercer um trabalho remunerado.

Nos anos seguintes esse trabalho de tradução agregou novos participantes, formando uma rede de tradutores voluntários. Assim, as relações de intercâmbio intensificaram-se: intercâmbio de conhecimentos, trocas simbólicas, alteração de posições de liderança no grupo e de agentes envolvidos. Todas essas trocas, sobretudo, as mudanças na hierarquia, refletem no processo de tradução, na negociação de normas e no êxito do projeto.

Entre os atores do grupo que analisamos, três tornaram-se tradutores remunerados após colaborar como voluntários por determinado período. Um deles, mencionado anteriormente, assumiu uma posição de liderança na editora, a qual ocupou

até sua aposentadoria. Outro entrevistado trabalhou para a editora por décadas, traduzindo e coordenando projetos dos voluntários até decidir seguir a carreira acadêmica. Desse modo, confirma-se a hipótese de que o trabalho voluntário como *bem simbólico* possui a propriedade de reconversão o que se concretiza no momento em que se torna capital econômico, ou seja, trabalho remunerado.

A produção de conhecimento dos tradutores voluntários de nosso estudo é muito mais empírica, com o mínimo de embasamento teórico. Não obstante, o treinamento constante e contínuo que recebem lhes confere muito mais experiência prática que muitos estudantes de tradução obtêm em anos de graduação.

Do grupo de voluntários que analisamos, a maioria traduz há pelo menos quatro anos continuamente, exceto em um período de férias que não ultrapassar duas semanas por ano. Conforme o perfil sociocultural traçado por meio dos questionários, todos tiveram a oportunidade de aprender uma língua estrangeira desde a tenra idade e possuem um bom nível de proficiência. Além disso, são selecionadas ou indicadas dentre os associados tendo como critérios suas qualidades pessoais como comprometimento, responsabilidade e disposição.

G.N. - Tradução é uma coisa que depende muito de experiência. A experiência também não se cria de um dia para o outro, você tem q investir. Pode ser que tenha muitos voluntários que tenham essa vontade de colaborar, essa vontade de servir. Se está traduzindo bem ou não, isso não é a questão principal, mas sim esse lado de querer fazer alguma coisa [...] de servir as pessoas. Isso é o ponto chave. Porque se a pessoa não tem essa vontade nem vai querer colaborar, “vou fazer esse serviço de graça, não vou ganhar nada com isso”. Então desde que as pessoas tenha (sic) essa vontade que é colaborar, às vezes a pessoa pensa “nem sei escrever direito, mas conheço”, mas tem a vontade de fazer, com certeza depois de alguns anos, né, tá com uma experiência muito grande.

Outro requisito considerado é a data de ingresso na associação para medir a extensão do conhecimento sobre a filosofia. Dessa forma, o tradutor voluntário já ingressa com alguns requisitos básicos, experiência cognitiva e experiência organizacional, tal como no mercado de trabalho remunerado. O maior diferencial é que esse voluntário permanecerá no grupo por tempo indeterminado desde que acompanhe o projeto a contento e mesmo que venha a se aposentar profissionalmente.

Uma das propriedades do capital, segundo Bourdieu, é sua capacidade de reconversão, isto é, um capital pode ser convertido em outro diante de situações específicas. Por exemplo, o capital cultural, acumulado por meio de formação acadêmica, certificados e títulos, pode ser convertido em capital simbólico, desde que reconhecido e prestigiado institucionalmente como é o caso das homenagens conferidas ao presidente da SGI, Daisaku Ikeda. Da mesma forma, o capital simbólico dos tradutores voluntários acumulado por meio do reconhecimento de sua contínua colaboração e os resultados na sociedade pode proporcioná-los oportunidade de inserção no mercado de trabalho. Assim o capital simbólico seria convertido em capital econômico.

Indubitavelmente, os tradutores voluntários contribuem e beneficiam-se desse trabalho. Como já mencionado, a maioria afirma que preza a oportunidade de aperfeiçoar sua proficiência linguística, sem contar a aquisição de técnicas de tradução. Seja qual for a profissão escolhida, o conhecimento de línguas estrangeiras aliado à experiência prática certamente confere-lhes um traço de distinção, também usando os termos de Bourdieu (2007). A propósito, não somente uma língua estrangeira caracteriza a distinção. Uma mesma língua que possui um código, uma gramática com o objetivo de universalizar e democratizar possui dois vértices: o oral (passível de “erros”) e o escrito (norma culta). Portanto, a mesma língua que serve para uniformizar é

também um modo de divisão já que cria disparidades entre aqueles que se julga falar bem e os que não falam bem (*Idem*, 1983). Estabelecendo uma analogia com o grupo de tradutores voluntários da BSGI, percebe-se igualmente que o conhecimento de um segundo idioma também lhes confere um destaque e, paralelamente, amplia as disputas por poder. Geralmente, essas disputas são inconscientes e muito sutis, ao contrário do que ocorre no mercado de trabalho remunerado. No entanto, há uma hierarquia e mobilidade dentro desse grupo que independem da eficiência, do conhecimento ou do volume de capital acumulado. Desde o início desta pesquisa, apesar de ter havido pouca alteração nos agentes que integram o grupo, houve diversas mudanças de posições de liderança. A pessoa que coordena o projeto da editora, a responsável pela revisão e comentários das traduções, entre outras.

O aspecto mais relevante desse contexto é que, além das técnicas de tradução e revisão, o tradutor voluntário desenvolve habilidades de trabalho em equipe, cumprimento de normas e prazos, resolução de problemas, argumentação, gerenciamento de tempo (possivelmente em um nível mais profundo, por ter de coordenar outras atividades essenciais em seu cotidiano) e, o mais importante, interação social. Alguns desses voluntários, na posição de coordenadores, aprendem a gerenciar projetos de tradução (leiam-se equipes de pessoas e artefatos), mediar todo o processo e, em última instância, tornam-se responsáveis por parte de uma publicação periódica.

Por meio do trabalho voluntário o tradutor adquire experiência, traquejo e conhecimento. Por conseguinte, esse voluntário poderá tornar-se mais apto a exercer sua função no decorrer do tempo. Tal característica confere-lhe o reconhecimento e credibilidade, podendo proporcionar-lhe oportunidades de trabalho remunerado. Assim, o que antes era capital simbólico, converte-se em capital econômico.

Em suma, trata-se de uma formação prática e mais complexa que muitas teorias sobre o mercado de trabalho e a tradução.

2.6 A rede de tradutores voluntários

Para chegarmos a uma compreensão mais ampla sobre as características e limitações da tradução como trabalho voluntário, faz-se necessário obter um panorama de como esse trabalho é realizado.

No caso do romance *Nova Revolução Humana* publicado no jornal semanal da associação, o grupo recebe o capítulo composto por aproximadamente cinquenta partes e traduz quatro delas semanalmente. Embora seja recomendada a leitura das partes anteriores e posteriores do texto a ser traduzido, as tradutoras afirmam nas entrevistas que, devido ao tempo escasso de que dispõem para a tradução, uma vez que se trata de um trabalho voluntário realizado nos intervalos entre suas obrigações diárias, não costumam recorrer aos outros textos.

Com relação à revista *SIGI Quarterly*, o trabalho é ainda mais fragmentado. Trata-se de uma publicação trimestral com um tema diferente para cada edição. Nesse caso, o grupo recebe uma quantidade de páginas que devem ser traduzidas, geralmente, em um curto espaço de tempo para o cumprimento do cronograma. Novamente, as tradutoras não interagem de modo a trocar informações sobre os conteúdos traduzidos. Somente as pessoas responsáveis pela revisão têm essa visão mais abrangente do todo, ou seja, dos pontos de semelhança entre os textos. De acordo com as entrevistas, a interação entre o grupo ocorre principalmente por correspondências eletrônicas trocadas para solucionar dúvidas e, em reuniões esporádicas, em média a cada três meses.

Portanto, pode-se definir o trabalho do grupo como uma “tradução de fábrica”, segundo o conceito de John Milton (MILTON, 2002, p. 86). A definição é muito pertinente, uma vez que se trata de uma divisão de trabalho com o intuito de cumprir os prazos, cujas traduções não levam o nome de quem a traduziu. Milton afirma que esse tipo de tradução constitui-se em um trabalho de equipe, ou seja, “um simples produto de uma linha de montagem” (Idem, Ibid.). Há também outros aspectos característicos da linha de produção no trabalho dos voluntários que seguem a argumentação do autor, como a padronização. Segundo os tradutores, há padronização da linguagem que deve ser adequada ao entendimento de seu público-alvo, assim como particularidades da diagramação. Além disso, assim como no Clube do Livro, o prazo é mais importante que a perfeição. Entretanto, há uma justificativa distinta para cada um dos casos em questão. Na análise do Clube do Livro, o prazo justifica os erros, devido à grande demanda pelas obras traduzidas em um curto período, é uma questão mercadológica. Por outro lado, no caso dos voluntários da BSGI, o prazo está relacionado ao cumprimento do cronograma, mas a ocorrência ou não de erros não é um fator relevante, pois o aprendizado e o desenvolvimento, seja no nível intrapessoal como no nível interpessoal, bem como os valores considerados para a realização desse trabalho são fatores que se sobrepõem ao simples produto da tradução.

Sendo o prazo uma das principais obrigatoriedades para a tradução, tanto no trabalho remunerado quanto no trabalho voluntário, vale ressaltar que as normas provêm de uma integração social, segundo Toury (1995). Segundo o autor, uma sociedade, comunidade ou grupo negocia suas regras de conduta, de acordo com suas concepções culturais acerca do que é certo ou errado, aceitável ou inaceitável. E no caso do grupo de trabalho voluntário não poderia ser diferente. Embora a tradução seja, em princípio, um trabalho individual, as padronizações, normas, revisões e direcionamentos são

negociados e construídos no grupo e não no plano individual, nem como uma imposição da editora. Conforme os dados coletados e entrevistas, esse processo de estabelecimento de normas é realmente construído de acordo com a prática, avaliando-se os as dificuldades e os resultados.

Segundo Mona Baker (1991, p. 1), uma pessoa pode receber dois tipos de treinamento: o *prático* e o *acadêmico*. Portanto, presume-se que é possível oferecer um treinamento prático de tradução com resultados positivos em longo prazo, desde que haja uma complementação teórica e fatores de motivação dos participantes. Essa parece ser a premissa do grupo de tradutores voluntários da BSGI.

Desse modo, argumentamos que as teorias de tradução podem contribuir para o aprimoramento da prática, considerando-se os aspectos socioculturais relacionados, uma vez que grande parte dos voluntários participantes deste estudo não possui formação acadêmica como tradutores.

3 A rede de tradutores voluntários e o lucro simbólico

3.1 Formas de recompensa: o *capital simbólico* e o *capital social*

Os participantes responderam que mais da metade de seu círculo de amizades está entre os associados da SGI. Outra informação relevante diz respeito a existência de grupos ou departamentos de profissionais da mesma área, incluindo aspirantes a determinada profissão. Esses profissionais, como é o caso dos tradutores, formam grupos com o intuito de trocar ideias e experiências e desenvolver projetos que visem a contribuição para a ONG e para a sociedade. Nesses grupos também são aceitas pessoas que não atuam na área, mas possuem algum conhecimento e / ou experiência na área e almejam contribuir ou aprimorar-se. Tal prática está de acordo com a premissa de Bourdieu de que os lucros obtidos pela participação em determinado grupo decorrem da solidariedade que permite tal participação, isto é, o *capital social* (BOURDIEU, 1998, p. 67). O reconhecimento da posição social e do poder exercido por determinado agente, assim como o prestígio, denominados *capital simbólico* na terminologia de Bourdieu (1989, p. 14), estão intimamente relacionado a esses benefícios oriundos das interações sociais. Portanto, mais que se associar para contribuir em prol dos mesmos ideais, centralizados na associação, essas pessoas criam uma rede de relações sociais e profissionais que afetam e, ao mesmo tempo, refletem o seu modo de agir. Além dos associados, a rede de relações sociais do grupo amplia-se a diversos segmentos da sociedade, contando inclusive com não-associados que se dizem simpatizantes dos ideais de paz, cultura e educação da SGI. Um desses simpatizantes é o poeta brasileiro Thiago de Mello, que colabora com as revisões de diversas publicações da associação como a Proposta de Paz, de autoria do Presidente da SGI, Daisaku Ikeda, enviada

anualmente às Nações Unidas (IKEDA, 2010). Ainda sobre a rede de relações da SGI pelo mundo, ampliada com o auxílio dos tradutores, podemos citar os vinte e dois livros publicados em inglês ¹⁶ provenientes de diálogos entre o presidente Daisaku Ikeda e diversas personalidades do século XX, tais como Austregésilo de Athayde, Linus Pauling, Aurelio Peccei, Arnold J. Toynbee, Mikhail Gorbachev, entre outros. Desses diálogos, cinco foram traduzidos para o português, conforme consta na livraria online. ¹⁷

Por outro lado, há também críticas com relação à posição e ações da BSGI na sociedade. Bornholdt (2007) questiona se a SGI é de fato uma ONG ou uma religião e, afirma que após a conclusão de sua pesquisa com associados no Rio Grande do Sul, não encontrou muitas evidências relacionadas aos tópicos de paz, cultura e educação. No mesmo artigo, afirma ainda haver um esforço exagerado para obter homenagens para o presidente Daisaku Ikeda e associá-lo à imagem da SGI.

Mais que um movimento para atrair novos membros, a SGI parece ter conquistado um espaço cada vez mais abrangente na sociedade, um capital social que se amplia continuamente por meio de suas relações e um capital simbólico que se reflete no reconhecimento de suas ações em prol da sociedade. Representando a SGI, Daisaku Ikeda já recebeu mais de cem títulos de *Honoris Causa* e é sócio correspondente da Academia Brasileira de Letras (ABL) desde 1992, ocupando a cadeira de número 14. Em uma recente homenagem brasileira, na qual seu nome foi atribuído a um centro municipal de educação infantil no Paraná, consta que “o pacifista, filósofo e poeta laureado com obras publicadas em mais de 20 idiomas [...] desenvolve atividades para a paz, cultura, educação e meio ambiente e intensivas atividades de auxílio a refugiados junto a ONU. Em Publicação no Diário Oficial nº 7316 de 22 de setembro de 2006, a

¹⁶ Disponível em: <http://www.daisakuikeda.org/sub/books/books-by-category/dialogues.html>. Acesso em: 19 de julho de 2010.

¹⁷ Disponível em: http://www.bsgi.org.br/publicacoes_livros.htm. Acesso em: 19 de julho de 2010.

Pré Escola Municipal “O Cogumelo” passa a ser denominada como Centro Municipal de Educação Infantil “Dr. Daisaku Ikeda” a partir da referida data.” (IKEDA, 2010).

Além das homenagens oficiais de escolas, universidades e órgãos governamentais, há também aquelas proferidas por celebridades simpatizantes dos ideais da SGI, como as composições do pianista brasileiro Amaral Vieira dedicadas a Daisaku Ikeda, entre elas “O Alvorecer do Século da Humanidade, Opus 256”, composta em 1991 ¹⁸.

Embora venha prestando consultoria musical para a Orquestra Filarmônica do Humanismo Ikeda da BSGI, Amaral Vieira, assim como Thiago de Mello, não é associado, nem praticante do budismo. Desse modo, não se pode afirmar que o objetivo supremo da BSGI seja a conversão, conforme afirma Bornholdt (2009).

Certamente, o movimento da SGI conquistou adeptos ao budismo, mais especificamente 12 milhões no mundo e 150 mil no Brasil. É muito provável que essa expansão deva-se ao sincretismo que incorporou a base filosófica do budismo Nitiren às características regionais de cada localidade, adequando-se aos costumes e aos anseios das diferentes pessoas. Paralelamente, a SGI adota estratégias de coexistência pacífica com as demais religiões e alia seu discurso filosófico à ciência (CLARKE, 2008).

E, indubitavelmente, o estreitamento dos laços de amizade, o reconhecimento e até mesmo a execução das atividades sociais decorrem do trabalho de tradutores e intérpretes voluntários, sem os quais a associação provavelmente teria ficado reclusa nas fronteiras japonesas.

¹⁸ Acesso em [5 de janeiro de 2011] Disponível em:
<http://www.amaralvieira.com/JP/2005_tours/programa_calendario2005.htm>

3.2 O papel dos tradutores e intérpretes voluntários: limitações

Embora a presente pesquisa se concentre na atuação dos tradutores que têm contribuído para essa expansão, faz-se necessária uma referência aos intérpretes. Por um lado, para ilustrar as dificuldades impostas pela barreira entre os idiomas e, por outro, para abranger o papel desses tradutores e intérpretes voluntários no espaço social.

Por ocasião da primeira visita de Daisaku Ikeda ao Brasil em 1960, após uma breve passagem pelos Estados Unidos, já era nítida a barreira da língua para a difusão dos ideais da *Soka Gakkai*. Já no início da viagem começaram os obstáculos; a tripulação do voo que traria a comitiva a São Paulo falava apenas inglês e português, o intérprete de inglês não viajara com eles e ninguém compreendia esses idiomas (IKEDA, 1994, 182).

Outro evento marcante que ilustra a importância da mediação de intérpretes e a desastrosa consequência da falta deles foi o diálogo de Daisaku Ikeda com o historiador britânico Arnold Toynbee em 1972, realizado em dez dias no decorrer de dois anos, o qual posteriormente foi publicado com o título “Escolha a Vida”¹⁹. Ikeda cita em diversas ocasiões e discursos a dificuldade decorrente da falta de intérpretes capacitados para a realização desse diálogo. Ele explica que os intérpretes eram amadores e careciam não somente de vocabulário, mas de técnica para transmitir a complexidade dos assuntos sobre os quais conversavam, dizendo que, muitas vezes, era nítido o semblante de dúvida de Toynbee ao ouvir o intérprete. Além disso, as frases traduzidas para o japonês eram incoerentes e incompreensíveis. Os intérpretes estavam constrangidos e cientes de que não acompanhavam o nível intelectual de Toynbee, o que prejudicou totalmente a fluidez do diálogo (*Idem*, 2007). Em outra ocasião, Ikeda

¹⁹ TOYNBEE, Arnold; IKEDA, Daisaku. Escolha a Vida, 3ª edição. Ruy Jungman, trad. Rio de Janeiro: Record, 1976.

lamenta o tempo que levou para que surgissem intérpretes habilitados e recorda que, após dialogar com Toynbee certo dia, fora convidado a acompanhá-lo em um jantar em clube seletivo de Londres no qual era o único convidado que não falava inglês e não havia nenhum intérprete (*Idem*, 2003).

Esse incidente ilustra um aspecto crítico do trabalho voluntário: a inaptidão de quem o realiza e suas consequências no espaço social. Na atuação de um intérprete as consequências são ainda mais graves se comparada ao trabalho de tradução, já que a interpretação não é passível de revisão ou edição. Um insucesso semelhante, porém em maiores proporções, ocorreu por ocasião do Fórum Mundial Social (FMS) realizado no Brasil em 2005, conforme problematiza Pagura (2010).

Na ocasião, os organizadores do FMS decidiram inovar e, ao contrário das edições anteriores nas quais foram contratados intérpretes profissionais, abriram espaço para a atuação de intérpretes voluntários com a justificativa de possibilitar o entendimento mútuo entre os diversos movimentos, tornando a “tradução” mais social que mercantil, isto é, um processo de “militância”. Como intérprete profissional experiente, Pagura critica a iniciativa do FMS, argumentando que:

Ainda que a intenção pareça louvável – “garantir que os movimentos que se comunicam em línguas diferentes se entendam” – a decisão, do ponto de vista da interpretação profissional, parece bastante ingênua. Partiu-se da premissa que voluntários com algum conhecimento de idiomas e, na maioria dos casos, sem nenhuma experiência em interpretação de eventos, poderiam, de fato, “tornar possível a participação consciente de mais pessoas”. (PAGURA, 2010, p. 121)

Segundo Pagura, o resultado foi “catastrófico” e criticado por inúmeros intérpretes profissionais, associações de intérpretes e participantes, criando uma situação constrangedora tanto para os participantes como para os voluntários amadores. Por outro lado, o FMS publicou em sua página na internet o sucesso dessa proposta com a participação de 533 intérpretes de 30 países e a tradução de dezesseis idiomas (*Idem*,

p. 122). Não se pode afirmar, contudo, que o propósito do FMS foi concretizado em sua totalidade já que o entendimento mútuo não foi atingido. Assim como no exemplo supracitado da SGI, infere-se que um intérprete voluntário despreparado pode desvirtuar a credibilidade do palestrante ou da instituição representar pelo mesmo, além de colocar em dúvida o benefício do voluntariado.

Pagura (*Idem*, 2010) acrescenta que no caso do FMS, a seleção dos intérpretes voluntários foi responsabilidade da rede Babels, “uma rede internacional de tradutores e intérpretes voluntários cujo principal objetivo é cobrir as necessidades dos fóruns sociais”²⁰. Assim como o grupo de voluntários da BSGI, nosso objeto de estudo, o trabalho de Babels sustenta-se com o trabalho voluntário. Babels também possui um projeto de tradução, denominado Transtrad, para o qual “qualquer pessoa que deseja se comprometer com um trabalho voluntário de tradução ou de interpretação OU com um trabalho de reflexão sobre as línguas e que subscreve o objeto da rede” pode se inscrever, como consta em sua Carta de Princípios²¹. É uma rede virtual, cujo conjunto de ferramentas (banco de dados, listas de discussão, DVDs, etc.) visa à criação de um espaço “livre de encontros”. Em seu manifesto também consta que se trata de um berço de criação de novos espaços políticos, ou seja, uma rede de militância política. Sobre a atuação nos fóruns sociais, o princípio norteador de Babels é que seus voluntários são parceiros políticos e não meros prestadores de serviços. Além disso, intitulam-se uma organização horizontal não-hierárquica sem regras pré-estabelecidas, na qual o único pré-requisito para participar é o compromisso da colaboração²². No entanto, ainda que almejem esse espaço puramente virtual, livre de encontros e um trabalho sem regras ou hierarquia, esses elementos são contraditórios em sua apresentação. Consta que para o

²⁰ Informações disponíveis em < <http://www.babels.org/spip.php?rubrique6>>. Acesso em 5 nov 2011.

²¹ Informações disponíveis em < <http://www.babels.org/spip.php?article115>>. Acesso em 8 nov 2011.

²² Informações disponíveis em < <http://www.babels.org/forum/viewtopic.php?t=460>>. Acesso em 8 nov 2011.

planejamento das atividades nos fóruns sociais, faz-se necessária a realização de reuniões e designação de coordenadores para diversas tarefas conforme uma das atas ²³. Com relação ao treinamento nesses encontros, eles afirmam que se trata mais de “uma troca de experiências” e a proposta é estabelecer um debate aberto nas listas de discussão na internet. Não se pode negar que o ambiente virtual possibilite uma forma de interação social por meio da troca de informações. No entanto, em que medida se dá essa relação interpessoal? Quais as vantagens desse trabalho voluntário de tradução? Apesar de terem o mesmo propósito de contribuir para os fóruns sociais, os “bebelitos” como são chamados, parecem possuir diversas disposições de *habitus* distintas seja no nível pessoal ou no nível social. Ora, os únicos pontos de intersecção entre eles são os movimentos sociais e a tradução voluntária. Se entendermos o trabalho voluntário de tradução como um campo de produção cultural, sob a ótica de Bourdieu, podemos apreender outras contradições na proposta de Babels. Para Bourdieu, a cultura abrange os recursos e poderes que hierarquizam e distinguem as pessoas no espaço social. A diacronia é fundamental, pois o campo leva em consideração a história dos agentes. Desse modo, não há uma leitura social linear e cartesiana, assim como é inviável um grupo sem hierarquia ou regras. Nos projetos de Babels similarmente aos projetos da BSGI, há um processo de seleção, atribuição de textos, controle de cronograma e distribuição para o leitor final. Deve haver, portanto, agentes em posição de liderança para coordenar as respectivas tarefas. A ausência de hierarquia, sugerida pela Babels, consiste em uma visão utópica e impraticável dentro de uma rede. Diferente do pequeno grupo de tradutores voluntários da BSGI que trabalham continuamente, traduzindo os mesmos materiais e recebem avaliações periódicas como uma espécie de treinamento e aprendizagem ininterruptos, a Babels conta com muitos voluntários e, como alegam que

²³ Informações disponíveis em <<http://www.babels.org/spip.php?article126>>. Acesso em 10 nov 2011.

não há hierarquia, esses colaboradores não contam com um responsável direto a quem recorrer. Além de bradar que não há hierarquia nem representatividade, a Babels difunde em seu manifesto a inexistência de regras para os projetos de traduções. De acordo com Toury, a tradução “é uma atividade governada por normas”. Uma vez que a tradução articula, no mínimo, dois idiomas e dois contextos culturais, as regras gerais e idiossincrasias que permeiam o trabalho formam ao menos dois sistemas de normas. O tradutor pode ater-se ao texto original ou às normas da língua e cultura alvo, o que determinará suas decisões textuais e o impacto de sua tradução. Ademais, as normas são parte integrante do processo de socialização (TOURY, 1995, pp. 199-201). Assim, afirmar que não há regras pré-estabelecidas na rede Babels consiste em uma visão ingenuamente simplista sobre as relações sociais e sobre a tradução. O descaso com as normas talvez seja um dos principais fatores determinantes para o insucesso da atuação de seus intérpretes em fóruns mundiais e consequentes críticas mencionadas por Pagura (2010).

Em resposta ao manifesto citado anteriormente, um colaborador da Babels publicou seu protesto.

Ok... somos uma rede... sobrevivemos de encontros virtuais, de horizontalidade, de não representatividade, de listas de e-mail e projetos. Só que eu gostaria de saber uma coisa: Quanto tempo mais Babels sobreviverá proporcionando a interpretação de baixa qualidade que apresentamos em Mumbai e POA? [...] Nossa horizontalidade gerou um verdadeiro caos. [...] Não sou fundador de Babels, tampouco escrevi sua carta de princípios. Porém quando ingressei na rede aceitei esta carta. Contudo, isso não significa que Babels não tenha que evoluir. Babels cresceu... e DEVE mudar. [...] Babels precisa mais do que apenas militantes, ativistas ou voluntários. Precisa-se de organização. Se esta organização vai ser horizontal ou vertical, se vamos ter representantes ou não, se faremos organizações regionais ou não, isso deverá ser discutido. [...] Afinal, estamos contribuindo para um mundo melhor, ou gerando caos e desorganização? ²⁴

²⁴ Informações disponíveis em <<http://www.babels.org/forum/viewtopic.php?t=460>>. Acesso em 8 nov 2011.

Esse depoimento revela mais que a fundamentação das críticas sobre o trabalho voluntário de Babels, indica a falta de sincronia entre o discurso da rede e seus agentes. É um indício de que, apesar da intenção de integrar movimentos sociais, os agentes não partilham da identidade da rede. A falta de organização e liderança gera descontentamento e constrange seus colaboradores, minimizando a principal premissa do voluntariado: a troca e a obtenção de *capital simbólico*. O conhecimento, reconhecimento e prestígio sustentam e motivam o trabalho voluntário. Se não há essa base, as motivações para o trabalho voluntário perdem o significado de existir.

Por outro lado, há outros exemplos bem sucedidos de tradutores voluntários. Em *Translation and Activism* Mona Baker (2006b, p. 462) cita alguns grupos e organizações que contam com o trabalho voluntário de tradutores e intérpretes, entre as quais estão: *Peace Brigades International*, *Front Line Defenders*, *Habitat International Coalition* e *Gush Shalom: The Israeli Peace Bloc*. Outros casos mencionados pela autora são a Babels, ECOS e Tlaxcala (BAKER, 2008, p. 16). Nesses artigos, Baker argumenta que há uma quantidade crescente de tradutores e intérpretes que se reúnem em grupos com o intuito de colocar suas habilidades linguísticas a serviço de causas sociopolíticas, tornando-se agentes de mudança. A autora utiliza o conceito de “narrativas” estendendo-o para uma abordagem sociocomunicativa que abrange a história social dos agentes. Segundo Baker, narrativas são entidades dinâmicas que consideram todos os elementos constituintes dos agentes, inclusive não-verbais e determinam suas atitudes e decisões. Desse modo, participar de uma “comunidade” prestando serviços voluntários significa contribuir para uma causa social e assumir a identidade desse grupo (BAKER, 2006a). Há muitas semelhanças entre a teoria das narrativas discutida por Baker e a noção de *habitus* de Bourdieu, uma vez que ambas consideram a “história” dos agentes e suas posições no espaço social. Ao ampliar essa

noção incorporando todos os elementos que o integram, animados e inanimados, verbais e não-verbais, o conceito aproxima-se também da teoria de *ator-rede* de Latour. Portanto, entendemos que essas teorias são complementares e pertinentes à análise do trabalho dos tradutores voluntários e sua justificativa.

Assim como nos exemplos citados por Baker, os tradutores voluntários da BSGI engajam-se em um movimento no qual acreditam, incorporando a identidade (ou *habitus*) da organização.

3.3 Tradutores e intérpretes voluntários: mediação e acúmulo de capital simbólico

Passadas décadas após o diálogo entre Ikeda e Toynbee, a SGI atualmente conta com intérpretes para vários idiomas como inglês, chinês, francês, espanhol, russo e francês. O desenvolvimento desses intérpretes possibilitou o encontro e o diálogo do líder da SGI com mais de mil personalidades renomadas em todo o mundo, tais como com o Conde Richard Coudenhove-Kalergi (1967 e 1970), primeiro idealizador da unificação européia, do qual se originou o livro *Civilização: Leste e Oeste*; o ex-líder soviético e ganhador do Prêmio Nobel da Paz Mikhail Gorbachev (cinco vezes entre 1990 e 1997); o ex-presidente cubano Fidel Castro (1996); o ex-presidente da África do Sul Nelson Mandela (1990 e 1995), entre outros ²⁵.

Um dos encontros que merecem destaque foi com o emblemático líder cubano Fidel Castro. Conhecido por sua posição revolucionária, o líder comunista quebrou todos os protocolos e surpreendeu a audiência ao recepcionar Daisaku Ikeda trajando um terno no lugar do característico traje militar. Fidel Castro justificou a exceção

²⁵ Informações obtidas em pesquisas junto à Editora Brasil Seikyo.

dizendo que estava assim vestido para receber um “defensor da paz” (IKEDA, 2009). Sabe-se que Cuba é considerado um estado laico, ou seja, neutro com relação às religiões. Dessa forma, independentemente da filosofia budista na qual o líder da SGI fundamenta suas ações, o pacifismo parece ter sido o cerne desse encontro. De modo semelhante, a aceitação de seus ideais por instituições chinesas também assinala o início de uma nova era. Diante das disparidades históricas entre China e Japão, as homenagens prestadas ao líder da SGI em reconhecimento a suas contribuições pela paz e educação são de suma importância para o cenário mundial (*Idem*, 2008).

Segundo Clarke (2008), mais que religiosidade ou misticismo, o movimento da SGI implica transformação das pessoas e do ambiente partindo do nível individual para uma escala global. Ele argumenta ainda que o objetivo da SGI não é mais converter adeptos, mas contribuir para uma mudança de pensamento e atitudes de um grupo de pessoas, como pré-requisito para a transformação do planeta.

A mediação dos tradutores e intérpretes nas relações internacionais da SGI funciona como um agente multiplicador de capital simbólico e social tanto interna como externamente. Bourdieu discorre sobre a honra como *capital simbólico*:

[...] a ideia de que as lutas pelo reconhecimento são uma dimensão fundamental da vida social e de que nelas está em jogo a acumulação de uma forma particular de capital, a honra no sentido de reputação, de prestígio, havendo, portanto, uma lógica específica da acumulação do capital simbólico, como capital fundado no conhecimento e no reconhecimento; a ideia de estratégia como orientação da prática, que não é nem consciente e calculada, nem mecanicamente determinada, mas que é produto do senso de honra enquanto senso desse jogo particular que é o jogo da honra; a ideia de que existe uma lógica da prática, cuja especificidade reside, sobretudo, em sua estrutura temporal. (BOURDIEU, 1990, p. 35)

Portanto, a prática das atividades da SGI na sociedade presume a elevação de seus valores, de sua “honra” representada na figura de seu líder, Daisaku Ikeda. A

estratégia para acumular capital simbólico, segundo Bourdieu, não é calculada, mas nesse caso, inculcada nos valores defendidos pelos associados. Devido ao fato de compartilharem o mesmo *habitus*, o líder, os associados e, mais especificamente, os tradutores voluntários fundamentam sua prática no mesmo discurso entrelaçado pelos mesmos princípios. Por conseguinte, o reconhecimento e a legitimidade desses princípios tornam-se sua maior recompensa, isto é, o acúmulo e a troca de capital simbólico.

Um exemplo desse reconhecimento é o falecido presidente da Academia Brasileira de Letras, Austregésilo de Athayde (1898-1993), cuja admiração por Daisaku Ikeda fora explicitamente declarada no diálogo que realizaram no ano de 1993, publicado no livro “Direitos humanos no século XXI” (ATHAYDE; IKEDA; 2000). Athayde, um dos idealizadores e redatores da Declaração Universal dos Direitos Humanos, expressa no diálogo o quanto ansiava encontrar Daisaku Ikeda e acrescenta que ele é a pessoa que melhor pratica e propaga os direitos humanos. Afirma ainda que o líder da SGI é um “herdeiro de Aristóteles”, pois vislumbra os problemas transpondo-os do idealismo à prática (*Idem, Ibidem*, pp. 17-25). Não obstante a religião, Athayde demonstrava grande empatia por Ikeda.

Não somente o capital simbólico pode ser delineado a partir desse exemplo, mas também o capital cultural do qual ambos são detentores. Os diálogos do presidente da SGI com personalidades das mais distintas áreas de conhecimento demonstram sua erudição, sobretudo seu domínio pelas escrituras budistas nas quais fundamenta sua filosofia. Por outro lado, os mesmos diálogos conferem-lhe um acúmulo de capital cultural ainda maior, haja vista o profundo conhecimento de notáveis nomes como os citados anteriormente, Arnold Toynbee, Linus Pauling e Austregésilo de Athayde. Esses

encontros são verdadeiros intercâmbios de conhecimento e constituem eventos inigualáveis nas relações de paz entre as diversas nacionalidades envolvidas.

Austregésilo de Athayde foi jornalista e, também, redator e tradutor para as agências Associated Press e United Press (2011). Desse modo, acumulava tanto um amplo capital cultural quanto capital linguístico, articulando com frequência dois idiomas. Embora sua produção literária não tenha sido extensa, escreveu ininterruptamente durante seus noventa e quatro anos de vida.

A reciprocidade de reconhecimento intelectual entre esses líderes confere-lhes o que Bourdieu denomina “capital social”. O volume de capital social de um agente é proporcional à extensão de suas redes duráveis de relacionamento, relativamente institucionalizadas. Os agentes envolvidos nessas redes possuem interesses em comum e reconhecem os valores partilhados. Embora afirme que o capital social não possa ser convertido em capital econômico ou cultural, Bourdieu afirma que não se pode desvinculá-los, já que há uma linha tênue entre eles (BOURDIEU, 1998, p. 65). A solidariedade oriunda do inter-reconhecimento entre o líder da SGI e as diversas personalidades com as quais ele dialoga estão intimamente relacionadas ao capital cultural que possuem expressos por meio reconhecimento recíproco.

Provavelmente, o capital econômico é o que está mais distante do capital social, embora as disposições de *habitus* daqueles que o detém tendem a se aproximar. De acordo com Marcel Mauss (1974) aquele que dá pode não ser rico economicamente, mas confere a outra pessoa uma série de benefícios e tem o poder de ampliar as relações. Segundo Mauss, a dádiva implica um compromisso de retribuições. Esse compromisso é muito evidente nas relações dos associados da SGI, seja entre eles ou com a sociedade. Percebemos nas entrevistas realizadas com o grupo de tradutores, a ocorrência frequente de justificativas ou motivações para o trabalho voluntário que

realizam tais como “possibilitar [...] acesso a esse conteúdo”, “disseminar informações”, “contribuir” [...] “em prol das pessoas e da sociedade”. Por outro lado, há também o benefício pessoal ou a recompensa recebida em contrapartida, quando afirmam “ser algo motivador pelo conteúdo”, “manter o contato com a língua” e “oportunidade de aprimorar”.

Uma vez que analisamos um grupo que compartilha valores e ideologias e, como tal, ocupam um espaço de representação na sociedade, torna-se imprescindível investigarmos os fundamentos desses princípios. Com esse intuito referimo-nos à pesquisa realizada por Ebrahim (2003) sobre ONGs e suas relações internacionais de financiadores. Nessa pesquisa ele toma como ponto de partida sua experiência em uma ONG na Índia, a *Aga Khan Rural Support Programme, India* (AKRSP-I) e discorre sobre o discurso de seus membros, o desenvolvimento e as alterações organizacionais em longo prazo, assim como a resistência. Ebrahim aborda o discurso, como o conjunto de prática e pensamentos expressos por meio de textos, diálogos, projetos, normas e procedimentos, recorrendo à análise do discurso para investigar sua formação e funcionamento (FOUCAULT 1984; RABINOW 1984, p. 12 *apud* EBRAHIM, 2003, p. 11). Além da análise do discurso, ele também fundamenta sua pesquisa nas noções de *habitus* e capital de Bourdieu, concluindo que a história de uma organização e seus padrões de comportamento determinam sua atuação no presente. Tais implicações são fortemente relacionadas à ideologia e aos interesses de seus financiadores. Similarmente, a luta por diferentes tipos de capital (ou recursos) encerram uma forma de poder, já que constitui um meio de produção de conhecimento.

A posição dos financiadores é substituída pelos fundadores na pesquisa sobre a SGI.

A contribuição dos tradutores voluntários para o atual cenário da SGI remonta ao início do século passado, concomitantemente à trajetória de seus fundadores. Em inúmeros discursos e ensaios, seu atual presidente, Daisaku Ikeda, refere-se à importância de seu mestre, o segundo presidente, Jossei Toda, cujo maior objetivo era “a propagação do budismo para a felicidade de todas as pessoas”, a o que se referem como *Kossen-rufu*. Ikeda enfatiza que essa era a principal razão para o domínio de línguas estrangeiras e, conseqüentemente, para o desenvolvimento de tradutores e intérpretes habilitados (IKEDA, 2003). Desse modo, as ações e estratégias da organização sempre estiveram embasadas no capital social e no capital simbólico, ou seja, na retribuição das relações de confiança, na honra de cumprir uma tarefa (ou missão) e no sentimento de gratidão fundamentado no que Ikeda denomina “relação de mestre e discípulo”. Embora nenhum dos entrevistados tenha citado tal relação, o fato de haver ocorrências repetidas de justificativas expressas nos termos “gratidão”, “oportunidade” e “recompensador” remetem a uma referência implícita ao discurso de seus fundadores e à relação de mestre e discípulo. Tornar-se um tradutor voluntário significa, em última instância, perpetuar o propósito de fundação da SGI e todos os seus ideais. Por conseguinte, ser reconhecido como um tradutor voluntário talentoso culmina com o aumento do capital simbólico.

Se por um lado, o estudo de Ebrahim citado anteriormente mostra que as alterações organizacionais estão diretamente relacionadas à mudança de financiadores e seus diferentes propósitos, por outro lado, na SGI, os líderes cristalizam suas ideias em ações e expansão. Obviamente, ocorreram mudanças significativas no âmbito local e internacional. No entanto, decorreram mais de uma necessidade de adaptar-se aos costumes como uma forma de sincretismo ou para enquadrar-se cada vez mais aos parâmetros de ONGs internacionais que devido à mudança de seus líderes, já que a

sucessão da presidência implica em dar continuidade e concretizar os anseios do antecessor.

Ampliando a abordagem do prestígio e o reconhecimento para o âmbito social, consta na edição 2078 do jornal Brasil Seikyo ²⁶ na seção Notícias que o presidente da SGI, Daisaku Ikeda, é a pessoa que mais recebeu títulos de cidadania honorária no mundo, totalizando setecentos. “No dia 24 de março, [...] recebeu seu setingentésimo título, o de Cidadão Honorário de Santarém”. Uma das ferramentas que possibilitam a divulgação das ações do presidente Ikeda e da SGI na sociedade é a revista SGI Quarterly. Além dela, outros materiais também são traduzidos por voluntários a partir da língua inglesa e distribuídos para diferentes segmentos da sociedade.

Há também a ação local de associados, como manutenção de praças, projetos educacionais como alfabetização e artesanato em escolas públicas (Projeto Makiguti em ação). Com base nos princípios e na teoria educacional do fundador da *Soka Gakkai*, Tsunessaburo Makiguti, a Coordenadoria Educacional da BSGI, criou o Projeto “Makiguti em ação” com o intuito de desenvolver a educação humanística proposta por Makiguti, integrando as disciplinas às práticas de criação de valor pessoal e até profissional. O projeto abrange 192 escolas públicas dos estados de São Paulo, Paraná, Bahia e Pará e conta com aproximadamente mil colaboradores voluntários que trabalham com professores e pais oferecendo-lhes diversas oficinas de artesanato de material reciclável e, também palestras sobre diversos temas (TERCEIRA CIVILIZAÇÃO, 2004, p. 14). Há diversos relatos de educadores dessas escolas sobre o benefício desse projeto para a sociedade, assim como inúmeras escolas que gostariam de implantá-lo e aguardam a disponibilidade dos voluntários que não são em quantidade suficiente para atender toda a demanda. Quando diz que os projetos educacionais da

²⁶ Jornal Brasil Seikyo, 09/04/2011, Edição 2078, p. A14.

BSGI beneficiam apenas um número pequeno de associados e, por isso, não se trata de uma ONG no âmbito social, Bornholdt (2009) parece desconhecer a abrangência desse projeto de voluntários.

Dando continuidade ao processo, somam-se as ações sociais dos voluntários e aos materiais traduzidos e disponibilizados pelo departamento de relações públicas da BSGI os livros traduzidos e publicados para que os políticos e cidadãos saibam o que é essa organização cujos associados residem em determinada localidade. Assim, amplia-se tanto o capital simbólico quanto o capital social. Consequentemente, amplia-se a rede de relações sociais da SGI, representada por seu presidente. Ao ser homenageado, Ikeda não somente é reconhecido por suas iniciativas, mas também mobiliza relações com diversos agentes, compartilhando pontos de vista e influenciando modos de pensar, dentro e fora da organização.

3.4 Tradução, Trabalho Voluntário e Transformação

Em uma das entrevistas consta que “a SGI é uma ONG que visa à concretização da paz mundial por meio de uma revolução humana, que é as pessoas se pensarem como *agentes de mudanças*”. Portanto, a premissa de que todo ser humano é uma peça ativa na engrenagem da sociedade parece ser um discurso compartilhado entre associados e associação.

O termo “*agentes de mudança*” remete-nos a outra base de suma importância para a presente pesquisa: a teoria de *actor-network* de Bruno Latour (2005).

Primeiramente, faz-se necessário distinguir o social no sentido de “relações sociais” de “em associação”. De acordo com a teoria de *actor-network*, social refere-se as formas de associação considerando seu processo e consequências. O termo designa

“movimento”, “deslocamento”, “transformação”, “tradução” (LATOUR, 2005, p. 65). O sociólogo, filósofo e antropólogo francês Bruno Latour abrange a ciência e a tecnologia para desenvolver a teoria de *actor-network*, a qual consideramos pertinente aos estudos da tradução, contribuindo para o entendimento das atividades desenvolvidas pelos tradutores voluntários do presente estudo, assim como suas consequências.

Para início de análise, Latour considera de suma importância estabelecer uma distinção entre *intermediários* e *mediadores*. Ele explica que um *intermediário* é aquele que apenas transporta significados sem mudança ou transformação, ao passo que um *mediador* transforma, traduz e modifica o significado ou os elementos envolvidos no processo (*Idem*, 2005, p. 39). É importante acrescentar que a interação social é formada por humanos e não-humanos, ele considera também todos os artefatos relacionados no espaço social, ao contrário de Bourdieu que circunscreve as interações sociais aos seres humanos. Podem-se considerar artefatos alguns dos muitos dos facilitadores tecnológicos que contamos atualmente para nos auxiliar na tradução. O próprio termo *network*, já incorporado à língua portuguesa, segundo o dicionário Houaiss, refere-se a uma “rede de computadores ligados entre si por meio de equipamentos ou cabos de telecomunicação. ‘Net’ significa rede, entrelaçamento e ‘work’ é o esforço aplicado na produção de algo”. Atualmente, *network* é um termo corriqueiramente utilizado para designar uma rede de relacionamentos humanos, mas conforme a origem tecnológica do termo, Latour considera também todos os artefatos relacionados no espaço social. Desse modo, podemos concluir que um tradutor pode ser um simples *intermediário*, apenas traduzindo significados sem nenhum tipo de envolvimento com o seu conteúdo, com o autor ou o público-alvo, ou um *mediador*, participando ativamente do contexto no qual está inserido.

Interessante notar que mesmo fazendo uso do termo “*tradução*” no sentido figurado para explicar fenômenos sociológicos, podemos relacionar a teoria de Latour de modo muito plausível a nossa análise, contribuindo notoriamente para os estudos da tradução. Latour contrapõe os termos “*tradução*” e “*transporte*” para explicar a origem da teoria de *actor-network* ou, como ele define como a forma mais apropriada ‘*a sociologia da tradução*’. Segundo ele, a *tradução* implica em “uma relação que não transporta apenas causalidade, mas leva dois mediadores a coexistirem”. Para enfatizar o conceito, remete-se a etimologia da palavra *socius* que designa ‘alguém que segue outra pessoa’, um ‘seguidor’, um ‘associado’ (*Idem, Ibid.*, p. 108). Se, por um lado, essa teoria confirma a hipótese de Simeoni de que o tradutor é sempre subserviente ao autor na tradução literária (SIMEONI, 1998), por outro, no caso do grupo de voluntárias, seguir os direcionamentos da hierarquia e cumprir sua “missão” torna-se uma fonte de orgulho, gratificação e desenvolvimento.

Levando-se em conta a teoria de *actor-network*, o trabalho voluntário de tradução do grupo da BSGI torna-se viável somente devido aos artefatos de que dispõem, tais como computadores, Internet, recursos materiais, as próprias publicações e as relações humanas em torno das pessoas dispostas a dedicar parte de seu tempo para o treinamento desses voluntários.

Latour afirma que um bom exemplo prático da teoria de *actor-network* é um empreendimento no qual todos os atores participam ativamente e estão envolvidos de alguma forma.

Hélène Buzelin foi uma das pioneiras a aplicar a teoria de *actor-network* à tradução. Ela argumenta que as proposições de Bourdieu podem ser complementadas com a teoria de *actor-network* de Latour prestando uma significativa contribuição aos estudos tradutórios e afirma que tal embasamento teórico aborda os agentes envolvidos

no processo o por meio de diversos mediadores que podem formar alianças e lutar por aspirações, desenvolvendo estratégias e negociando regras. Desse modo, os tradutores assumem uma posição mais proativa no campo da tradução, provocando transformações e influenciando o mercado editorial (BUZELIN, 2005, pp. 193-218). No estudo realizado em Québec com editoras independentes, Buzelin desenvolve uma pesquisa etnográfica para “acompanhar os atores” nos termos de Latour, identificando o papel de cada um no processo, incluindo tradutores, diretores, vendedores, etc. Buzelin cita o caso de uma editora na qual o trabalho dos tradutores era realizado em parceria; um deles preparava a primeira tradução que era submetida à revisão bilíngue por outra pessoa. A revisão retornava ao primeiro tradutor que discutia algumas alterações e fazia as devidas correções. Ao final, ambos reliam a terceira versão e, o autor era contatado para solucionar possíveis incongruências. Embora esse processo tenha sofrido alterações com o tempo com o intuito de torná-lo mais eficiente, os diferentes atores participantes nesse processo em suas distintas áreas profissionais consideravam-se *artesãos*. Buzelin conclui que o resultado desse trabalho reflete mais as relações sociais e demandas impostas pelos agentes que atuam no processo que implicações cognitivas dos tradutores (*Idem*, 2006, pp. 135-171).

As “traduções coletivas” da pesquisa de Buzelin assemelham-se à ideia de “tradução de fábrica” de Milton, citado anteriormente. Ambas visam à redução dos prazos em consequência da participação de mais pessoas no processo. No entanto, os agentes entrevistados por Buzelin apresentaram mais similaridades com o grupo de tradutores voluntários da BSGI. Primeiramente, o trabalho realizado em parceria, no qual é feita uma primeira tradução, que é submetida à revisão e retorna com os comentários. Se por um lado, esse trabalho em série demanda mais tempo, por outro, possibilita maior contato dos agentes envolvidos com o texto, mais interação entre o

grupo que desenvolve mais estratégias de negociação e, conseqüentemente, desenvolvimento inter e intrapessoal. O trabalho artesanal de “transformar” o original em um texto compreensível no contexto da língua de chegada e “lapidar” o conteúdo por meio da revisão, agrega também diferentes modos de pensar e escrever. A maior diferença entre essas traduções em série reside no fato de que, na BSGI, o intuito é o treinamento e a inferência de técnicas de tradução, além do aprimoramento da habilidade de trabalhar em equipe. Desse modo, refletem as disposições dos agentes e, concomitantemente, provocam mudanças em seu ambiente. Segundo Bourdieu, pode-se dizer que o *habitus* primário influencia o *habitus* secundário dos participantes. Assim, consolida-se o processo tradutório como uma “transformação”, empregando o termo de Latour, sendo essa em um nível que ultrapassa o léxico, mas abrange e atinge todos aqueles que o integram. Latour (*Ibidem*, p. 62) argumenta que para a sociologia do social acredita que alguns tipos de agências como pessoas, intenção, sentimento, interação real, incorporam vida, enriquecem e humanizam. Portanto, o trabalho dos tradutores voluntários da BSGI possui uma riqueza simbólica que extrapola o texto e torna a tradução um processo de desenvolvimento sociocultural. De acordo com a teoria de *actor-network*, um bom texto é um parâmetro de avaliação no qual se podem dimensionar quantos atores o escritor consegue mobilizar como *mediadores* e em qual medida consegue atingir o social (*Ibidem*, p. 62). Portanto, os textos traduzidos pelos voluntários podem ser avaliados pela dimensão que alcançam e a transformação que provocam na sociedade. Se considerarmos os países nos quais a SGI está presente, o número de associados e as homenagens prestadas, podemos afirmar que as traduções, sobretudo da revista SGI Quarterly, preenchem os requisitos necessários para serem consideradas um bom texto, uma vez que cumprem sua função social.

3.5 A formação do *habitus* do tradutor no trabalho voluntário

Simeoni inovou os estudos da tradução ao incorporar a sociologia de Bourdieu, questionando o modo como se adquire o *habitus* tradutório em termos práticos (SIMEONI, 1998, p.15). No decorrer dos seis anos de análise do grupo de tradutores da BSGI, utilizamos a indagação de Simeoni no sentido de identificar as características formadoras de seu *habitus* e sua trajetória no desenvolvimento do *habitus* de um tradutor no trabalho voluntário. Após a indicação para participar do projeto, a voluntária é incumbida de fazer uma tradução sem nenhum direcionamento. Após essa tradução teste, ela recebe o texto revisado e comentado com alguns direcionamentos e padronizações compilados pela responsável do grupo como resultado das revisões e reuniões. Geralmente, mesmo tendo acesso às publicações os detalhes não são facilmente percebidos pela novata nessa primeira tradução. É importante lembrar que, mesmo sendo leiga em técnicas de tradução, essa novata foi nomeada por compartilhar as mesmas disposições de *habitus* das demais e ao ingressar paga um preço que consiste no conhecimento e reconhecimento da regras do “jogo” e dos princípios práticos de seu funcionamento. Cada movimento contém toda a história construída por seus agentes (BOURDIEU, 2003, p. 122). Conhecer, aceitar e adequar-se às normas e as posições de cada “jogador” (a hierarquia) são condições *sine qua non* para o ingresso no campo da tradução como trabalho voluntário da BSGI. A partir do momento em que se firma esse acordo, começa o trabalho e o processo de desenvolvimento do *habitus* tradutório. Quando traduzem pela primeira vez, as voluntárias baseiam-se em uma opinião subjetiva sobre o que é uma tradução, mesmo sem nenhuma técnica ou estudo formal.

Na interação com os demais agentes, elas começam a desenvolver ou modificar esse conceito sobre o que é uma tradução. No início da pesquisa, o jornalista

responsável da editora e coordenador geral, na ocasião, definiu o que seria uma boa tradução e, conseqüentemente, o que se esperava das voluntárias:

R.T.: Eu acho que ela [a tradução] tem que ser livre e solta. A gente ainda tem muito o hábito de tentar traduzir mecanicamente ou tentar traduzir as coisas ao pé da letra. A gente lê, encontra um referencial mais próximo e traduz para o português com esse referencial mais próximo e muitas vezes a gente não consegue dar uma paradinha e pensar numa palavra que fique melhor em português. Esse é um trabalho até um pouco mais cansativo porque necessita um pouco mais de repertório, um pouco mais de conhecimento do que o texto trata, do assunto do texto [...]. Precisa pesquisa também e precisa desse repertório com relação as palavras. Você não pode usar sempre as mesmas palavras em todas as situações. É importante você não repetir muito, tentar variar.²⁷

Após traduzir continuamente e receber seus textos revisados, as voluntárias adquiriram novas concepções sobre o que é traduzir, reafirmando seu papel nesse campo.

Quais os aspectos mais importantes para realizar uma boa tradução, considerando os aspectos textuais, prazos, leitor, normas, etc?

G.B. - 1. Comprometimento;

2. Leitura e interpretação; tradução; releitura;

3. Interpretação voltada ao idioma final (no caso, o português);

4. Ferramentas adequadas voltadas à tradução;

5. Orientação da revisora e coordenadora do grupo, principalmente para padronizar termos;

6. Ler o texto publicado e outras publicações da editora para se familiarizar dos termos a serem usados nas traduções.

A.T. - O mais importante, na minha opinião, é o tempo disponível para fazer uma boa tradução e em segundo lugar o conhecimento do vocabulário da língua de chegada.

A.O. - Buscar ter um prévio conhecimento do assunto, tempo para ler, reler, revisar em dias diferentes para que não haja vício no texto, ter uma boa redação, pensar como leitor, etc.

²⁷ Excerto de entrevista gravada em áudio.

C.V. - Tempo, dedicação, pesquisa e revisão do texto traduzido.
C.A.- Conseguir captar exatamente o que o escritor quis dizer e fazer isso na língua que você está traduzindo.
L.G. - Ler muito e de tudo um pouco; ter prazos razoáveis; ter curiosidade para pesquisar até encontrar os melhores termos para o contexto.
L.B. - Pesquisar se o termo possui sinônimos para que soe melhor no contexto, fazer pesquisas quando necessário, verificar se há coesão, procurar usar palavras que as pessoas entendam e entregar no prazo estipulado para que não haja atraso na revisão.
T.B. - Acredito que é transmitir a idéia do texto, o sentimento que este deve passar a quem estiver lendo.

Quadro 5 – Como os voluntários definem uma tradução

Utilizando a terminologia de Bourdieu, podemos situar esse processo evolutivo de formação de um *habitus* tradutório denominando-o *conhecimento prático*. Bourdieu afirma que o espaço social pode ser compreendido sob três abordagens teóricas distintas: o conhecimento *fenomenológico*, o conhecimento *objetivo* e o conhecimento *prático*. O conhecimento *fenomenológico* prioriza a percepção do mundo social com base na experiência do indivíduo e seu conhecimento primário, ou seja, sua familiaridade com o ambiente que o cerca. O conhecimento *objetivo* “constrói as relações objetivas (como a economia ou a linguística) que estruturam as práticas e as representações práticas”. O autor critica ambas as abordagens, argumentando que se opõem ao conhecimento *prático*. “O conhecimento que podemos chamar de *prático* tem como objeto não somente o sistema das relações objetivas que o modo de conhecimento *objetivo* constrói, mas também as relações dialéticas entre essas estruturas e as disposições estruturadas nas quais elas se atualizam e que tendem a reproduzi-las, isto é, o duplo processo de interiorização da exterioridade e de exteriorização da interioridade” (BOURDIEU, 2002, p.3). Em particular, Bourdieu critica a ingenuidade do modo de conhecimento *objetivo* por desconsiderar a consciência e os desejos do sujeito. O

conhecimento *prático*, por sua vez, valoriza o reconhecimento e a adequação às práticas e às expectativas dos outros agentes. Funciona como um mecanismo auto-regulador capaz de redefinir uma trajetória de acordo com o efeito que determinada informação produz no “público-alvo” (*Idem*, p. 10). Estabelecendo uma analogia com as reflexões sobre os dados levantados em nossa pesquisa, reconfirmamos que o *habitus* tradutório no trabalho voluntário é construído por meio da praxiologia, ou conhecimento *prático*, segundo a nomenclatura de Bourdieu. Essa construção advém da posição presente e passada do agente no espaço social. O conhecimento *prático* manifestado pelo agente não pode ser reduzido à visão simplista de uma mera consequência de suas relações interpessoais, mas deve ser analisado sob o ponto de vista da visão dialética entre as disposições (*habitus* primário e secundário) juntamente com a conjuntura que o leva a uma ação coletiva (*Idem, Ibidem*).

O estudo do caso dos tradutores voluntários da BSGI apresenta evidências de que o conhecimento *prático* transporta um conjunto de disposições, interesses, conceitos e preconceitos que constituem a história do agente, ou segundo Bourdieu, seu *habitus*. Desse modo, esses agentes incorporam novas conceitos, regras e postura diante do trabalho que realizam à medida que exteriorizam suas próprias disposições, formando uma conjuntura favorável ao desenvolvimento do trabalho voluntário. No decorrer de sua interação com outros agentes, diante do reconhecimento (ou não), pode haver uma permanência no grupo ou mudança de sua posição no espaço social.

3.6 Novas regras do jogo social

Em abril de 2010, houve uma reformulação no projeto da revista SGI Quarterly. Foi contratada uma empresa de consultoria no Japão, onde a matriz da revista é

publicada em inglês e, após um estudo, constatou-se que o formato da revista era muito oriental e como a revista é distribuída mundialmente, seria aconselhável torná-la mais “ocidental”. Paralelamente, o jornalista responsável e tradutor que coordenava esse projeto afastou-se da editora. Com o seu afastamento responsável de relações públicas da BSGI passou a coordenar o projeto. Embora não fosse tradutora, sua função seria organizar todos os voluntários envolvidos na publicação da revista desde a recepção do material, tradução, revisão, diagramação e expedição com o intuito de cumprir o cronograma dentro do prazo e evitar atrasos. Na reunião realizada nessa ocasião com os coordenadores de cada etapa, a qual foi gravada para obtenção dos dados dessa pesquisa, não houve muitas explicações sobre a alteração na hierarquia nem sobre o motivo pelo qual o jornalista responsável da editora não estava mais no quadro de funcionários. Entretanto, foi explicado que os atrasos eram recorrentes e, por isso, algumas edições da revista não foram publicadas no Brasil culminando com uma ameaça de veto do direito de tradução e publicação. Com o novo direcionamento e nova liderança, o formato da versão brasileira foi igualmente alterado e ambas adquiriram uma versão mais “ocidental” priorizando o público-alvo da revista, ou seja, o espaço social na qual a revista é publicada encerra o fator determinante para a reestruturação do trabalho e as tomadas de decisões dos tradutores. Nessa reunião, da qual participaram os responsáveis pela tradução, revisão, diagramação e expedição, foram negociadas novas normas para as traduções com o intuito de fazer cumprir o cronograma, facilitar o trabalho de revisão e adequar-se ao novo formato. Novos tradutores voluntários de outro grupo da organização foram incorporados àquele analisado nessa pesquisa, ampliando também a rede de relações, a troca de capital social e de capital cultural. Sutilmente, percebe-se a influência da hierarquia no cumprimento dos prazos, nas decisões tradutórias, na negociação das regras e no layout da tradução. Considerando o grupo

analisado como agentes que atuam em um determinado espaço social, delineia-se um novo campo: o campo de tradutores voluntários. Segundo Bourdieu, o campo é um espaço de produção cultural. Assim, diferentes formas de trabalho criam diferentes campos. Além disso, todo campo é permeado por um conjunto de interesses específicos (*illusio*), articulados por diferentes formas de investimentos, sejam eles econômicos, psicológicos, de tempo ou de trabalho (BOURDIEU, 1990). E, sob a ótica do acúmulo de capital, seja ele cultural, simbólico, social ou econômico, o campo é também um espaço de competição. O caso estudado permite-nos inferir que há uma luta interna nesse campo. Essa luta de poder inconsciente está na mudança da hierarquia para solucionar problemas de atrasos, na seleção de novos integrantes e de coordenadores e na manutenção de suas posições. É importante ressaltar que só integram o grupo, pessoas indicadas e selecionadas de acordo com critérios convergentes com o conjunto de disposições do grupo (o *habitus*) e com a ideologia da organização. A posição que assumem dentro do grupo e sua atuação indicam o senso prático ou o “sentido do jogo”, outro conceito de Bourdieu (*Idem*, 1990). Bourdieu argumenta que o jogo social caracteriza-se pela regularidade e que a experiência de cada agente (ou metaforicamente, de cada jogador) determina suas ações de forma inconsciente. Afirma ainda que, embora não seja a regra, esse “sentido do jogo” determina a manutenção das posições no espaço social. Desse modo, as decisões geralmente serão determinadas pelos mesmos agentes que assumem posição de liderança no grupo, assim como o ingresso de novos integrantes conforme demonstra o estudo realizado entre os anos 2005 e 2010. Consequentemente, a linguagem utilizada, o vocabulário e as modalizações dos tradutores tendem a manter-se inalterados, uma vez que essas refletem sua formação sociocultural.

Enquanto Bourdieu prioriza o agente e sua posição no espaço social, Latour considera todos os artefatos, incluindo-se os não humanos, como fatores relevantes para a formação de uma rede. Latour afirma que uma rede é composta por “qualquer *substância* que, no primeiro momento pareça auto-suficiente e transforma-se em algo que necessita subsistir em meio a uma complexa ecologia de tributários, aliados, cúmplices e ajudantes” (LATOUR, 2010, p. 4). Para analisar os fatores que determinaram essa mudança na hierarquia e o novo direcionamento para a publicação da SGI Quarterly, faz-se necessária a abrangência do repertório teórico de Latour, pois há “substâncias” fundamentais nesse processo além dos seres humanos envolvidos. Uma das principais causas para o descumprimento do cronograma de publicação da revista discutidas na reunião mencionada foi “atraso [...] de algumas frentes e uma delas era da parte de diagramação, porque o material era enviado fragmentado. Primeiro eram enviados arquivos em CDs, depois as revistas”. Havia fotos ou arquivos que não podiam ser abertos devido a programas incompatíveis. Diante de todos esses obstáculos, a nova coordenadora do projeto disse que explicaram para a cúpula da revista no Japão o que era o ideal. Solicitaram, sobretudo, que o material fosse enviado de uma só vez para facilitar a divisão de tarefas aqui. Para estabelecer essa comunicação também faz-se uso da tradução. Uma tradutora do par português-inglês da Editora Brasil Seikyo foi designada para estabelecer esse contato por e-mail com a coordenadora do projeto na Editora Seikyo Shimbun, no Japão. Essa pessoa, falante nativa de língua japonesa, comunica-se em língua inglesa, idioma de publicação da revista. Todas as negociações, decisões das respectivas editoras e direcionamentos são determinados a partir desse contato.

Esse caso encerra algumas premissas para o trabalho voluntário de tradução na BSGI. Primeiramente, a produção em série, incluindo-se as negociações, a seleção de

tradutores, as atribuições, a revisão e a tradução propriamente dita, está diretamente relacionada às posições de poder delimitadas pela hierarquia. Não se trata de uma contribuição livre, mas passível de normas. Concomitantemente, as regras e decisões decorrem de um acordo no qual é considerado principalmente o propósito e o objetivo da editora, refletindo os interesses da organização. Tais interesses retomam as estratégias de consagração discutidas por Setton (2004, 137) recorrentes nas associações de voluntários que fazem uso da “filantropia” ou do “servir” como “instrumento de troca e de aquisição de capital social e capital simbólico”.

Conclusão

O projeto de trabalho voluntário de tradução da BSGI oferece diversos elementos passíveis de análise. Primeiramente, trata-se de um projeto coordenado por uma editora inserida no âmbito de uma associação internacional e religiosa. Nesse sentido, recorreremos a uma série de teorias em diversas áreas do conhecimento para realizar essa pesquisa, na tentativa de abranger esse contexto, entendendo que podem prestar uma contribuição significativa aos estudos da tradução.

A legislação vigente e bibliografia consultada permitiram-nos compreender a inserção do trabalho voluntário na sociedade contemporânea como nova forma de acúmulo de capital, ou lucro simbólico.

A sociologia, em especial, proporcionou respaldo para estruturar a análise do trabalho voluntário dos tradutores da BSGI e reconfirmar nossa hipótese.

De acordo com os termos de Bourdieu, o *capital cultural* (conhecimento) pode ser convertido em *capital simbólico* (prestígio) e em *capital social* (relações interpessoais) que, eventualmente, pode ser reconvertido em *capital econômico* (trabalho remunerado).

O engajamento em um trabalho voluntário de tradução está intrinsecamente relacionado às disposições de *habitus* formadas desde a tenra infância. Assim, os valores, os gostos, o nível de escolaridade e outras formas de conhecimento somarão o *capital cultural* desse tradutor e sua opção por ingressar no voluntariado. Além disso, o reconhecimento, o prestígio e a experiência decorrentes dessa prática asseguram sua satisfação e permanência como voluntário. Há, portanto, o benefício da troca. Sutilmente, o trabalho voluntário do tradutor é mantido pelo que Bourdieu denomina *illusio*, ou seja, o interesse circunscrito à prática. A *illusio*, inconscientemente, permeia

as relações sociais. Os favores e as oportunidades são intercambiados proporcionando lucros para todas as partes envolvidas no processo. Por outro lado, há críticas e limitações ao trabalho voluntário dos tradutores e há tantos casos bem-sucedidos como mal-sucedidos, conforme citados. Em todos os casos, no entanto, trata-se de uma prática mediada e controlada por outros agentes responsáveis pela coordenação e revisão das traduções.

Nesse sentido, a teoria de *actor-network* de Latour abrange todos os participantes do projeto, incluindo em nosso estudo os tradutores voluntários, a associação BSGI, as ferramentas utilizadas na tradução, as publicações e o público-alvo.

O atual cenário mundial de globalização e a consciência de responsabilidade social no Brasil são propícios ao engajamento de mais tradutores voluntários nas mais diversos segmentos de atuação, favorecendo novas possibilidades de relações interpessoais e aprendizagem. Uma vez que o campo de trabalho voluntário de tradução é recente e pouco explorado no Brasil, esperamos que o tema seja abordado em futuras pesquisas com o objetivo de contribuir para os estudos da tradução.

Referências

ASSOCIAÇÃO Brasil SGI. 2008. Atualizado em jul. 2008. Disponível em: <<http://www.bsgi.org.br/sgi.htm>>. Acesso em 20 jul. 2008.

ATHAYDE, Austregésilo; IKEDA, Daisaku. *Diálogo: direitos humanos no século XXI*. Masato Ninomiya, trad. Rio de Janeiro: Record, 2000.

-. *Biografia: Academia Brasileira de Letras*. [30 de abril de 2011] Disponível em: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=305&sid=137>.

BAKER, Mona. *Translation and conflict : a narrative account*. New York: Routledge, 2006a.

-. *Translation and Activism: Emerging Patterns of Narrative Community*. In The Massachusetts Review, Vol. 47, No. 3, 2006b.

-. *Ethics of Renarration: Mona Baker Is Interviewed by Andrew Chesterman*, Cultus 1(1): 10-33, 2008.

BENEDICT, Ruth. *O crisântemo e a espada: padrões da cultura japonesa*. 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

BORNHOLDT, Suzana C. *Soka Gakkai: Buddhism and Strategies of Recruitment in South Brazil*. Revista de Estudos da Religião – Rever. PUC, São Paulo: dezembro 2007 pp. 80-94.

-. ONG ou Religião? O caso da Soka Gakkai... Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião, Porto Alegre, ano 11, n. 11, p. 181-198, setembro de 2009.

BOURDIEU, Pierre. *A distinção – critica social do julgamento*. São Paulo: EDUSP/Zouk, 2007. p. 240-370.

-. A economia das trocas linguísticas. In Coleção Grandes Cientistas Sociais (org. Renato Ortiz). São Paulo: Ática, 1983. p.156-183.

-. A economia dos bens simbólicos. In *Razões Práticas – sobre a teoria da ação*. Campinas, Ed. Papirus, 1996. p.163-200.

-. *O capital social – notas provisórias*. In *Escritos de Educação*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1998.

-. *Coisas Ditas*. São Paulo. Ed. Brasiliense, 1990.

-. *Les conditions sociales de production de concepts*, in Centre de recherches de l'éducation spécialisée et de l'adaptation scolaire (ed) *Le handicap socio-culturel en question*, Paris : ESF-Editions, 135, 22:49-126, 1976. In: MEYLAERTS, Reine. *Sociology and Interculturality*. in *The Translator*, Vol.11, Number 2, 2005, p. 277-283.

-. *Le marché des biens symboliques*, *L'Année sociologique*, 22:49-126, 1971. In: GOUANVIC, Jean-Marc. A Bourdieusian Theory of Translation, or the Coincidence of Practical Instances, in *The Translator*, Vol. 11, No. 2, 2005, pp. 147-166.

-. *O poder simbólico*. Lisboa, Ed. Difel, Bertrand, 1989.

-. *Outline of a theory of practice*. 17^a ed. Cambridge University Press, 2003a.

-. *Questões de Sociologia*. Trad. Miguel Serras Pereira. 6^a ed. Lisboa: Fim de Século, 2003b.

-. *The Rules of Art: Genesis and Structure of the Literary Field*, 22:49-126, 1995. In: GOUANVIC, Jean-Marc. A Bourdieusian Theory of Translation, or the Coincidence of Practical Instances, in *The Translator*, Vol. 11, No. 2, 2005, pp. 147-166.

BUZELIN, Hélène. *Unexpected Allies: How Latour's Network Theory Could Complement Bourdieusian Analyses in Translation Studies*, in *The Translator*, Vol.11, Number 2, 2005, p. 193-218.

-. “*The Independent Publisher in the Networks of Translation*”, in TTR: traduction, terminologie, rédaction, Vol. 19, Number 1, 1 semester 2006.

CLARKE, Peter. *As Novas Religiões Japonesas e suas Estratégias de Adaptação no Brasil*. Revista de Estudos da Religião – Rever. PUC, São Paulo: junho 2008, pp. 22-45. Disponível em: <www.pucsp.br/rever/rv2_2008/t_clarke.pdf>.

COLERIDGE, Maurice-Edgar. *Biographia literária*, edited with his Aesthetical essays by J. Shawcross, Oxford: The Clarendon Press, 1907, in GOUANVIC, Jean-Marc. *A Bourdieusian Theory of Translation, or the Coincidence of Practical Instances*. in *The Translator*, Vol.11, Number 2, 2005, p. 147-166.

CUNHA, Márcia Pereira. Os andaimes do novo voluntariado. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação do Departamento de Sociologia, USP, São Paulo, 2005.

DESLILE, J.; WOODSWORTH, J. (Ed.). *Translators through history*. Amsterdam: John Benjamins, 1995.

EBRAHIM, Alnoor. *NGOs and Organizational Change: Discourse, Reporting, and Learning*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

FERREIRA, Marisa et al. As motivações no trabalho voluntário. Revista brasileira e portuguesa de gestão. Lisboa: Julho / setembro 2008. [20 de agosto de 2010] Disponível em: <<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/rpbg/v7n3/v7n3a06.pdf>>

FOCAULT, Michael. Nietzsche, Genealogy, History. In *The Foucault Reader*, ed. P. Rabinow, 76-100. New York: Pantheon, 1984.

GOUANVIC, Jean-Marc. *A Bourdieusian Theory of Translation, or the Coincidence of Practical Instances*. in *The Translator*, Vol.11, Number 2, 2005, p. 147-166.

IKEDA, Daisaku. *Biografia. Prefeitura de Cambé – Paraná*. [10 de dezembro de 2010] Disponível em:

<http://www.cambe.pr.gov.br/site/estruturamunicipal/educacao/centroseducinfantil/drdaaisaku/174-biografia-dr-daisaku-ikeda.html>

-. *Discurso do Presidente da SGI: Jovens, liderem sempre o caminho para a vitória!*. Jornal Brasil Seikyo, 01/02/2003, Edição 1686, p. A3.

-. *Ensaio: A ativa tradição da Universidade de Havana*. Jornal Brasil Seikyo, 02/05/2009, Edição 1985, p. A3.

-. *Mensagem: Formando uma ponte dourada de educação*. Jornal Brasil Seikyo, 07/06/2008, Edição 1942, p. A3.

-. *Nova Revolução Humana*. Jornal Brasil Seikyo, 24/11/2007, Edição 1917, p. A11.
IKEDA, Daisaku. *Nova Revolução Humana*. São Paulo: Editora Brasil Seikyo, 1994.
Vol. 1.

-. *Proposta de Paz 2010: Novos Valores para uma Nova Era*. Trad. Elizabeth Miyashiro. São Paulo: Brasil Seikyo, 2010.

KOSKINEN, Kaisa. *Translating Institutions: An Ethnographic Study of EU Translation*. Manchester, UK: St. Jerome, 2008.

LATOUR, Bruno. *Reassembling the Social: An Introduction to Actor-Network Theory*. Oxford: Oxford University Press, 2005.

- “*Networks, Societies, Spheres: Reflections on an actor-network Theorist*.” To be published in International Journal of Communication special issue edited by Manuel Castells, 2010. Disponível em: <<http://www.bruno-latour.fr>>. Acesso em: 15 julho 2011.

MAUSS, Marcel. “*Ensaio sobre a Dádiva*”. In: Sociologia e Antropologia. São Paulo: EPU, 1974.

MEYLAERTS, Reine. *Sociology and Interculturality*. in *The Translator*, Vol.11, Number 2, 2005, p. 277-283.

MICELI, Sérgio (Org). *A economia das trocas simbólicas*. 6ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

MILTON, John. *O Clube do Livro e a Tradução*. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

-.; and Paul Bandia (Ed.). *Agents of Translation*. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 2008.

NOGUEIRA, Maria Alice e Afrânio Catani (orgs). *Escritos de Educação*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1998.

PAGURA, Reynaldo José. A interpretação de conferências no Brasil: história de sua prática profissional e a formação de intérpretes brasileiros. Tese de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação do Departamento de Letras Modernas, USP, São Paulo, 2010.

PYM, Anthony, Miriam Shlesinger and Zuzana Jettmarová (eds.). *Sociocultural Aspects of Translating and Interpreting*. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 2006.

REZENDE, Tomáz de Aquino. Terceiro setor, ONGs e institutos. Fundata. [7 de julho de 2010]. Disponível em: <<http://www.fundata.org.br/Artigos%20-%20Cefeis/12%20-%20TERCEIRO%20SETOR,%20ongs.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2011.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. *Rotary Club: Habitus, Estilo de Vida e Sociabilidade*. São Paulo: Annablume, 2004.

SGI Quarterly. 2007. Atualizado em set. 2007. Disponível em: <http://www.bsgi.org.br/publicacoes_quarterly.htm>. Acesso em: 25 jul. 2008.

SGI Quarterly Magazine. 2008. Atualizado em jul. 2008. Disponível em: <<http://www.sgiquarterly.org>>. Acesso em: 25 jul. 2008.

SIMEONI, Daniel. “The Pivotal Status of the Translator’s Habitus”, in *Target*, Vol. 10, No. 1, 1998, p. 1-39.

TERCEIRA CIVILIZAÇÃO. Especial. Novembro 2004. Edição 435, p. 14. São Paulo: Editora Brasil Seikyo, 2004.

TERCEIRA CIVILIZAÇÃO. Especial. Novembro 2005. Edição 446, p. 12-31. São Paulo: Editora Brasil Seikyo, 2005.

TERCEIRA CIVILIZAÇÃO. Especial. Novembro 2008. Edição 483, p. 5. São Paulo: Editora Brasil Seikyo, 2008.

THE INDEPENDENT SECTOR . *United Nation Volunteers, Measuring volunteering: a practical toolkit, a joint project of independent sector and United Nations volunteers.* In A. Dingle (Ed.), Bonn: Independent Sector, 2001.

TOURY, Gideon. “*The Nature and Role of Norms in Translation*”, in *Descriptive Translation Studies and Beyond*. Amsterdam-Philadelphia: John Benjamins, 1995, pp. 198-211.

TOYNBEE, Arnold; IKEDA, Daisaku. *Escolha a Vida*, 3ª edição. Ruy Jungman, trad. Rio de Janeiro: Record, 1976, p. 253.

VENUTI, Laurence. *Escândalos da tradução*. São Paulo: EDUSC, 2002.

WOLF, Michaela; FUKARI, Alexandra (Ed.). *Constructing a Sociology of Translation*. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 2007.

Apêndice A — Questionário aplicado aos tradutores: motivações

1. Nome: Amanda Yukari Takahashi Data: 25/06/2009

1. Sexo: ☒ (X) feminino ☐ () masculino
2. Faixa etária: ☒ (X) 20-29 ☐ () 30-39 ☐ () 40-49 ☐ () mais de 50
3. Escolaridade: ☐ () Superior completo na área de tradução
☐ () Superior completo em outra área
☐ () Superior incompleto na área de tradução
☒ (X) Superior incompleto em outra área
☐ () Ensino Médio
4. Tempo de experiência como tradutor profissional: ☐ (0) anos
5. Tempo de experiência como tradutor voluntário: ☐ (1) anos
6. Profissão em que atua neste momento: Assistente de Sustentabilidade em uma empresa
7. Idiomas de tradução: ☒ (X) inglês ☐ () espanhol ☐ () japonês ☐ () francês
8. Estado Civil: ☐ () casado(a)
☒ (X) solteiro (a)
☐ () divorciado(a)
9. Filhos: ☐ () sim Quantos? _____ ☒ (X) não
10. Caso tenha filhos, qual é a faixa etária:
☐ () menos de 3 anos ☐ () 4-7 ☐ () 8-11 ☐ () 12-15 ☐ () mais de 16
11. Já viajou a outro país: ☐ () sim Qual?

☒ (X) não
12. Descreva o seu trabalho neste projeto de tradução:
Traduzo cerca de 1 lauda por semana de um capítulo de um romance com vocabulário específico da filosofia budista. Traduzo cerca de 2 laudas por trimestre de um texto para uma revista de tema variado.
13. Qual é a sua motivação para realizar esse trabalho voluntário?
Manter o contato com a língua e ajudar a disseminar as informações que inicialmente ficariam restritas ao público que fala inglês.
14. Em que sentido a tradução realizada por este grupo é relevante?
Essa tradução é publicada em meios de comunicação que atingem muitas pessoas.
15. Meu trabalho é prejudicado quando:

Não tenho muito tempo para me dedicar na tradução e existem muitos termos bastante desconhecidos por mim no texto.

16. Minhas traduções são revisadas por outro tradutor:

(X) sempre () quase sempre () às vezes () raramente () nunca

Por quê? Para melhorar a tradução antes de chegar no revisor final.

17. Os comentários sobre a tradução revisada são:

() insuficientes (X) adequados () demasiados

18. Há contato / troca de informações com:

Outros colegas tradutores:

() diariamente () semanalmente () às vezes (X) raramente () nunca

O coordenador(a) do projeto:

() diariamente () semanalmente (X) às vezes () raramente () nunca

A editora:

() diariamente () semanalmente () às vezes (X) raramente () nunca

Outros profissionais:

() diariamente () semanalmente () às vezes () raramente (X) nunca

19. Quais recursos / ferramentas / materiais utiliza para auxiliar o trabalho de tradução? Dicionário bilingue online, dicionário monolíngue inglês online, pesquisas no google, revisão do texto por outra pessoa.

20. Quais as principais fontes de pesquisa que utiliza para atualizar o seu trabalho de tradução?

() dicionários () livros () revistas (X) Internet

21. Quais os aspectos mais importantes para realizar uma boa tradução, considerando os aspectos textuais, prazos, leitor, normas, etc?

O mais importante na minha opinião é o tempo disponível para fazer uma boa tradução e em segundo lugar o conhecimento do vocabulário da língua de chegada.

2. Nome: Andréa Ozeki _____ **Data:** _____

1. Sexo: (x) feminino () masculino

2. Faixa etária: (x) 20-29 () 30-39 () 40-49 () mais de 50

3. Escolaridade: () Superior completo na área de tradução
(x) Superior completo em outra área
() Superior incompleto na área de tradução
() Superior incompleto em outra área
() Ensino Médio

4. Tempo de experiência como tradutor profissional: () anos

5. Tempo de experiência como tradutor voluntário: (2) anos

6. Profissão em que atua neste momento: _Supervisora de Ouvidoria

7. Idiomas de tradução: (x) inglês () espanhol () japonês () francês

8. Estado Civil: () casado(a)
(x) solteiro (a)
() divorciado(a)

9. Filhos: () sim Quantos? _____ (x) não

10. Caso tenha filhos, qual é a faixa etária:

() menos de 3 anos () 4-7 () 8-11 () 12-15 () mais de 16

11. Já viajou a outro país: () sim Qual?

_____ (x) não

12. Descreva o seu trabalho neste projeto de tradução:

O projeto de tradução é voluntário, onde faço traduções do inglês para o português de artigos referentes a diversos assuntos relacionados a paz, cultura e educação. Existe um trabalho semanal também de tradução que retrata a trajetória de um grande pacifista, humanista e poeta conhecido mundialmente.

13. Qual é a sua motivação para realizar esse trabalho voluntário?

Além de ser algo motivador pelo conteúdo dos artigos e do romance, tenho a consciência que sou uma ponte que possibilita milhares de pessoas a terem acesso a esse conteúdo.

14. Em que sentido a tradução realizada por este grupo é relevante?

Encaro como um aprimoramento técnico e pessoal, pois nos possibilita a contribuir para o bem das pessoas, levando informações que os incentivam a serem pessoas melhores e terem a consciência de que tudo é possível por meio da determinação e da ação.

15. Meu trabalho é prejudicado quando:

- Não reviso o texto no dia seguinte ou em outro dia;
- Não dispenso tempo suficiente para ler e reler o texto;

16. Minhas traduções são revisadas por outro tradutor:

(x) sempre () quase sempre () às vezes () raramente () nunca
Por quê?

17. Os comentários sobre a tradução revisada são:

() insuficientes (x) adequados () demasiados

18. Há contato / troca de informações com:

Outros colegas tradutores:

() diariamente () semanalmente () às vezes (x) raramente () nunca

O coordenador(a) do projeto:

() diariamente () semanalmente (x) às vezes () raramente () nunca

A editora:

() diariamente () semanalmente () às vezes (x) raramente () nunca

Outros profissionais:

() diariamente () semanalmente () às vezes (x) raramente () nunca

19. Quais recursos / ferramentas / materiais utiliza para auxiliar o trabalho de tradução?
Dicionário online, dicionário de inglês para inglês e dicionário longman online.

20. Quais as principais fontes de pesquisa que utiliza para atualizar o seu trabalho de tradução?

() dicionários () livros () revistas (x) Internet

21. Quais os aspectos mais importantes para realizar uma boa tradução, considerando os aspectos textuais, prazos, leitor, normas, etc?

Buscar ter um prévio conhecimento do assunto, tempo para ler, reler, revisar em dias diferentes para que não haja vício no texto.

3. Nome: Carla Viviane Pereira Fontes Data: 30/06/09

1. Sexo: (X) feminino () masculino

2. Faixa etária: (X) 20-29 () 30-39 () 40-49 () mais de 50

3. Escolaridade: () Superior completo na área de tradução
(X) Superior completo em outra área
() Superior incompleto na área de tradução
() Superior incompleto em outra área
() Ensino Médio

4. Tempo de experiência como tradutor profissional: () anos

5. Tempo de experiência como tradutor voluntário: (05) anos

6. Profissão em que atua neste momento: Profissional de Responsabilidade Social

7. Idiomas de tradução: (X) inglês (X) espanhol () japonês (X) francês

8. Estado Civil: () casado(a)
(X) solteiro (a)
() divorciado(a)

9. Filhos: () sim Quantos? _____ (X) não

10. Caso tenha filhos, qual é a faixa etária:

() menos de 3 anos () 4-7 () 8-11 () 12-15 () mais de 16

11. Já viajou a outro país: (X) sim Qual? Canadá, EUA, França, Inglaterra, Grécia, Itália, Portugal, Espanha e Argentina
() não

12. Descreva o seu trabalho neste projeto de tradução:
Colaboro com um grupo de tradutoras na tradução do Inglês para o Português de partes de um livro, chamado Nova Revolução Humana, que será publicado em um jornal da Associação Brasil Soka Gakkai Internacional. Além disso, presto serviços voluntários de tradução por demanda para esta mesma organização.

13. Qual é a sua motivação para realizar esse trabalho voluntário?
Interesse em contribuir pelas causas da paz, cultura e educação, baseada na filosofia humanística do Budismo de Nitiren Daishonin.

14. Em que sentido a tradução realizada por este grupo é relevante?
A tradução destes materiais são grandes insumos de incentivos, conhecimentos gerais e estímulo ao leitores.

15. Meu trabalho é prejudicado quando:
Quando tenho muitos afazeres do meu trabalho e não consigo tempo para me dedicar como gostaria.

16. Minhas traduções são revisadas por outro tradutor:
() sempre (X) quase sempre () às vezes () raramente () nunca
Por quê? Para garantir maior veracidade no conteúdo a ser transmitido.

17. Os comentários sobre a tradução revisada são:
() insuficientes (X) adequados () demasiados

18. Há contato / troca de informações com:
Outros colegas tradutores:
() diariamente (X) semanalmente () às vezes () raramente () nunca
O coordenador(a) do projeto:
() diariamente (X) semanalmente () às vezes () raramente () nunca

A editora:
() diariamente () semanalmente () às vezes () raramente (X) nunca
Outros profissionais:
() diariamente () semanalmente (X) às vezes () raramente () nunca

19. Quais recursos / ferramentas / materiais utiliza para auxiliar o trabalho de tradução?
Dicionários on-line: Word reference, google translator, answers.com; dicionário Michaelis e Oxford; edições anteriores das publicações do mesmo tema, para alinhamento da linguagem; profissionais de outras áreas quando assuntos especializados.

20. Quais as principais fontes de pesquisa que utiliza para atualizar o seu trabalho de tradução?

(X) dicionários (X) livros () revistas (X) Internet

21. Quais os aspectos mais importantes para realizar uma boa tradução, considerando os aspectos textuais, prazos, leitor, normas, etc?

Tempo, dedicação, pesquisa e revisão do texto traduzido.

4. Nome: Carolina Azevedo

Data: 22/06/09

1. Sexo: (x) feminino () masculino

2. Faixa etária: (x) 20-29 () 30-39 () 40-49 () mais de 50

3. Escolaridade: () Superior completo na área de tradução
 (x) Superior completo em outra área
 () Superior incompleto na área de tradução
 () Superior incompleto em outra área
 () Ensino Médio

4. Tempo de experiência como tradutor profissional: (0) anos

5. Tempo de experiência como tradutor voluntário: (7) anos

6. Profissão em que atua neste momento:

_____advogada_____

7. Idiomas de tradução: (x) inglês (x) espanhol () japonês () francês

8. Estado Civil: () casado(a)
 (x) solteiro (a)
 () divorciado(a)

9. Filhos: () sim Quantos? _____ (x) não

10. Caso tenha filhos, qual é a faixa etária:

() menos de 3 anos () 4-7 () 8-11 () 12-15 () mais de 16

11. Já viajou a outro país: (x) sim Qual? _EUA, Argentina_____

() não

12. Descreva o seu trabalho neste projeto de tradução:

Revisão de tradução inglês para o português_____

13. Qual é a sua motivação para realizar esse trabalho voluntário?

Gosto do idioma, gosto de fazer, estudar, praticar, altruísmo

14. Em que sentido a tradução realizada por este grupo é relevante?

Para ver como outras pessoas traduziriam o que eu estou traduzindo

15. Meu trabalho é prejudicado quando:

Perco muito tempo corrigindo todo o sentido da frase que foi totalmente distorcido pelo tradutor, no caso estou atuando como revisora.

16. Minhas traduções são revisadas por outro tradutor:

() sempre (x) quase sempre () às vezes () raramente () nunca

Por quê? _Quando estou numa equipe que existe uma pessoa mais gabaritada que eu, meu trabalho passa por uma revisão, quando eu sou a pessoa mais gabaritada para fazer, eu faço a revisão, e como não tem ninguém para revisar, tenho que mandar o trabalho assim

17. Os comentários sobre a tradução revisada são:

() insuficientes (x) adequados () demais

18. Há contato / troca de informações com:

Outros colegas tradutores:

() diariamente (x) semanalmente () às vezes () raramente () nunca

O coordenador(a) do projeto:

() diariamente (x) semanalmente () às vezes () raramente () nunca

A editora:

() diariamente () semanalmente () às vezes (x) raramente () nunca

Outros profissionais:

() diariamente (x) semanalmente () às vezes () raramente () nunca

19. Quais recursos / ferramentas / materiais utiliza para auxiliar o trabalho de tradução?

Dicionários on- line e físicos, inglês-português, português-inglês, inglês-inglês (se for inglês por exemplo), tradutor do Google (quando estou com dificuldade em enxergar qual é o significado da frase (as vezes esse recurso dá uma luz), Wikipedia e Google (para saber o significado das palavras.

20. Quais as principais fontes de pesquisa que utiliza para atualizar o seu trabalho de tradução?

(☒) dicionários () livros () revistas (☒) Internet

21. Quais os aspectos mais importantes para realizar uma boa tradução, considerando os aspectos textuais, prazos, leitor, normas, etc?

Conseguir captar exatamente o que o escritor quis dizer e fazer isso na língua que vc está

traduzindo _____

5. Nome: Gleice Bárbara Marciano___ Data: 03 de julho de 2009

1. Sexo: (☒) feminino () masculino

2. Faixa etária: () 20-29 (☒) 30-39 () 40-49 () mais de 50

3. Escolaridade: () Superior completo na área de tradução
(☒) Superior completo em outra área
() Superior incompleto na área de tradução
() Superior incompleto em outra área
() Ensino Médio

*** Pós graduada em Didática

4. Tempo de experiência como tradutor profissional: () anos

5. Tempo de experiência como tradutor voluntário: (6) anos

6. Profissão em que atua neste momento: Professora de Língua Inglesa

7. Idiomas de tradução: (☒) inglês () espanhol () japonês () francês

8. Estado Civil: () casado(a)
(☒) solteiro (a)
() divorciado(a)

9. Filhos: () sim Quantos? _____ (☒) não

10. Caso tenha filhos, qual é a faixa etária:

() menos de 3 anos () 4-7 () 8-11 () 12-15 () mais de 16

11. Já viajou a outro país: (☒) sim Qual? Estados Unidos da América
() não

12. Descreva o seu trabalho neste projeto de tradução:

Sou tradutora voluntária junto de mais quatro amigas que recebem semanalmente um capítulo do Romance Nova Revolução Humana de autoria do escritor Daisaku Ikeda e que a cada dois meses recebe uma ou duas páginas da revista SGI Quarterly para traduzir em, no máximo uma semana.

13. Qual é a sua motivação para realizar esse trabalho voluntário?

Como membro-associada da Associação Brasil Soka Gakkai Internacional, realizar esse trabalho me é uma grande oportunidade de aprimorar o “meu inglês” em algo grandioso que como simples professora de inglês em escolas públicas jamais teria.

14. Em que sentido a tradução realizada por este grupo é relevante?

Colaborar na difusão dos ideais da organização supra-citada de Paz, Cultura e Educação aos associados e simpatizantes brasileiros.

15. Meu trabalho é prejudicado quando:

Tenho problemas com o microcomputador ou surgem diversos compromisso na semana que me atrasam na entrega da tradução.

16. Minhas traduções são revisadas por outro tradutor:

(X) sempre () quase sempre () às vezes () raramente () nunca

Por quê? Por ter termos que são usados dentro da organização e que devem estar alinhados entre todas as tradutoras.

17. Os comentários sobre a tradução revisada são:

() insuficientes (X) adequados () demasiados

18. Há contato / troca de informações com:

Outros colegas tradutores:

() diariamente () semanalmente (X) às vezes () raramente () nunca

O coordenador(a) do projeto:

() diariamente () semanalmente (X) às vezes () raramente () nunca

A editora:

() diariamente () semanalmente () às vezes (X) raramente () nunca

Outros profissionais:

() diariamente () semanalmente (X) às vezes () raramente () nunca

19. Quais recursos / ferramentas / materiais utiliza para auxiliar o trabalho de tradução?

Dicionários de inglês, português, glossário da revisora (acrescido às palavras que incluo), glossário de termos budistas, internet tradutor online, dicionários de inglês online, diálogo com colegas da área ou com as meninas do grupo de tradução quando muito necessário.

20. Quais as principais fontes de pesquisa que utiliza para atualizar o seu trabalho de tradução?

(X) dicionários () livros () revistas (X) Internet

21. Quais os aspectos mais importantes para realizar uma boa tradução, considerando os aspectos textuais, prazos, leitor, normas, etc?

1. Comprometimento;

2. Leitura e interpretação; tradução; releitura;

3. Interpretação voltada ao idioma final (no caso, o português);

4. Ferramentas adequadas voltadas à tradução (ver 19);

5. Orientação da revisora e coordenadora do grupo, principalmente para padronizar termos;

6. Ler o texto publicado e outras publicações da editora para se familiarizar dos termos a serem usados nas traduções.

6. Nome: LUCI GOSHIMA DA COSTA Data: 15/07/2010

1. Sexo: ☒ (X) feminino ☐ () masculino
2. Faixa etária: ☐ () 20-29 ☐ () 30-39 ☒ (X) 40-49 ☐ () mais de 50
3. Escolaridade: ☒ (X) Superior completo na área de tradução
☐ () Superior completo em outra área
☐ () Superior incompleto na área de tradução
☐ () Superior incompleto em outra área
☐ () Ensino Médio
4. Tempo de experiência como tradutor profissional: ☐ (10) anos
5. Tempo de experiência como tradutor voluntário: ☐ (17) anos
6. Profissão em que atua neste momento: TRADUTORA
7. Idiomas de tradução: ☒ (X) inglês ☐ () espanhol ☐ () japonês ☐ () francês
8. Estado Civil: ☒ (X) casado(a)
☐ () solteiro (a)
☐ () divorciado(a)
9. Filhos: ☐ () sim Quantos? _____ ☒ (X) não
10. Caso tenha filhos, qual é a faixa etária:
☐ () menos de 3 anos ☐ () 4-7 ☐ () 8-11 ☐ () 12-15 ☐ () mais de 16
11. Já viajou a outro país: ☒ (X) sim Qual? Japão, Inglaterra, Escócia, País de Gales, Espanha, França, Itália, Estados Unidos.
☐ () não
12. Descreva o seu trabalho neste projeto de tradução:
Traduzir, revisar e treinar tradutoras e intérpretes com o objetivo de “criar pontes de amizade e de paz no mundo”.
13. Qual é a sua motivação para realizar esse trabalho voluntário?
É recompensador dedicar-se a algo em prol do bem das pessoas e da sociedade.
14. Em que sentido a tradução realizada por este grupo é relevante?
Justamente porque tem todo um sentido, conforme expliquei acima, de bem-estar individual e social.
15. Meu trabalho é prejudicado quando:

Estou muito cansada; perco a concentração; quando outra pessoa revisa mas distorce o sentido; quando estou com pressa etc.

16. Minhas traduções são revisadas por outro tradutor:

() sempre (X) quase sempre () às vezes () raramente () nunca
Por quê? É praxe e ajuda muito, pois sabemos que por mais que se leia algo, sempre escapa um erro ou outro, mesmo que seja somente de digitação.

17. Os comentários sobre a tradução revisada são:

() insuficientes (X) normalmente adequados () demasiados

18. Há contato / troca de informações com:

Outros colegas tradutores:

() diariamente () semanalmente (X) às vezes () raramente () nunca

O coordenador(a) do projeto:

() diariamente () semanalmente (X) às vezes () raramente () nunca

A editora:

(X) diariamente () semanalmente () às vezes () raramente () nunca

Outros profissionais:

() diariamente () semanalmente (X) às vezes () raramente () nunca

19. Quais recursos / ferramentas / materiais utiliza para auxiliar o trabalho de tradução?
Dicionários, internet, enciclopédias, outros livros no idioma de chegada etc.

20. Quais as principais fontes de pesquisa que utiliza para atualizar o seu trabalho de tradução?

(X) dicionários (X) livros () revistas (X) Internet

21. Quais os aspectos mais importantes para realizar uma boa tradução, considerando os aspectos textuais, prazos, leitor, normas, etc?

Ler muito e de tudo um pouco; ter prazos razoáveis; ter curiosidade para pesquisar até encontrar os melhores termos para o contexto.

7. Nome: Lyvia Beck dos Santos Data: 19/06/2009

1. Sexo: (X) feminino () masculino

2. Faixa etária: (X) 20-29 () 30-39 () 40-49 () mais de 50

3. Escolaridade: (X) Superior completo na área de tradução
() Superior completo em outra área
() Superior incompleto na área de tradução
() Superior incompleto em outra área
() Ensino Médio

4. Tempo de experiência como tradutor profissional: (0) anos

5. Tempo de experiência como tradutor voluntário: (2) anos

6. Profissão em que atua neste momento: Professora de inglês

7. Idiomas de tradução: (☒) inglês () espanhol () japonês () francês

8. Estado Civil: () casado(a)
(☒) solteiro (a)
() divorciado(a)

9. Filhos: () sim Quantos? _____ (☒) não

10. Caso tenha filhos, qual é a faixa etária:
() menos de 3 anos () 4-7 () 8-11 () 12-15 () mais de 16

11. Já viajou a outro país: (☒) sim Qual? Estados Unidos
() não

12. Descreva o seu trabalho neste projeto de tradução:
Realizo traduções e revisões semanalmente.

13. Qual é a sua motivação para realizar esse trabalho voluntário?
O que me motiva é poder ajudar as pessoas a compreenderem o que está sendo falado na outra língua, porque algumas não têm conhecimento da língua de partida.

14. Em que sentido a tradução realizada por este grupo é relevante?
Por meio desta tradução, podemos transmitir a mensagem para as pessoas de todo o país.

15. Meu trabalho é prejudicado quando:
Na tradução, ele é prejudicado quando há uma palavra ou trecho que não tem correspondente na língua de chegada e na revisão quando as outras pessoas do grupo não entregam a tradução no prazo.

16. Minhas traduções são revisadas por outro tradutor:
(☒) sempre () quase sempre () às vezes () raramente () nunca
Por quê?

17. Os comentários sobre a tradução revisada são:
() insuficientes (☒) adequados () demasiados

18. Há contato / troca de informações com:
Outros colegas tradutores:
() diariamente () semanalmente (☒) às vezes () raramente () nunca
O coordenador(a) do projeto:
() diariamente (☒) semanalmente () às vezes () raramente () nunca

A editora:

() diariamente (X) semanalmente () às vezes () raramente () nunca

Outros profissionais:

() diariamente () semanalmente () às vezes (X) raramente () nunca

19. Quais recursos / ferramentas / materiais utiliza para auxiliar o trabalho de tradução? Dicionários inglês/português, inglês/inglês/ português/português, sites como Google, Wikipedia e da BSGI e às vezes livros.

20. Quais as principais fontes de pesquisa que utiliza para atualizar o seu trabalho de tradução?

(X) dicionários () livros () revistas (X) Internet

21. Quais os aspectos mais importantes para realizar uma boa tradução, considerando os aspectos textuais, prazos, leitor, normas, etc?

Pesquisar se o termo possui sinônimos para que soe melhor no contexto, fazer pesquisar quando necessário, verificar se há coesão, procurar usar palavras que as pessoas entendam e entregar no prazo estipulado para que não haja atraso na revisão.

8. Nome: Thamiris Beck dos Santos Data: 08/7/2010

1. Sexo: (X) feminino () masculino

2. Faixa etária: (X) 20-29 () 30-39 () 40-49 () mais de 50

3. Escolaridade: () Superior completo na área de tradução
() Superior completo em outra área
() Superior incompleto na área de tradução
(X) Superior incompleto em outra área
() Ensino Médio

4. Tempo de experiência como tradutor profissional: () anos

5. Tempo de experiência como tradutor voluntário: (3) anos

6. Profissão em que atua neste momento: Recepcionista

7. Idiomas de tradução: (X) inglês () espanhol () japonês () francês

8. Estado Civil: () casado(a)
(X) solteiro (a)
() divorciado(a)

9. Filhos: () sim Quantos? _____ (X) não

10. Caso tenha filhos, qual é a faixa etária:

() menos de 3 anos () 4-7 () 8-11 () 12-15 () mais de 16

11. Já viajou a outro país: () sim Qual?

_____ (X) não

12. Descreva o seu trabalho neste projeto de tradução:

Tradução de orientações e mensagens do nosso mestre, Dr. Daisaku Ikeda.

13. Qual é a sua motivação para realizar esse trabalho voluntário?

Através desse trabalho consigo me aprimorar e me desenvolver, e também tenho a oportunidade de ajudar outras pessoas.

14. Em que sentido a tradução realizada por este grupo é relevante?

É através de nossas traduções que os membros do Brasil tem a oportunidade de ler textos, matérias, mensagens, enfim, todos que até então não tem tradução. Da mesma forma, membros do exterior podem ler mensagens e textos direcionados diretamente ao Brasil, no caso de traduzirmo-los.

15. Meu trabalho é prejudicado quando:

Faltam recursos para que a tradução seja feita de forma adequada.

16. Minhas traduções são revisadas por outro tradutor:

(X) sempre () quase sempre () às vezes () raramente () nunca

Por quê? Sempre peço para alguém revisar, pois às vezes tenho dúvidas, e esse alguém pode sugerir melhorias no meu texto.

17. Os comentários sobre a tradução revisada são:

() insuficientes (X) adequados () demasiados

18. Há contato / troca de informações com:

Outros colegas tradutores:

() diariamente () semanalmente (X) às vezes () raramente () nunca

O coordenador(a) do projeto:

() diariamente () semanalmente (X) às vezes () raramente () nunca

A editora:

() diariamente () semanalmente () às vezes (X) raramente () nunca

Outros profissionais:

() diariamente () semanalmente (X) às vezes () raramente () nunca

19. Quais recursos / ferramentas / materiais utiliza para auxiliar o trabalho de tradução?

Dicionários, internet, ajuda de outros companheiros

20. Quais as principais fontes de pesquisa que utiliza para atualizar o seu trabalho de tradução?

() dicionários () livros () revistas (X) Internet

21. Quais os aspectos mais importantes para realizar uma boa tradução, considerando os aspectos textuais, prazos, leitor, normas, etc?

Acredito que é transmitir a idéia do texto, o sentimento que este deve passar a quem estiver lendo.

Apêndice B — Questionário aplicado aos tradutores perfil

1. Nome: Andréa Ozeki_____ **Data: 12/07/2010**

Dados Pessoais

1. Naturalidade: Paulista – São Paulo
2. Nacionalidade: Brasileira
3. Profissão: Relações Públicas
4. Idade: 27 anos
5. Por que escolheu essa profissão? Identifico-me muito com o contato com os diversos públicos, gosto da área de comunicação.
6. Ocupação atual: Supervisora
7. Instituição em que trabalha:
8. Ramo de atividade:
9. Com qual idade ingressou no mercado de trabalho? 18 anos
10. Quantas horas trabalha diariamente? 9 horas
11. Quantas pessoas residem em sua casa? 4
12. Onde você e seus pais moraram a maior parte da vida (bairro, cidade)? No Bairro Jardim Silvina em São Bernardo do Campo
13. Quantas pessoas na sua família exercem atividade remunerada? 2 pessoas
14. Qual é a renda mensal de sua família (pessoas que residem na mesma casa)?
☐ R\$ 510,00 a R\$ 1.530,00
☐ R\$ 1.531,00 a R\$ 4.500,00
☒ R\$ 4.501,00 a R\$ 13.500,00
☐ R\$ 13.501,00 a R\$ R\$ 40.500,00
☐ Acima de R\$ R\$ 40.500,00

Escolaridade

15. Cursou o ensino fundamental em escola:
☒ pública ☐ privada
16. Cursou o ensino médio em escola:
☒ pública ☐ privada
17. Cursou o ensino superior em instituição:
☐ pública ☒ privada
18. Qual é o nível de escolaridade de seus pais, avós maternos e paternos e irmãos?
 Pai: Ensino médio
 Mãe: Ensino Fundamental
 Avós: Vieram do Japão e não estudaram apesar de serem jovens.
 Irmã: Ensino Superior completo/pós graduação

Informações profissionais

19. Qual é a profissão de seus pais, avós maternos e paternos e irmãos? Se aposentados, indicar a profissão na qual se aposentaram.
 Pai: Gerente de produção
 Avós: Trabalhavam por conta – plantações.

Informações organizacionais

20. Há quanto tempo é associado da Soka Gakkai? Desde que nasci
21. Quantos anos tinha na ocasião de seu ingresso?
22. Como conheceu essa ONG? Meus pais praticam desde que eu nasci
23. Algum membro de sua família também é associado? Há quanto tempo? Todos
24. No seu círculo de amigos, os associados da Soka Gakkai são maioria, minoria ou 50%? 50%
25. Qual a sua religião? Budista
26. Você é praticante? Sim
27. Você está satisfeito com seu estilo de vida até o momento? Sim
28. O que você gostaria de deixar de fazer? Trabalhar além do meu horário.
29. O que você gostaria de fazer a mais? Fazer academia, ler mais livros.
30. Você costuma discutir o assunto política? Com qual frequência? Raramente com meu sogro e namorado.

Informações Culturais

31. Durante os fins de semana costuma:

	Muito	Pouco	Nunca	Regularmente
Cinema				x
Viagens				X
Teatro		X		
TV/DVD	x			
Shows			x	
Museus			X	
Exposições		X		
Esporte			X	
Restaurante	X			
Passear				X
Shoppings				
Organizações Sociais	X			
Cultos religiosos				
Leitura		X		
Festas		X		
Danceterias			X	
Animais	x			

32. Onde você e sua família costumam passar férias? Geralmente, marcamos uma viagem para o interior ou praias.
33. Entre as cidades que você conhece no Brasil e/ou no exterior qual a que você mais gostou? Aracaju
34. O que costuma ou prefere ler? Drama / Romance Nova Revolução Humana e jornais semanais da organização que pertencem
35. Qual o último livro que você leu? Cite o autor. – Comer/Rezar e amar – de Elizabeth Gilbert
36. Há quanto tempo leu o último livro? 2 meses
37. Quantos livros costuma ler anualmente? 2
38. Quais são os dois autores de romance (nacionais e estrangeiros) que mais admira?

39. Qual o jornal que costuma ler? Folha de São Paulo / Terra online
40. Qual parte do jornal que mais gosta de ler? Economia / Entretenimento / e assuntos gerais (que geralmente se encontram na capa)
41. Qual foi o último filme que assistiu? Você saberia dizer quem era o diretor e o elenco (sem pesquisar!)? Sherlock Holmes – Não sei quem é o diretor – não sei quem era o diretor e o elenco...
42. Qual o gênero de música que mais gosta? MPB, Pop Rock
43. Cite três músicos nacionais e estrangeiros que mais admira. -
44. Quais são os seus programas de televisão preferidos?
☒ informativos	☐ novelas
☒ filmes	☐ seriados
☐ esportes	☒ variedades
☐ musicais	☐ outros
45. Qual é a sua comida preferida? Massa
46. Qual é a sua bebida preferida? Suco de maracujá
47. Entre os adjetivos abaixo, assinale aqueles que expressam as qualidades pessoais que você mais admira:
☒ educado	☐ paciente
☐ artista	☐ refinado
☒ dinâmico	☐ sofisticado
☒ otimista	☒ voluntário
☐ ponderado	☐ organizado
48. Entre as qualidades acima mencionadas, quais as três menos importantes? Sofisticado / refinado / artista

2. Nome: _Carla Viviane Pereira Fontes___ Data: __07/07/10

Dados Pessoais

1. Naturalidade: Rio de Janeiro
 2. Nacionalidade: Brasileira
 3. Profissão: Profissional de Responsabilidade Social
 4. Idade: 28 anos
 5. Por que escolheu essa profissão? Afinidade. Preocupação com o mundo, vontade de contribuir com a vida no presente e no futuro.
 6. Ocupação atual: Analista de Responsabilidade Social
 7. Instituição em que trabalha: Petrobras
 8. Ramo de atividade: Responsabilidade Social
 9. Com qual idade ingressou no mercado de trabalho? 16 anos
 10. Quantas horas trabalha diariamente? 9 horas
 11. Quantas pessoas residem em sua casa? 4 pessoas
 12. Onde você e seus pais moraram a maior parte da vida (bairro, cidade)? Recreio dos Bandeirantes, Rio de Janeiro
 13. Quantas pessoas na sua família exercem atividade remunerada? 3 pessoas
 14. Qual é a renda mensal de sua família (pessoas que residem na mesma casa)?
☐ R\$ 510,00 a R\$ 1.530,00
☐ R\$ 1.531,00 a R\$ 4.500,00
☐ R\$ 4.501,00 a R\$ 13.500,00
☒ R\$ 13.501,00 a R\$ R\$ 40.500,00
☐ Acima de R\$ R\$ 40.500,00

Escolaridade

15. Cursou o ensino fundamental em escola:
 () pública (X) privada
16. Cursou o ensino médio em escola:
 () pública (X) privada
17. Cursou o ensino superior em instituição:
 () pública (X) privada
18. Qual é o nível de escolaridade de seus pais, avós maternos e paternos e irmãos?
 Irmão: superior incompleto
 Mãe: superior completo
 Pai: ensino fundamental
 Avós paternos e maternos: ensino fundamental

Informações profissionais

19. Qual é a profissão de seus pais, avós maternos e paternos e irmãos? Se aposentados, indicar a profissão na qual se aposentaram.
 Irmão: estudante
 Mãe: advogada
 Pai: supervisor de segurança
 Avó materna: copeira de hospital
 Avô materno: sapateiro
 Avó paterna: merendeira
 Avô paterno: zelador de escola

Informações organizacionais

20. Há quanto tempo é associado da Soka Gakkai? Há 9 anos como associada, mas total de 12 anos como freqüentadora.
21. Quantos anos tinha na ocasião de seu ingresso? 20 anos como associada, mas desde os 17 anos freqüente.
22. Como conheceu essa ONG? Através de uma amiga.
23. Algum membro de sua família também é associado? Há quanto tempo? Uma prima. Há 3 anos.
24. No seu círculo de amigos, os associados da Soka Gakkai são maioria, minoria ou 50%? Maioria
25. Qual a sua religião? Budista
26. Você é praticante? Sim
27. Você está satisfeito com seu estilo de vida até o momento? Sim.
28. O que você gostaria de deixar de fazer? Trabalhar tantas horas.
29. O que você gostaria de fazer a mais? Atividades físicas e viajar.
30. Você costuma discutir o assunto política? Com qual frequência? Pouco. Talvez uma vez por semana com amigos ou família, mas sempre conversas informais.

Informações Culturais

31. Durante os fins de semana costuma:

	Muito	Pouco	Nunca	Regularmente
Cinema	X			
Viagens		X		
Teatro	X			
TV/DVD	X			
Shows		X		
Museus		X		

Exposições		X		
Esporte				X
Restaurante	X			
Passear Shoppings		X		
Organizações Sociais				X
Cultos religiosos				X
Leitura				X
Festas	X			
Danceterias		X		
Animais				X

32. Onde você e sua família costumam passar férias? Não tem lugar certo. Vamos a Cabo Frio, há dois anos fomos à Europa, mas não tem nenhuma rotina.
33. Entre as cidades que você conhece no Brasil e/ou no exterior qual a que você mais gostou? Brasília, Buenos Aires, Montreal e Londres
34. O que costuma ou prefere ler? Revistas como Veja, Exame, Livros sobre Budismo, Livros de literatura infanto-juvenil
35. Qual o último livro que você leu? Cite o autor. Experiências Empresariais em Sustentabilidade. Fernando Almeida
36. Há quanto tempo leu o último livro? 1 semana
37. Quantos livros costuma ler anualmente? Uns 20 livros
38. Quais são os dois autores de romance (nacionais e estrangeiros) que mais admira? José de Alencar e Rousseau (muito difícil escolher apenas dois como preferidos)
39. Qual o jornal que costuma ler? O Globo
40. Qual parte do jornal que mais gosta de ler? Mundo
41. Qual foi o último filme que assistiu? Você saberia dizer quem era o diretor e o elenco (sem pesquisar!)? Instinto, o diretor não, mas é um filme com o Anthony Hopkins e Cuba Gooding Jr.
42. Qual o gênero de música que mais gosta? MPB/ pop
43. Cite três músicos nacionais e estrangeiros que mais admira. Lenine, Milton Guedes, Michael Jackson
44. Quais são os seus programas de televisão preferidos?
- (**X**) informativos () novelas
- (**X**) filmes (**X**) seriados
- () esportes (**X**) variedades
- () musicais () outros
45. Qual é a sua comida preferida? Pizza
46. Qual é a sua bebida preferida? Chocolate quente
47. Entre os adjetivos abaixo, assinale aqueles que expressam as qualidades pessoais que você mais admira:
- (**X**) educado (**X**) paciente
- () artista () refinado
- (**X**) dinâmico (**X**) sofisticado
- (**X**) otimista (**X**) voluntário
- () ponderado () organizado

48. Entre as qualidades acima mencionadas, quais as três menos importantes?
Artista, refinado e ponderado.

3. Nome: Carolina Araújo de Azevedo Data: 03/08/1983

Dados Pessoais

1. Naturalidade: rio de janeiro
2. Nacionalidade: brasileira
3. Profissão: advogada
4. Idade: 26
5. Por que escolheu essa profissão? Queria ser diplomata
6. Ocupação atual: advogada / professora
7. Instituição em que trabalha: Rocha e Barcellos Advogados / UFRJ
8. Ramo de atividade: jurídica / jurídica
9. Com qual idade ingressou no mercado de trabalho? 20 anos com estagiária
10. Quantas horas trabalha diariamente? 10
11. Quantas pessoas residem em sua casa? 2 (contando comigo)
12. Onde você e seus pais moraram a maior parte da vida (bairro, cidade)? Rio de janeiro (zona norte, Bonsucesso, Penha, Tijuca)
13. Quantas pessoas na sua família exercem atividade remunerada? 1 (eu, minha mãe está aposentada)
14. Qual é a renda mensal de sua família (pessoas que residem na mesma casa)?
☐ R\$ 510,00 a R\$ 1.530,00
☐ R\$ 1.531,00 a R\$ 4.500,00
☒ R\$ 4.501,00 a R\$ 13.500,00
☐ R\$ 13.501,00 a R\$ R\$ 40.500,00
☐ Acima de R\$ R\$ 40.500,00

Escolaridade

15. Cursou o ensino fundamental em escola:
☐ pública ☒ privada
16. Cursou o ensino médio em escola:
☒ pública ☐ privada
17. Cursou o ensino superior em instituição:
☒ pública ☐ privada
18. Qual é o nível de escolaridade de seus pais, avós maternos e paternos e irmãos?
 Meus pais ensino superior completo (mãe – odontologia, pai – analista de sistemas; avós maternos: avó – aprendeu a ler e a escrever sozinha (frequentou apenas 3 meses a escola segundo minha mãe) e avô - antiga escola primária; avós paterno – não tenho informação)

Informações profissionais

19. Qual é a profissão de seus pais, avós maternos e paternos e irmãos? Se aposentados, indicar a profissão na qual se aposentaram. Mãe – dentista; pai – analista de sistemas (ambos aposentados); avó materna – costureira; avô materno – vendedor do comércio

Informações organizacionais

20. Há quanto tempo é associado da Soka Gakkai? 7 anos
21. Quantos anos tinha na ocasião de seu ingresso? 19 anos

22. Como conheceu essa ONG? Uma amiga de minha tia.
 23. Algum membro de sua família também é associado? Há quanto tempo? Sim, 4.
 Uma tia – desde 1996; minha mãe e prima - 2001
 24. No seu círculo de amigos, os associados da Soka Gakkai são maioria, minoria ou 50%? minoria
 25. Qual a sua religião? budista
 26. Você é praticante? sim
 27. Você está satisfeito com seu estilo de vida até o momento? Não.
 28. O que você gostaria de deixar de fazer? Trabalhar na area onde eu atuo – direito do trabalho.
 29. O que você gostaria de fazer a mais? Estudar outras linguas, aprender a tocar piano, jogar tenis, cantar, estudar.
 30. Você costuma discutir o assunto política? Com qual frequência? Sim, sempre que posso.

Informações Culturais

31. Durante os fins de semana costuma:

	Muito	Pouco	Nunca	Regularmente
Cinema		X		
Viagens		X		
Teatro		X		
TV/DVD	X			
Shows				X
Museus		X		
Exposições		X		
Esporte				X
Restaurante		X		
Passear Shoppings				X
Organizações Sociais		X		
Cultos religiosos				X
Leitura		X		
Festas		X		
Danceterias			X	
Animais	X			

32. Onde você e sua família costumam passar férias? Não costumamos viajar para os mesmos lugares. Na maioria das vezes viajamos pelo Brasil.
 33. Entre as cidades que você conhece no Brasil e/ou no exterior qual a que você mais gostou? Nova Iorque
 34. O que costuma ou prefere ler? Costumo ler. Gosto mais de ouvir.
 35. Qual o último livro que você leu? Cite o autor. Uma breve história do mundo. Geoffrey Blainey
 36. Há quanto tempo leu o último livro? 1 mês
 37. Quantos livros costuma ler anualmente? 5
 38. Quais são os dois autores de romance (nacionais e estrangeiros) que mais admira? Não tenho preferencia
 39. Qual o jornal que costuma ler? O globo
 40. Qual parte do jornal que mais gosta de ler? economia

41. Qual foi o último filme que assistiu? Você saberia dizer quem era o diretor e o elenco (sem pesquisar!)? Eclipse. Não tenho boa memória para atores e diretores
42. Qual o gênero de música que mais gosta? rock
43. Cite três músicos nacionais e estrangeiros que mais admira. Jon Bon jovi; Eddi Vedder - Pearl Jam; Rodrigo Amarante e Marcelo Camelo – Los Hermanos
44. Quais são os seus programas de televisão preferidos?
☐ informativos	☐ novelas
☒ filmes	☒ seriados
☒ esportes	☐ variedades
☐ musicais	☒ outros - noticiários
45. Qual é a sua comida preferida? Carne
46. Qual é a sua bebida preferida? pepsí
47. Entre os adjetivos abaixo, assinale aqueles que expressam as qualidades pessoais que você mais admira:
☐ educado	☐ paciente
☐ artista	☐ refinado
☐ dinâmico	☐ sofisticado
☒ otimista	☐ voluntário
☐ ponderado	☐ organizado
48. Entre as qualidades acima mencionadas, quais as três menos importantes?
Organizado; sofisticado; refinado.

4. Nome: LUCI GOSHIMA DA COSTA Data: 15/07/2010

Dados Pessoais

1. Naturalidade: BRASILEIRA
 2. Nacionalidade: BRASILEIRA
 3. Profissão: TRADUTORA/INTÉRPRETE E PROFESSORA
 4. Idade: 44
 5. Por que escolheu essa profissão? PORQUE SEMPRE GOSTEI DE IDIOMAS
 6. Ocupação atual: TRADUTORA
 7. Instituição em que trabalha: EDITORA BRASIL SEIKYO LTDA.
 8. Ramo de atividade: FILOSOFIA BUDISTA DA SOKA GAKKAI - LINHAGEM NITIREN
 9. Com qual idade ingressou no mercado de trabalho? EM TRADUÇÃO, POR VOLTA DOS 30
 10. Quantas horas trabalha diariamente? 8H
 11. Quantas pessoas residem em sua casa? EU E MINHA MÃE
 12. Onde você e seus pais moraram a maior parte da vida (bairro, cidade)? VÁRIOS BÁRRIOS EM SP
 13. Quantas pessoas na sua família exercem atividade remunerada? SOMENTE EU
 14. Qual é a renda mensal de sua família (pessoas que residem na mesma casa)?
☐ R\$ 510,00 a R\$ 1.530,00
☒ R\$ 1.531,00 a R\$ 4.500,00
☐ R\$ 4.501,00 a R\$ 13.500,00
☐ R\$ 13.501,00 a R\$ R\$ 40.500,00
☐ Acima de R\$ R\$ 40.500,00

Escolaridade

15. Cursou o ensino fundamental em escola:
 (X) pública () privada
 16. Cursou o ensino médio em escola:
 (X) pública () privada
 17. Cursou o ensino superior em instituição:
 () pública (X) privada
 18. Qual é o nível de escolaridade de seus pais, avós maternos e paternos e irmãos? TODOS PRIMÁRIO

Informações profissionais

19. Qual é a profissão de seus pais, avós maternos e paternos e irmãos? Se aposentados, indicar a profissão na qual se aposentaram.
 PAI (EM MEMÓRIA): VENDEDOR AUTÔNOMO; MÃE: ESCRITURÁRIA;
 AVÓ MATERNA: DO LAR; AVÔ MATERNO: BICOS EM SERVIÇOS
 GERAIS; AVÓ PATERNA: DO LAR; AVÔ PATERNO: NÃO ME LEMBRO,
 SÓ QUE MORREU ANTES DE MEU PAI NASCER; PROVAVELMENTE
 SERVIÇOS GERAIS.

Informações organizacionais

20. Há quanto tempo é associado da Soka Gakkai? 21 ANOS
 21. Quantos anos tinha na ocasião de seu ingresso? 21
 22. Como conheceu essa ONG? POR MEIO DE UMA AMIGA
 23. Algum membro de sua família também é associado? Há quanto tempo?
 MINHA MÃE; HÁ 20 ANOS
 24. No seu círculo de amigos, os associados da Soka Gakkai são maioria,
 minoria ou 50%? MAIORIA
 25. Qual a sua religião? BUDISMO NITIREN
 26. Você é praticante? SIM
 27. Você está satisfeito com seu estilo de vida até o momento? SIM
 28. O que você gostaria de deixar de fazer? NADA
 29. O que você gostaria de fazer a mais? VIAJAR
 30. Você costuma discutir o assunto política? Com qual frequência?
 ALGUMAS VEZES

Informações Culturais

31. Durante os fins de semana costuma:

	Muito	Pouco	Nunca	Regularmente
Cinema		X		
Viagens		X		
Teatro		X		
TV/DVD		X		
Shows				

	X			
Museus		X		
Exposições		X		
Esporte		X		
Restaurante				X
Passear Shoppings		X		
Organizações Sociais				X
Cultos religiosos				X
Leitura				X
Festas	X			
Danceterias	X			
Animais	X			

32. Onde você e sua família costumam passar férias? VIAGENS CURTAS PARA LUGARES DIVERSOS

33. Entre as cidades que você conhece no Brasil e/ou no exterior qual a que você mais gostou? NÃO TEM UMA ÚNICA, SÃO VÁRIAS: TÓQUIO, LONDRES, BARCELONA, MADRID, PARIS, ROMA, SIENA, FLORENÇA, VENEZA, ETC.

34. O que costuma ou prefere ler? FILOSOFIA BUDISTA, ROMANCES, CONTOS, POESIAS, REPORTAGENS SOBRE LUGARES.

35. Qual o último livro que você leu? Cite o autor. VIDA, UM ENIGMA, UMA JOIA PRECIOSA, DE DAISAKU IKEDA

36. Há quanto tempo leu o último livro? APROX. DOIS MESES ATRÁS.

37. Quantos livros costuma ler anualmente? 6

38. Quais são os dois autores de romance (nacionais e estrangeiros) que mais admira? JORGE AMADO E DAISAKU IKEDA
39. Qual o jornal que costuma ler? BRASIL SEIKYO E ESTADÃO
40. Qual parte do jornal que mais gosta de ler? EXPLICAÇÕES SOBRE FILOSOFIA, ASSUNTOS GERAIS
41. Qual foi o último filme que assistiu? Você saberia dizer quem era o diretor e o elenco (sem pesquisar!)? OLIVER TWIST, DE ROMAN POLANSKI
42. Qual o gênero de música que mais gosta? INSTRUMENTAL, CLÁSSICA E POP
43. Cite três músicos nacionais e estrangeiros que mais admira. TOQUINHO, DANIELA MERCURY E CELINE DION
44. Quais são os seus programas de televisão preferidos?
☒ (X) informativos	☐ () novelas
☒ (X) filmes	☒ (X) seriados
☐ () esportes	☒ (X) variedades
☒ (X) musicais	☐ () outros
45. Qual é a sua comida preferida? MASSAS
46. Qual é a sua bebida preferida? SUCO DE FRUTAS FRESCAS
47. Entre os adjetivos abaixo, assinale aqueles que expressam as qualidades pessoais que você mais admira:
☒ (X) educado	☒ (X) paciente
☐ () artista	☐ () refinado
☐ () dinâmico	☐ () sofisticado
☒ (X) otimista	☒ (X) voluntário
☒ (X) ponderado	☒ (X) organizado
48. Entre as qualidades acima mencionadas, quais as três menos importantes? ARTISTA, SOFISTICADO E REFINADO

5. Nome: Lyvia Beck dos Santos Data: 06/07/2010

Dados Pessoais

1. Naturalidade: São Paulo
 2. Nacionalidade: Brasileira
 3. Profissão: Técnico em logística
 4. Idade: 26
 5. Por que escolheu essa profissão? Porque é uma área que está crescendo e também precisa de pessoas que falem o inglês. Além disso, gosto bastante da área e ela é muito abrangente.
 6. Ocupação atual: Desempregada
 7. Instituição em que trabalha:
 8. Ramo de atividade:
 9. Com qual idade ingressou no mercado de trabalho? 21
 10. Quantas horas trabalha diariamente?
 11. Quantas pessoas residem em sua casa? 4
 12. Onde você e seus pais moraram a maior parte da vida (bairro, cidade)? Jardim Celeste, São Paulo
 13. Quantas pessoas na sua família exercem atividade remunerada? 2
 14. Qual é a renda mensal de sua família (pessoas que residem na mesma casa)?
- ☐ () R\$ 510,00 a R\$ 1.530,00
- ☒ (x) R\$ 1.531,00 a R\$ 4.500,00

- () R\$ 4.501,00 a R\$ 13.500,00
 () R\$ 13.501,00 a R\$ R\$ 40.500,00
 () Acima de R\$ R\$ 40.500,00

Escolaridade

15. Cursou o ensino fundamental em escola:

- (x) pública () privada

16. Cursou o ensino médio em escola:

- (x) pública () privada

17. Cursou o ensino superior em instituição:

- () pública (x) privada

18. Qual é o nível de escolaridade de seus pais, avós maternos e paternos e irmãos?

Mãe: Ensino Fundamental

Pai: Ensino Fundamental

Irmã: Ensino Superior Incompleto (cursando)

Avó materna: Analfabeta

Avó paterna: Ensino Fundamental (até a 4ª série)

Avô paterno: Ensino Fundamental (até a 4ª série)

Informações profissionais

19. Qual é a profissão de seus pais, avós maternos e paternos e irmãos? Se aposentados, indicar a profissão na qual se aposentaram.

Mãe: Do lar

Pai: Representante Comercial

Avós maternas: Do lar

Avô paterno: Cortador de calçados

Informações organizacionais

20. Há quanto tempo é associado da Soka Gakkai? 26 anos

21. Quantos anos tinha na ocasião de seu ingresso? Nasci em uma família que praticava o budismo.

22. Como conheceu essa ONG? Por meio da minha família.

23. Algum membro de sua família também é associado? Há quanto tempo? Mãe 33 anos, pai 25 anos, irmã 20 anos e avó materna 25 anos.

24. No seu círculo de amigos, os associados da Soka Gakkai são maioria, minoria ou 50%?

50%

25. Qual a sua religião?

Budista.

26. Você é praticante?

Sim.

27. Você está satisfeito com seu estilo de vida até o momento?

Sim.

28. O que você gostaria de deixar de fazer? Preocupar-me menos.

29. O que você gostaria de fazer a mais? Ir mais ao cinema, teatro, museu e exposições e viajar mais.

30. Você costuma discutir o assunto política? Com qual frequência?

Não. Pouca frequência.

Informações Culturais

31. Durante os fins de semana costuma: Muito Pouco Nunca Regularmente

Cinema - pouco
 Viagens - pouco
 Teatro - pouco
 TV/DVD - muito
 Shows - pouco
 Museus - pouco
 Exposições - pouco
 Esporte - pouco
 Restaurante - regularmente
 Passear Shoppings - regularmente
 Organizações Sociais - regularmente
 Cultos religiosos - muito
 Leitura - regularmente
 Festas - pouco
 Danceterias - nunca
 Animais – tenho um cachorro e saio muito com ele para passear na rua.

32. Onde você e sua família costumam passar férias?

Na praia, quando possível.

33. Entre as cidades que você conhece no Brasil e/ou no exterior qual a que você mais gostou?

Santa Catarina, Campos do Jordão e EUA.

34. O que costuma ou prefere ler?

Publicações e livros da BSGI.

35. Qual o último livro que você leu? Cite o autor.

O monge e o executivo – James C. Hunter.

36. Há quanto tempo leu o último livro?

3 meses.

37. Quantos livros costuma ler anualmente?

Poucos.

38. Quais são os dois autores de romance (nacionais e estrangeiros) que mais admira?

Daisaku Ikeda e Machado de Assis.

39. Qual o jornal que costuma ler?

Brasil Seikyo da BSGI.

40. Qual parte do jornal que mais gosta de ler?

Discursos do presidente Ikeda.

41. Qual foi o último filme que assistiu? Você saberia dizer quem era o diretor e o elenco (sem pesquisar!)?

Eclipse. Atores: Robert Pattinson e Kristen Stewart (não tenho certeza dos nomes). Não sei quem é o diretor.

42. Qual o gênero de música que mais gosta?

Rock e pop.

43. Cite três músicos nacionais e estrangeiros que mais admira.

Renato Russo, Dinho Ouro Preto e Cássia Eller.

Bono Vox do U2, Alanis Morissette e Laura Pausini.

44. Quais são os seus programas de televisão preferidos?

() informativos	() novelas
(x) filmes	(x) seriados
() esportes	(x) variedades
() musicais	() outros

45. Qual é a sua comida preferida?

Lasanha.

46. Qual é a sua bebida preferida?

Guaraná.

47. Entre os adjetivos abaixo, assinale aqueles que expressam as qualidades pessoais que você mais admira:

(x) educado () paciente

() artista () refinado

(x) dinâmico () sofisticado

() otimista () voluntário

() ponderado (x) organizado

48. Entre as qualidades acima mencionadas, quais as três menos importantes?

Refinado, sofisticado e artista.

6. Nome: **Thamiris Beck dos Santos** Data: **05/07/2010**

Dados Pessoais

1. Naturalidade: Paulista
2. Nacionalidade: Brasileira
3. Profissão: Agente de Comércio Exterior
4. Idade: 20 anos
5. Por que escolheu essa profissão? Pois além de falar um segundo idioma, gosto de fazer negociações
6. Ocupação atual: Recepcionista
7. Instituição em que trabalha: Produmaster Indústria e Comércio
8. Ramo de atividade: Produção e comercialização da matéria-prima do plástico
9. Com qual idade ingressou no mercado de trabalho? 16 anos
10. Quantas horas trabalha diariamente? 8 horas
11. Quantas pessoas residem em sua casa? 4 pessoas
12. Onde você e seus pais moraram a maior parte da vida (bairro, cidade)? São Paulo, capital
13. Quantas pessoas na sua família exercem atividade remunerada? 2 pessoas
14. Qual é a renda mensal de sua família (pessoas que residem na mesma casa)?
 () R\$ 510,00 a R\$ 1.530,00
 () R\$ 1.531,00 a R\$ 4.500,00
 (X) R\$ 4.501,00 a R\$ 13.500,00
 () R\$ 13.501,00 a R\$ R\$ 40.500,00
 () Acima de R\$ R\$ 40.500,00

Escolaridade

15. Cursou o ensino fundamental em escola:
 (X) pública () privada
16. Cursou o ensino médio em escola:
 (X) pública () privada
17. Cursou o ensino superior em instituição:
 () pública (X) privada
18. Qual é o nível de escolaridade de seus pais, avós maternos e paternos e irmãos? irmã: nível superior; mãe- 2º grau; pai- 1º grau; avós

não sei. (Narjara, eu não tenho certeza o dos meus pais, eu acredito que seja isso.)

Informações profissionais

19. Qual é a profissão de seus pais, avós maternos e paternos e irmãos?
Se aposentados, indicar a profissão na qual se aposentaram. Meu pai é representante comercial, minha mãe do lar, irmã aux. logística.

Informações organizacionais

20. Há quanto tempo é associado da Soka Gakkai? Sou Fukushi
21. Quantos anos tinha na ocasião de seu ingresso?
22. Como conheceu essa ONG?
23. Algum membro de sua família também é associado? Há quanto tempo? Todos na minha casa (minha irmã também é fukushi, minha mãe se converteu com 18 ou 19 anos e meu pai converteu-se em 1982.) E a minha avó, que se converteu um pouco depois de minha mãe.
24. No seu círculo de amigos, os associados da Soka Gakkai são maioria, minoria ou 50%? 50%
25. Qual a sua religião? Budista
26. Você é praticante? Sim
27. Você está satisfeito com seu estilo de vida até o momento? Sim
28. O que você gostaria de deixar de fazer? Acredito que nada!
29. O que você gostaria de fazer a mais? Gostaria de aprender um terceiro idioma (por enquanto não consigo por falta de tempo)
30. Você costuma discutir o assunto política? Com qual frequência? às vezes

Informações Culturais

31. Durante os fins de semana costuma:

	Muito	Pouco	Nunca	Regularmente
Cinema		x		
Viagens		x		
Teatro		x		
TV/DVD	x			
Shows			x	
Museus			x	
Exposições		x		
Esporte			x	
Restaurante	x			
Passear	x			
Shoppings				
Organizações Sociais		x		
Cultos religiosos	x			
Leitura	x			
Festas	x			
Danceterias		x		
Animais			x	

32. Onde você e sua família costumam passar férias? Geralmente em alguma praia

33. Entre as cidades que você conhece no Brasil e/ou no exterior qual a que você mais gostou? Poços de Caldas
34. O que costuma ou prefere ler? Romances
35. Qual o último livro que você leu? Cite o autor. É agora ou nunca, Marian Keyes
36. Há quanto tempo leu o último livro? 2 meses
37. Quantos livros costuma ler anualmente? 10
38. Quais são os dois autores de romance (nacionais e estrangeiros) que mais admira? Dr. Daisaku Ikeda.
39. Qual o jornal que costuma ler? Não costumo ler jornal
40. Qual parte do jornal que mais gosta de ler?
41. Qual foi o último filme que assistiu? Você saberia dizer quem era o diretor e o elenco (sem pesquisar!)? Eclipse! (assisti ontem!rs.) Não sei o diretor
42. Qual o gênero de música que mais gosta? Gosto de todos
43. Cite três músicos nacionais e estrangeiros que mais admira. O teatro mágico, Avril Lavigne, Paramore.
44. Quais são os seus programas de televisão preferidos?
☐ informativos	☐ novelas
☒ filmes	☒ seriados
☒ esportes	☐ variedades
☐ musicais	☐ outros
45. Qual é a sua comida preferida? Macarrão ao molho branco
46. Qual é a sua bebida preferida? Água
47. Entre os adjetivos abaixo, assinale aqueles que expressam as qualidades pessoais que você mais admira:
☒ educado	☒ paciente
☐ artista	☐ refinado
☒ dinâmico	☐ sofisticado
☒ otimista	☐ voluntário
☐ ponderado	☐ organizado
48. Entre as qualidades acima mencionadas, quais as três menos importantes? Difícil, todas as qualidades são importantes, mas acho que neste caso, artista, refinado e sofisticado.

Anexos – Leis da Sociedade Civil e do Voluntariado

LEGISLAÇÃO APLICÁVEL AO TERCEIRO SETOR

208

Lei nº 9.790, de 23 de março de 1999

Dispõe sobre a qualificação de pessoas jurídicas de direito privado, sem fins lucrativos, como Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público, institui e disciplina o termo de Parceria, e dá outras providências.

CAPÍTULO I

Da qualificação como organização da sociedade civil de interesse público

Art. 1º Podem qualificar-se como Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público as pessoas jurídicas de direito privado, sem fins lucrativos, desde que os respectivos objetivos sociais e normas constitucionais atendam aos requisitos instituídos por esta Lei.

§ 1º Para os efeitos desta Lei, considera-se sem fins lucrativos a pessoa jurídica de direito privado que não distribui, entre os seus sócios ou associados, conselheiros, diretores, empregados ou doadores, eventuais excedentes operacionais, lucros ou líquidos, dividendos, bonificações, participações ou partes do seu patrimônio, auferidos mediante o exercício de suas atividades, e que os aplica integralmente na consecução do respectivo objeto social.

§ 2º A outorga da qualificação prevista neste artigo é ato vinculado ao cumprimento dos requisitos instituídos por esta Lei.

Art. 2º Não são passíveis de qualificação como Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público ainda que se dediquem de qualquer forma às atividades descritas no art. 1º desta Lei:

- I – as sociedades comerciais;
- II – os sindicatos, as associações de classe ou de representação de categoria profissional;
- III – as instituições religiosas ou voltadas para a disseminação de crenças, cultos, práticas e valores devocionais e confessionais;
- IV – as organizações partidárias e assembleiadas, inclusive suas filiações;
- V – as entidades de benefício mútuo destinadas a proporcionar bens ou serviços a um círculo restrito de associados ou sócios;
- VI – as entidades e empresas que comercializam planos de saúde e assemelhados;
- VII – as instituições hospitalares privadas não gratuitas e suas mantenedoras;
- VIII – as escolas privadas dedicadas ao ensino formal não gratuito e suas mantenedoras;
- IX – as organizações cívicas;
- X – as cooperativas;
- XI – as fundações públicas;
- XII – as fundações, sociedades civis ou associações de direito privado criadas por órgão público ou por fundações públicas;
- XIII – as organizações creditícias que tenham quaisquer tipos de vinculação com o sistema financeiro nacional a que se refere o art. 192 da Constituição Federal.

Art. 3º A qualificação instituída por esta Lei, observado em qualquer caso o princípio da universalização dos serviços, no respectivo âmbito de atuação das organizações, somente será conferida às pessoas jurídicas de direito privado, sem fins lucrativos, cujos objetivos sociais tenham pelo menos uma das seguintes finalidades:

- I – promoção da assistência social;
- II – promoção da cultura, defesa e conservação do patrimônio histórico e artístico;
- III – promoção gratuita da educação, observando-se a forma complementar de participação das organizações de que trata esta Lei;
- IV – promoção gratuita da saúde, observando-se a forma complementar de participação das organizações de que trata esta Lei;
- V – promoção da segurança alimentar e nutricional;
- VI – defesa, preservação e conservação do meio ambiente e promoção do desenvolvimento sustentável;
- VII – promoção do voluntariado;
- VIII – promoção do desenvolvimento econômico e social e combate à pobreza;
- IX – experimentação, não-lucrativa, de novos modelos sócio-produtivos e de sistemas alternativos de produção, comércio, emprego e crédito;
- X – promoção de direitos estabelecidos, construção de novos direitos e assessoria jurídica gratuita de interesse suplementar;
- XI – promoção da ética, da paz, da cidadania, dos direitos humanos, da democracia e de outros valores universais;
- XII – estudos e pesquisas, desenvolvimento de tecnologias alternativas, produção e divulgação de informações e conhecimentos técnicos e científicos que digam respeito às atividades mencionadas neste artigo.

Parágrafo único. Para os fins deste artigo, a dedicação às atividades nele previstas configura-se mediante a execução direta de projetos, programas, planos de ações correlatas, por meio da doação de recursos físicos, humanos e financeiros, ou ainda pela prestação de serviços intermediários de apoio a outras organizações sem fins lucrativos e a órgãos do setor público que atuam em áreas afins.

Art. 4º Atendido o disposto no art. 3º, exige-se ainda, para qualificar-se como Organização da Sociedade Civil de Interesse Público, que as pessoas jurídicas interessadas sejam regidas por estatutos cujas normas expressamente discorram sobre:

- I – a observância dos princípios da legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade, economicidade e da eficiência;
- II – a adoção de políticas de gestão administrativa, necessárias e suficientes a combater a obtenção de lucro individual ou coletivo, de benefícios ou vantagens pessoais, em decorrência da participação no respectivo patrimônio;
- III – a constituição de conselho fiscal ou órgão equivalente, dotado de competência para opinar sobre os relatórios de desempenho financeiro e contábil, e sobre as operações patrimoniais realizadas, emitindo pareceres para os organismos superiores da entidade;

- IV - a previsão de que, em caso de dissolução da entidade, o respectivo patrimônio líquido será transferido a outra pessoa jurídica qualificada nos termos desta Lei, preferencialmente que tenha o mesmo objeto social da extinta;
- V - a previsão de que, na hipótese de a pessoa jurídica perder a qualificação instituída por esta Lei, o respectivo acervo patrimonial disponível, adquirendo caráter recasos públicos durante o período em que perdurar aquela qualificação, será transferido a outra pessoa jurídica qualificada nos termos desta Lei, preferencialmente que tenha o mesmo objeto social;
- VI - a possibilidade de se instituir remuneração para os dirigentes da entidade que atuam efetivamente na gestão executiva e para aqueles que a ela prestam serviços específicos, respeitados, em ambos os casos, os valores previstos pelo município ou região correspondente à sua área de atuação;
- VII - as normas de prestação de contas a serem observadas pela entidade, que determinam, no mínimo:
- a) observância dos princípios fundamentais de contabilidade e das Normas Brasileiras de Contabilidade;
 - b) que se dê publicidade por qualquer meio eficaz, no encerramento do exercício fiscal, ao relatório de atividades e das demonstrações financeiras da entidade, incluindo-se as rendições negativas de débitos junto ao INSS e ao FGTS, colocando-os à disposição para exame de qualquer cidadão;
 - c) a realização de auditoria, inclusive por auditores externos independentes se for o caso, da aplicação dos recursos recasos objeto do termo de parceria conforme previsto em regulamento;
 - d) a prestação de contas de todos os recursos e bens de origem pública recebidos pelas Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público será feita conforme determina o parágrafo único do art. 70 da Constituição Federal.

Art. 5º Cumpidos os requisitos dos arts. 3º e 4º desta Lei, a pessoa jurídica de direito privado sem fins lucrativos, interessada em obter a qualificação instituída por esta Lei, deverá formular requerimento escrito ao Ministério da Justiça, instruído com cópias autenticadas dos seguintes documentos:

- I - estatuto registrado em cartório;
- II - ata de eleição de sua atual diretoria;
- III - balanço patrimonial e demonstração de resultado do exercício;
- IV - declaração de isenção do imposto de renda;
- V - inscrição no Cadastro Geral de Contribuintes;

Art. 6º Recebido o requerimento previsto no artigo anterior, o Ministério da Justiça decidirá, no prazo de trinta dias, deferindo ou não o pedido:

- § 1º No caso de deferimento, o Ministério da Justiça emitirá, no prazo de quinze dias da decisão, certificado de qualificação da requerente como Organização da Sociedade Civil de Interesse Público;
- § 2º Indeferido o pedido, o Ministério da Justiça, no prazo do § 1º, dará ciência da decisão, mediante publicação no Diário Oficial;
- § 3º O pedido de qualificação somente será indeferido quando:

- I – o requerente enquadrar-se nas hipóteses previstas no art. 2º desta Lei;
- II – o requerente não atender aos requisitos descritos nos arts. 4º e 4º desta Lei;
- III – a documentação apresentada estiver incompleta.

Art. 7º Perde-se a qualificação de Organização da Sociedade Civil de Interesse Público, a pedido ou mediante decisão proferida em processo administrativo ou judicial de iniciativa popular ou do Ministério Público, no qual serão assegurados, ampla defesa e o devido contraditório.

Art. 8º Vedado o anônimo, e desde que amparado por fundadas evidências de erro ou fraude, qualquer cidadão, respeitadas as prerrogativas do Ministério Público, é parte legítima para requerer, judicial ou administrativamente, a perda da qualificação outorgada por esta Lei.

CAPÍTULO II

Do Termo de Parceria

Art. 9º É o instrumento de Termo de Parceria, assim considerado o instrumento passível de ser firmado entre o Poder Público e as entidades qualificadas como Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público destinadas à formação de vínculo de cooperação entre as partes, para o fomento e a execução das atividades de interesse público previstas no art. 3º desta Lei.

Art. 10. O Termo de Parceria firmado de comum acordo entre o Poder Público e as Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público discriminará direitos, responsabilidades e obrigações das partes signatárias.

§ 1º A celebração do Termo de Parceria será precedida de consulta aos Conselhos de Políticas Públicas das áreas correspondentes de âmbito existentes, nos respectivos níveis de governo.

§ 2º São cláusulas essenciais do Termo de Parceria:

- I – a do objeto, que conterá a especificação do programa de trabalho proposto pela Organização da Sociedade Civil de Interesse Público;
- II – a da estipulação das metas e dos resultados a serem atingidos e os respectivos prazos de execução ou cronograma;
- III – a da previsão expressa dos critérios objetivos de avaliação de desempenho a serem utilizados, mediante indicadores de resultado;
- IV – a da previsão de receitas e despesas a serem realizadas em seu cumprimento, estipulando item por item as categorias contábeis usadas pela organização e o detalhamento das remunerações e benefícios de pessoal a serem pagos, com recursos remetidos ou vinculados ao Termo de Parceria, a seus diretores, empregados e consultores;
- V – a que estabeleça as obrigações da Organização da Sociedade Civil de Interesse Público, entre as quais a de apresentar ao Poder Público, ao término de cada exercício, relatório sobre a execução do objeto do Termo de Parceria, contendo comparativo específico das metas propostas com os

resultados alcançados, acompanhado de prestação de contas dos gastos e receitas efetivamente realizados, independente das provisões mencionadas no inciso IV;

- VI – a de publicação, na imprensa oficial do Município, do Estado ou da União, conforme o alcance das deliberações celebradas entre o órgão parceiro e a Organização da Sociedade Civil de Interesse Público, de extrato do Termo de Parceria e de demonstrativo da sua execução física e financeira, conforme modelo simplificado estabelecido no regulamento desta Lei, contendo os dados principais da documentação obrigatória do inciso V, sob pena de não liberação dos recursos previstos no Termo de Parceria.

Art. 11. A execução do objeto do Termo de Parceria será acompanhada e fiscalizada pelo órgão do Poder Público cujas áreas de atuação correspondente à atividade fomentada, e pelos Conselhos de Políticas Públicas das áreas correspondentes de atuação existentes, em cada nível de governo.

- § 1º Os resultados atingidos com a execução do Termo de Parceria devem ser avaliados por comissão de avaliação, composta de comum acordo entre o órgão parceiro e a Organização da Sociedade Civil de Interesse Público.
- § 2º A comissão encaminhará à autoridade competente relatório conclusivo sobre a avaliação procedida.
- § 3º Os Termos de Parceria destinados ao fomento de atividades nas áreas de que trata esta Lei estarão sujeitos aos mecanismos de controle social previstos na legislação.

Art. 12. Os responsáveis pela fiscalização do Termo de Parceria, ao tomarem conhecimento de qualquer irregularidade ou ilegalidade na utilização de recursos ou bens de origem pública pela organização parceira, darão imediata ciência ao Tribunal de Contas respectivo e ao Ministério Público, sob pena de responsabilidade solidária.

Art. 13. Sem prejuízo da multa que se refere o art. 12 desta Lei, havendo indícios fundados de alienação de bens ou recursos de origem pública, os responsáveis pela fiscalização representado ao Ministério Público, à Advocacia Geral da União, para que requeram ao juízo competente a decretação da indisponibilidade dos bens da entidade e o sequestro dos bens dos seus dirigentes, bem como de agente público ou terceiro, que possam ter conseguido ilícitamente ou causado dano ao patrimônio público, além de outras medidas consubstanciadas na Lei nº 8.429, de 2 de junho de 1992, e na Lei Complementar nº 67, de 18 de maio de 1990.

- § 1º O pedido de sequestro será processado de acordo com o disposto nos arts. 822 e 825 do Código de Processo Civil.
- § 2º Quando for o caso, o pedido incluirá a investigação, o exame e o bloqueio de bens, contas bancárias e aplicações mantidas pelo demandado no País e no exterior, nos termos da lei e dos tratados internacionais.
- § 3º Até o término da ação, o Poder Público permanecerá como depositário e gestor dos bens e valores sequestrados ou indisponíveis e velará pela continuidade das atividades sociais da organização parceira.

FDLAPDC 52A/1

214

Art. 14. A organização poderá fazer publicar, no prazo máximo de trinta dias, contado da assinatura do Termo de Parceria, regulamento próprio enunciando os procedimentos que adotará para a contratação de obras e serviços, bem como para compras com emprego de recursos provenientes do Poder Público, observados os princípios estabelecidos no inciso I do art. 37 desta Lei.

Art. 15. Caso a organização adquira bem imóvel com recursos provenientes da celebração do Termo de Parceria, este será gravado com cláusula de inalienabilidade.

CAPÍTULO III

Das disposições finais e transitórias

Art. 16. É vedada às entidades qualificadas como Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público a participação em companhias de interesse público-partidário ou eleitoral, sob qualquer em nome ou forma.

Art. 17. O Ministério da Justiça permitirá, mediante requerimento dos interessados, livre acesso público a todas as informações pertinentes às Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público.

Art. 18. As pessoas jurídicas de direito privado sem fins lucrativos, qualificadas com base em outros diplomas legais, poderão qualificar-se como Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público, desde que atendidos os requisitos para tanto exigidos, sendo-lhes assegurada a manutenção simultânea dessas qualificações, até cinco anos contados da data de vigência desta Lei. (Redação determinada pela Medida Provisória 2.216-37, de 31/05/2003.)

§ 1º Findo o prazo de cinco anos, a pessoa jurídica interessada em manter a qualificação prevista nesta Lei deverá por ela optar, fato que implicará a renúncia automática de suas qualificações anteriores. (Redação determinada pela Medida Provisória 2.216-37, de 31/05/2003.)

§ 2º Caso não seja feita a opção prevista no parágrafo anterior, a pessoa jurídica perderá automaticamente a qualificação obtida nos termos desta Lei.

Art. 19. O Poder Executivo regulamentará esta Lei no prazo de trinta dias.

Art. 20. Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Lei nº 9.811, de 28 de julho de 1999

Lei das Organizações Voluntárias de 1999

Art. 25. Não poderão ser destinados recursos para atender despesas com:

Art. 24. A pessoa jurídica constituída ou utilizada, preponderantemente, com o fim de permitir, facilitar ou ocultar a prática de crime definido nesta Lei terá decretada sua liquidação forçada; seu patrimônio será considerado instrumento do crime e como tal perdido em favor do Fundo Penitenciário Nacional.

Lei nº 9.608, de 18 de fevereiro de 1998

Dispõe sobre o serviço voluntário e dá outras providências

Art. 1º Considera-se serviço voluntário, para fins desta Lei, a atividade não remunerada, prestada por pessoa física a entidade pública de qualquer natureza ou instituição privada de fins não lucrativos, que tenha objetivos cívicos, culturais, educacionais, científicos, recreativos ou de assistência social, inclusive mutualidade.

Parágrafo único: O serviço voluntário não gera vínculo empregatício, nem obrigação de natureza trabalhista, previdenciária ou afim.

Art. 2º O serviço voluntário será exercido mediante a celebração de termo de adesão entre a entidade, pública ou privada, e o prestador do serviço voluntário, dele devendo constar o objeto e as condições de seu exercício.

Art. 3º O prestador do serviço voluntário poderá ser ressarcido pelas despesas que comprovadamente realizar no desempenho das atividades voluntárias.

Parágrafo único: As despesas a serem ressarcidas deverão estar expressamente autorizadas pela entidade a que for prestado o serviço voluntário.

Lei nº 9.637, de 15 de maio de 1998

Dispõe sobre a qualificação de pessoas jurídicas de direito privado como organizações sociais

Art. 1º O Poder Executivo poderá qualificar como organizações sociais pessoas jurídicas de direito privado, sem fins lucrativos, cujas atividades sejam dirigidas ao ensino, à pesquisa científica, ao desenvolvimento tecnológico, à proteção e preservação do meio ambiente, à cultura e à saúde, atendidos aos requisitos previstos nesta Lei.

Art. 2º São requisitos específicos para que as entidades privadas referidas no artigo anterior habilitem-se à qualificação como organização social:

- I — comprovar o registro de sua ato constitutivo, disposto sobre:
 - a) natureza social de seus objetivos relativos à respectiva área de atuação;
 - b) finalidade não lucrativa, com a obrigatoriedade de investimento de seus excedentes financeiros no desenvolvimento das próprias atividades;